



GES Grupos de
Estudos
Sindicais

Semeando fazeres e saberes
EM COMUNIDADES RURAIS

SÉRIE
EXPERIÊNCIAS
ENFOC

ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO DA CONTAG – ENFOC

Equipe Pedagógica

Alonso Batista dos Santos – Assessor da Sec Geral

Amarildo Carvalho de Souza - Assessor de Org. e Formação

Antenor Martins de Lima Filho - Assessor de Org. e Formação

Antonio Gilberto Viegas da Silva – Assessor Regional Centro-Oeste

Antonio Ricardo Farani C. Matos – Assessor de Org. e Formação

Armando Santos Neto – Assessor da Secretaria de Jovens Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

Cléia Anice de M. Porto - Assessora de Políticas Agrária

Eliziário Noé Boeira Toledo - Assessor de Meio Ambiente

Givanilson Porfírio da Silva - Assessor Regional Nordeste

José Arnaldo de Brito – Assessor de Política Agrícola

José Lourenço Cadoná – Assessor Regional Sul

Junior César Dias – Sub-Seção Dieese

Marleide Barbosa de Sousa – Assessora de Fin. e Administração

Raimunda Oliveira Silva - Assessora de Org. e Formação

Sara Deolinda C. Pimenta - Assessora de Mulheres Trabalhadoras Rurais

Silvia Helena De-Zan – Assessora Regional Sudeste

Tânia Dornelles - Assessora de Políticas Sociais

EQUIPE OPERATIVA

Secretário de Formação e Organização Sindical

Juraci Moreira Souto

Coordenadora Pedagógica

Raimunda de Oliveira Silva

Assessores/Assessoras

Amarildo Carvalho de Souza

Antenor Martins de Lima Filho

Antonio Ricardo Farani C. Matos

Raimunda de Oliveira Silva

Secretária da ENFOC

Gisele Nunes de Sousa Lima

Assistente Técnica

Claudineia dos S. Souza

Ficha Técnica

Organizadores: Juraci Moreira Souto, Diretor da Contag, Agricultor Familiar, Técnico em Contabilidade

Raimunda de Oliveira Silva, Educadora Popular, Coordenadora Pedagógica da ENFOC

Elza Maria Fonseca Falkembach, Doutora em Ciências Humanas
Iara Duarte Lins, Advogada, Educadora Popular

Consultoria: Elza Maria Fonseca Falkembach, Doutora em Ciências Humanas

Colaboração: Amarildo Carvalho de Souza, Historiador, Educador Popular

Antenor Martins de Lima Filho, Sociólogo, Educador Popular

GES,
Semeando fazeres e saberes em
COMUNIDADES RURAIS

Juraci Souto
Raimunda de Oliveira
Elza Falkembach
Iara Lins
(Orgs.)

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA – CONTAG
ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO DA CONTAG – ENFOC

Brasília, 2013

Equipe de elaboração dos textos

Autores Alagoas

Ana Cristina Accioly - Educadora Popular, Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Assessora da FETAG-AL

Givaldo Teles - Agricultor, Educador Popular e Secretário de Organização e Formação da FETAG-AL

Autora Maranhão

Valdisléia de Oliveira Ribeiro - Educadora Popular e Assessora jurídica da FETAEMA

Autora Sergipe

Sanadia Gama dos Santos - Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Tiradentes (2008), Educadora Popular e Assessora da FETASE

Autora Pará

Maria Mirian F. Gomes – Agricultora, Educadora Popular da ENFOC

Francisco de Assis Solidade da Costa – Sec. de Formação e Org. Sindical da FETAGRI-PA

Helena Ferreira Cruz | Assessora da Secretaria de Formação da FETAGRI-PA

Diagramação e arte-final: Raphael C. Freitas

Revisão: Lolita Campos

Tiragem: 3.000 exemplares

Gráfica: Cidade Gráfica e Editora Ltda.

Fotos: Arquivo Enfoc

Ilustração do rodapé de todo o livro (desenho representando o povoado de Rua Nova/AL): criação de Carlos Alberto Pereira - Fetag-AL.

Catlogação na publicação

G132s

GES, semeando fazeres e saberes em Comunidades Rurais. 2. ed. rev. e ampl. / Juraci Moreira Souto; Raimunda de Oliveira Silva; Elza Falckembach; Iara Duarte Lins (Orgs.) – v. 4. - Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura / Escola Nacional de Formação Político-Sindical, 2013.

116p. il. 21x28 cm. (Experiências ENFOC).

ISBN: 978-85-63462-12-1

1. Educação sindical. II. Formação sindical. III. CONTAG. IV. ENFOC. V. Título. VI. Série.

CDU 370

Elaborado por: Alessandra dos Santos Araújo
CRB1 2479

APRESENTAÇÃO

A série *Experiências ENFOC* está constituída por um conjunto de publicações que veicula a produção de conhecimentos elaborada pelos educadores e educadoras populares da Escola Nacional de Formação da Contag¹, a ENFOC. Esta produção de conhecimentos se dá a partir da decisão da Escola de constituir a sistematização como parte da sua estratégia pedagógica, concedendo um lugar privilegiado para a reflexão coletiva das vivências da formação político-sindical que promove. É, portanto, resultado da “sistematização em processo” das suas práticas educativas. Com a sistematização, a Escola tem procurado refletir como a sua prática educativa vem contribuindo para que ocorram mudanças nas instâncias do Movimento e se estas mudanças estão contribuindo para melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores e trabalhadoras rurais que vivem no campo.

A ENFOC considera que a sistematização, ao promover a análise sobre os significados, relações e ações que dão identidade às suas práticas, tem mostrado capacidade para ampliar: as percepções dos sujeitos sobre as relações entre os movimentos de suas práticas singulares e as dinâmicas da sociedade; as suas capacidades de crítica sobre ambas e a eficácia das ações que desenvolvem.

A primeira publicação dessa série, intitulada *Repercussões de um jeito de ser escola* (2010), foi escrita pelo educadores e educadoras populares da ENFOC que participaram da primeira turma e teve como objeto da vivência o curso nacional e os regionais no período de 2006 a 2009. Nesta publicação, estão presentes depoimentos e análises, revelando que ocorreram mudanças significativas, individuais e coletivas nos sujeitos, com reflexos sobre os espaços de ação sindical e o papel da formação no fortalecimento da luta. Desta publicação, participaram representantes da Rede de Educadores e Educadoras Populares da ENFOC, que atuam nas cinco regionais da CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES

¹Doravante ENFOC.



NA AGRICULTURA² – CONTAG. Ressalta-se a importância da sistematização para o registro da história do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais³ – MSTTR, para o despertar da consciência crítica e empoderamento dos sujeitos que vivenciam estes processos.

A segunda publicação dessa série, *Multiplicação criativa, um entrelaçar de práticas e saberes* (2011), foi escrita pelos educadores e educadoras populares da ENFOC que participaram da segunda turma e teve como objeto a vivência dos Cursos Estaduais, Grupos de Estudos Sindicais⁴ – GES e a Rede de Educadores e Educadoras Populares da ENFOC. Nesta publicação, foi possível olhar para a formação e investigar como a Rede de Educadores e Educadoras Populares vem expandindo e recriando as suas atividades e como chega às comunidades rurais, por meio dos GES, e promove discussões sobre a história e práticas do Movimento, além de fortalecer a luta da classe trabalhadora. Foram 19 as federações envolvidas e suas produções foram agrupadas em quatro núcleos de singularidades identificados durante o processo investigativo: *O itinerário formativo reinventado; Espaços intermediários de GES; Matriz pedagógica* e *O entrelaçar de práticas e saberes*.

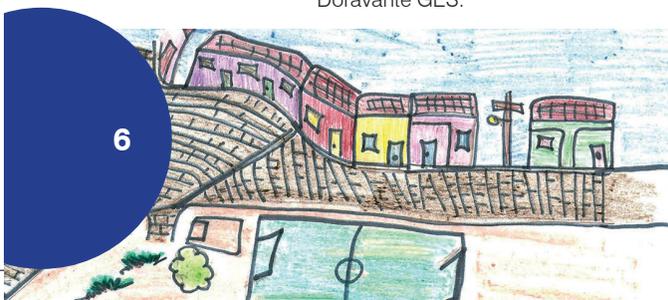
Por “núcleo de singularidade” compreendemos os movimentos e significados que concentram a produção de conhecimentos sobre o objeto sistematizado. Ao serem identificados, em processos de sistematização, acabam atuando como motivação interna para que os integrantes da sistematização reflitam sobre as peculiaridades do que estão criando, vivendo e, ao mesmo tempo, comuniquem os significados atribuídos a estas vivências e criações.

O terceiro momento da sistematização da prática educativa da ENFOC, que começamos a divulgar com a publicação que ora apresentamos, corresponde a uma parte do processo vivido por egressos da terceira turma que realizou o Curso Nacional da Enfoc e participou do Seminário Nacional de Sistematização ocorrido no início de 2012, em Brasília. Os participantes deste seminário assumiram, juntamente com o Coletivo Nacional de Formação, o compromisso de realizar a sistematização das vivências dos GES nos seus respectivos estados. No decorrer do seminário, constatou-se que as Federações apresentavam uma diversidade muito grande de procedimentos para a criação e animação de GES, caminhando de acordo com os espaços conjunturais de sua atuação nas comunidades, ou seja, em consonância com as suas realidades. Em razão desta diversidade, considerou-se ser necessário identificar as convergências de procedimentos, dando margem à configuração dos já referidos Núcleos de Singularidades das práticas sob sistematização. Foram identificados três núcleos: o primeiro, correspondente ao “processo de criação dos GES – seu funcionamento e desdobramentos”, e envolveu as federações dos estados de Alagoas, Maranhão, Sergipe e Pará; o segundo,

² Doravante CONTAG.

³ Doravante MSTTR.

⁴ Doravante GES.



denominado “grupos em andamento”, envolveu as federações da Bahia, Ceará, Paraná, Rio Grande do Norte e Piauí; e o terceiro, que retratou a “aproximação dos sujeitos para a construção dos GES”, envolveu as federações do Amapá, Minas Gerais, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Pernambuco, Espírito Santo e Paraíba.

Após o estabelecimento das singularidades, o que foi possível mediante a avaliação e reconstrução dos projetos de sistematização, foram consolidados os grupos e definidas as responsabilidades por federação, para dar continuidade ao já iniciado. Então, os processos de investigação e elaboração das narrativas da sistematização estão acontecendo, mediante o envolvimento e responsabilidade da Rede de Educadores e Educadoras Populares da ENFOC.

No segundo Seminário Nacional de Sistematização, realizado em dezembro de 2012, em Brasília, ficou decidido que as publicações desta terceira iniciativa de sistematização da formação da Enfoc seriam feitas em três momentos: a primeira publicação deveria anteceder e ser divulgada no 11º Congresso Nacional da Contag – 4 a 8 de março de 2013 – e ter como objeto da sistematização *O processo de criação dos GES: funcionamento e desdobramentos*. A segunda deveria ser divulgada na Posse da Diretoria da CONTAG a realizar-se no dia 30 de abril de 2013, tendo como objeto da sistematização *Os grupos em andamento*. E a terceira, a ser divulgada durante as atividades de comemoração dos 50 anos da CONTAG em dezembro de 2013, tendo como objeto da sistematização *A aproximação dos Sujeitos para a construção dos GES*.

Portanto, esta publicação terá como objeto da sistematização o primeiro núcleo de singularidade: *Processo de criação dos GES: funcionamento e desdobramentos*, reunindo como participantes os grupos de educadores e educadoras dos estados de Alagoas, Maranhão, Sergipe e Pará.

Olhar para a produção de conhecimentos feitas pela Rede de Educadores/as da ENFOC, por meio desta publicação, é reconhecer que a Escola está chegando às comunidades rurais através dos GES. Cada federação e sindicato envolvido com o processo de formação político-sindical da ENFOC cria sua estratégia para se aproximar cada vez mais da sua base que, ao realizar estudos, programar e desenvolver atividades, coletivamente, passa a movimentar as comunidades. Com isso, as necessidades e interesses dos trabalhadores e trabalhadoras rurais começam a ter maior reconhecimento e importância sobre o pulsar de um Movimento, cuja luta por uma vida digna no campo esteve sempre presente em suas prioridades. Fica mais visível também a importância dos sindicatos, federações e confederação para que este sonho de dignidade no viver se realize.

Ao manter-se com os *pés no chão do campo*, o MSTTR se fortalece, reforça sua credibilidade e reafirma a importância do trabalhador e trabalhadora rural estarem filiados aos sindicatos. Ao criar e manter GES e seguir semeando fazeres e saberes em suas bases, dá oportunidade para que compreendam qual é o papel dos sindicatos, das federações e da confederação,



enquanto entidades representantes da classe trabalhadora; possibilita aos integrantes desses grupos um olhar diferenciado e crítico ao seu cotidiano; resgata identidades e autoestima; rompe com o individualismo imposto pelo capitalismo, pois as reuniões que envolvem as comunidades favorecem as decisões coletivas. A dinâmica dos GES fortalece também os laços de amizade, solidariedade e cuidado entre os seus membros; provoca mudanças no desenvolvimento local, seja no âmbito econômico, social e/ou político.

Nos 50 anos de existência da CONTAG, celebrados em 2013, mediante um conjunto sequenciado de atividades, vamos identificar muitas conquistas. Certamente, há muitas outras por acontecer. Quando lembramos estes 50 anos, lembramos das lutas, das greves, dos Gritos da Terra, das Marchas das Margaridas e, principalmente, de como tudo começou, com a criação dos primeiros sindicatos que reuniram pessoas, vivências, percepções e vontade de enfrentar a miséria, a desigualdade e a opressão nas suas mais diversas formas de se manifestar no campo brasileiro.

A multiplicação dos GES, para a CONTAG, é uma forma de estar com os *pés no chão do campo*, semeando fazeres e saberes nas comunidades rurais, sentindo, procurando compreender e expandindo suas frentes de lutas para vencer as contradições que não conseguiu superar nestes 50 anos de existência. Para a CONTAG, suas Federações e Sindicatos, há muito ainda por fazer para viabilizar a consolidação do Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário⁵ PADRSS, da Política Nacional de Formação⁶ – PNF e promover profundas transformações no campo brasileiro. A reforma agrária, as condições de produção e manutenção na terra, o fortalecimento da agricultura familiar, os direitos à saúde e educação, a melhoria das condições de trabalho e vida digna no campo continuam sendo bandeiras de luta que não perderam atualidade neste ano em que a CONTAG celebra seu cinquentenário.

Nesse sentido, imbuídos pelo sentimento de que a caminhada é longa e a luta precisa ser renovada a cada passo, convidamos a todos e todas que fazem parte do MSTTR a ler e refletir sobre estas experiências de GES aqui apresentadas, na perspectiva de compreendermos a importância de sua criação nas comunidades rurais e de como esses grupos fortalecem o Movimento Sindical.

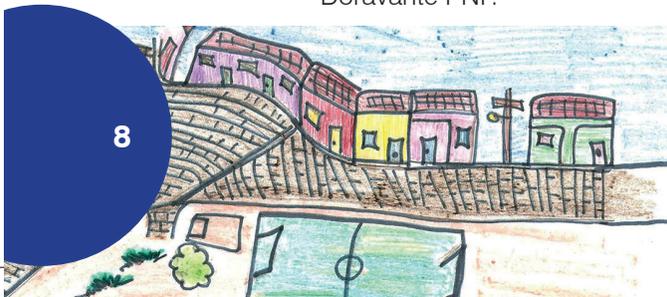
Boa Leitura a todos e todas!

Alberto Ercílio Broch
Presidente da CONTAG

Juraci Moreira Souto
Secretário de Formação e Organização Sindical da CONTAG

⁵ Doravante PADRSS.

⁶ Doravante PNF.



LISTAS DE MAPAS, FIGURAS E FOTOGRAFIAS

Alagoas conta a história do GES Mãos Amigas

Figura 1 – Ilustração representando o GES Mãos Amigas	19
Figura 2 – Desenhos representando os coautores da obra.....	20
Figura 3 – Ilustração representando o GES Jovem Saber.....	26
Figura 4 – Ilustração: desenho de casas representando o GES Reconstruindo o Futuro.....	27
Figura 5 – Ilustração representando o GES União Faz a Força	27
Figura 6 – Ilustração representando o mito de Rogério	33
Figura 7 – Ilustração representando o mito do Fogo Corredor	34
Figura 8 – Ilustração representando a história da moça que virou bicho	34
Foto 1 – Árvore que representa a lenda do Ipê	21
Foto 2 – Caraiqueira em flor	24
Foto 3 – Cristo Redentor no Morro do Cavalete, em Pão de Açúcar. Monumento símbolo do município	25
Foto 4 – Reunião do GES Nossa Senhora Aparecida no Assentamento Alemar com a presença do Seu Pedro Lúcio e da Anísia, dirigentes do STTR de Pão de Açúcar	28
Foto 5 – Encontro de Sistematização dos GES de Pão de Açúcar	29
Foto 6 – Dona Alice Rosa, moradora de Rua Nova.....	32
Foto 7 – Anísia aprendendo a fazer vassouras de palha de ouricuri com Rosilene, participantes do GES Mão Amigas.....	35



Foto 8 – Festa Junina (2012) organizada e realizada pelo GES Mãos Amigas	36
Foto 9 – Encontro de Sistematização do GES Mãos Amigas	37
Foto 10 – Encontro de Sistematização do GES Mãos Amigas	38
Foto 11 – Momento de descontração no Encontro de Sistematização do GES Mãos Amigas	41
Foto 12 – GES Unidos para Ajudar no Assentamento Bezerra	46
Foto 13 – Mãos habilidosas da Rosilene Oliveira Nascimento, ensinando a fazer vassouras de palha de ouricuri.....	48
Foto 14 – Estandarte feito pelo GES Mãos Amigas.....	49

Entre batuques, cores e histórias – experiências de animadores de GES no estado do Maranhão

Figura 1 – Ilustração representando os batuques, tambores e danças do Maranhão.....	51
--	----

Mapa 1 – Mapa do Maranhão com as divisões das nove Regionais Sindicais	54
---	----

Mapa 2 – Municípios que compõem a Regional da Baixada Maranhense.....	59
--	----

Foto 1 – Reunião dos Animadores de GES da Baixada Maranhense, realizada na comunidade Agrovila, em Palmeirândia/Maranhão.	52
---	----

Foto 2 – Reunião com os educadores/as populares de Animadores de GES da Baixada Maranhense, na Agrovila, município de Palmeirândia/MA.....	57
---	----

Foto 3 – Reunião com o grupo de GES em Matinha/MA	62
--	----

Foto 4 – Dança cultural da Comunidade Ipiranga - Tambor de Crioula - Cidade de Viana/MA.....	64
---	----

Foto 5 – Dança cultural da Comunidade Ipiranga - Tambor de Crioula - Cidade de Viana/MA.....	65
---	----

Foto 6 – Grupo de Animadores de GES da Baixada Maranhense. Reunião na Comunidade Ipiranga, em Viana/MA.....	67
--	----

GES em Sergipe – uma história entre outras histórias

Figura 1 – Ilustração representando a cultura da pesca em Sergipe	69
--	----

Foto 1 – Símbolos utilizados no Ges de Cumbe	70
---	----

Foto 2 – Momento inicial de reunião do Ges em Indiaroba.....	73
---	----



Foto 3 – Momento de Reunião do GES de Poço Verde	74
Foto 4 – Momento de descontração do GES de Poço Verde - ciranda	77
Foto 5 – Encerramento de reunião no Ges de Cumbe	78
Foto 6 – Aquicultores/as do STTR de São Cristóvão em reunião	80
Foto 7 – Aquicultores/as do STTR de São Cristóvão.....	81
Foto 8 –Aquicultores/as colhendo peixes com a rede.....	83

Trabalhadores/as rurais e a construção de narrativas: um olhar sobre a prática vivida nos GES no estado do Pará

Figura 1 – Ilustração contendo os elementos culturais feitos com o miriti e o açáí, representando as vivências dos ribeirinhos	85
Foto 1 – Encontro do GES em Uruará, região da Transamazônica	86
Foto 2 – Encontro do GES em Uruará, região da Transamazônica.....	86
Foto 3 – Encontro do GES da comunidade Borba do Gato em Tailândia, Regional Guajarina....	86
Foto 4 – Encontro do GES da comunidade Perpétuo Socorro - Projeto Seringa, em Tailândia, Regional Guajarina.....	86
Foto 5 – Encontro do GES da comunidade Perpétuo Socorro - Projeto Seringa, em Tailândia, Regional Guajarina.....	94
Foto 6 – Encontro do GES da comunidade Perpétuo Socorro - Projeto Seringa, em Tailândia, Regional Guajarina.....	94
Foto 7 – Encontro do GES da comunidade Borba do Gato em Tailândia, Regional Guajarina/2012	95
Foto 8 – Organizando o espaço para a reunião do GES do Projeto de Assentamento Alegria/Marabá, 2012.....	104
Foto 9 – Reunião do GES do Projeto de Assentamento Alegria/Marabá/2012.....	105
Foto 10 – Encontro do GES do município de Uruará, região da Transamazônica/2012.....	105
Foto 11 – Encontro do GES da Comunidade Borba do Gato, Tailândia, Regional Guajarina	106
Foto 12 – Encontro do GES com jovens na comunidade Bom Jesus, Tailândia, Regional Guajarina/2012	113





SUMÁRIO

Apresentação	5
Introdução	15
Alagoas conta a história do GES	
<i>Mãos Amigas</i>	19
1 E com vocês: o contexto dos GES de Pão de Açúcar/AL.....	25
2 Era uma vez a Comunidade Rua Nova.....	30
2.1 Dados gerais da comunidade	30
2.2 Sua história.....	30
2.3 Artesanato, cultura e arte	32
2.4 Fontes de renda.....	35
3 Um dia, surge, em Rua Nova, o GES <i>Mãos Amigas</i>	36
3.1 História do GES.....	36
3.2 Componentes.....	37
3.3 Parceiros	37
3.4 Relação GES X STTR X FETAG X CONTAG	38
3.5 Metodologia das atividades.....	39
3.6 Principais resultados	40
3.7 Principais dificuldades	43
3.8 Principais aprendizagens.....	44
3.9 Planos futuros	46
4. E viveram felizes para sempre	47

Entre batuques, cores e histórias – experiências de animadores de GES no estado do Maranhão	51
1. Introdução.....	53
2. Caracterização.....	54
3. Justificativa	55
4. Grupos de Animadores de GES no Maranhão	56
4.1 Metodologia da Estratégia Formativa do Maranhão.....	56
5. Critérios de escolha da Baixada Maranhense	58
6. Experiência/prática de Animadores de GES na Baixada Maranhense.....	58
7. Grupo de Estudos Sindicais – GES na Base	63
8. Considerações finais	66

GES em Sergipe – uma história entre outras histórias	69
1. Introdução.....	71
2. Justificativa	72
3. Contando histórias, produzindo vidas	73
3.1 Minha gente, por favor, atenção! Eu vou contar.....	73
4. O que se estuda? O que se conversa? O que se aprende nos GES?	79
5. Um GES que transforma vidas de forma sustentável – a experiência auto-organizativa de aquicultores/as de São Cristóvão/SE	80
6. Considerações finais	84

Trabalhadores/as rurais e a construção de narrativas: um olhar sobre a prática vivida nos GES no estado do Pará	85
1. Introdução.....	87
2. Os GES em processo: vivências da formação	92
3. As experiências dos primeiros GES no Pará e a construção dos novos grupos de estudos, com ênfase no jeito de fazer	94
4. O GES como espaço de empoderamento dos sujeitos e das comunidades, afirmando um jeito de fazer sindicalismo no campo	101
5. O GES como espaço de aprendizagens e de proposição das lutas	104
5.1 Um encontro de GES: diário do processo formativo, relatos [...]	104
6. Desafios da prática dos GES e lições aprendidas	110

Desafios e perspectivas	115
--------------------------------------	------------

Referências.....	117
-------------------------	------------

INTRODUÇÃO

O MSTTR, desde a sua constituição, tem procurado realizar um trabalho de formação de suas lideranças, dirigentes e de suas bases, paralelamente às lutas e ações que desenvolve. O propósito de elaborar e implantar políticas unificadas de formação, capazes de orientar os processos formativos em diversos âmbitos – nacional, estadual, comunitário – com os diversos sujeitos que o constituem tem se apresentado em diversos momentos de sua história. As orientações pedagógicas e as escolhas de conteúdos para estudo nessas iniciativas de formação político-sindical têm se revelado sensíveis aos momentos contextuais em que ocorrem, favorecendo as aprendizagens, alimentando as práticas e lutas sindicais e contribuindo fortemente para a organização do campo e da cidade.

Além das questões econômico-estruturais e políticas, das sociedades onde o Movimento se estabelece e atua, as culturas e os sujeitos que as

moldam têm sido objeto de estudo e problematização por esta formação. O Movimento nasceu nas comunidades de base, lugar de encontro entre humanos preocupados em livrar-se das diferentes formas de opressão que os acometia e em construir, mediante a união, estratégias para vencê-las. A luta pela conquista da terra e por manter-se na terra, em suas diferentes formas de expressão e momentos da vida da sociedade brasileira, tem se instituído o centro de convergência das ações e relações dos oprimidos do campo que este Movimento reuniu e instituiu como militância. Para mantê-la vigorosa e intensa, não há como o Movimento descuidar da formação permanente desta militância, esteja ela integrando as direções (Sindicatos, Federações e a Confederação), atuando em diferentes espaços (secretarias, liderança e animação de grupos) ou nas bases comunitárias. E fazê-lo de forma criativa e participativa de modo que não se restrinja a cursos e oficinas



e possa penetrar os espaços das lutas, as avaliações, o planejamento, as mobilizações, estendendo-se ao cotidiano do Movimento em suas ações de organização.

Reconhecemos, contudo, que a formação sindical, historicamente, não se manteve livre da influência de orientações dogmáticas e corporativas. Estas têm se apresentado e mesmo predominado em ocasiões e circunstâncias diversas, ora associadas a programas e lutas partidárias, ora a princípios filosóficos que comandam a visão de sociedade, de educação, de ação política, de militância, das pessoas e instâncias que organizam e fazem acontecer as ações pedagógico-sindicais. Não desconhecemos que estas orientações são, frequentemente, dialetizadas por processos dialógicos pautados pelos princípios da Educação Popular.

Educação Popular vista como prática social e cultural, que implica ensino e aprendizagem, favorecidos por relações dialógicas (entre sujeitos, saberes, perspectivas teóricas, metodologias, fundamentos filosóficos) e que se move mediante a intencionalidade política de contribuir para a construção de uma ordem social (nos mais diversos espaços sobre os quais incide) que não seja marcada pela exploração, opressão e submissão (FALKEMBACH, 2010, p. 7)

Os 50 anos da CONTAG celebram essas relações de convivência. Celebram e ampliam a presença de um Movimento com os *pés no chão do campo* e que, cada vez mais, reconhece a necessidade de conviver

com a pluralidade de sujeitos, de propostas, de espaços de confronto sem, contudo, abrir mão de uma agenda de lutas que possa mudar o rumo do desenvolvimento social, conforme propõe o PADRSS. Por sua vez, implementa aperfeiçoando, a cada dia, uma estratégia de formação de modo a manter sua militância forte e preparada para sustentar, com criatividade e determinação, essa agenda de lutas que vem marcando presença na sociedade brasileira.

A criação da ENFOC trouxe essa discussão para o centro do Movimento. Não só a discussão, mas uma ação educativa com capacidade de levar a formação aos mais variados lugares onde os trabalhadores e trabalhadoras rurais produzem e organizam suas vidas. Como “filha-criança” da CONTAG, tem procurado desenvolver, com sensibilidade e compromisso com a reprodução dessas vidas, o encontro de gerações, de forma a recolher trechos de uma história, refletir sobre o vivido, teorizando para identificar e compreender atos, relações e significados que permitam a construção de narrativas capazes de criar referências e promover identificações. Estas disposições têm sido trabalhadas pela sistematização.

Com o incentivo à composição de GES, a Escola atua no sentido de possibilitar ao Movimento reafirmar suas raízes de trabalho de base. Põe em prática sua visão de política, como espaço de intervenção humana, aconteça ela na relação entre indivíduos, grupos, movimentos e instituições sociais



entre si e com o Estado; nas diversas formas de expressão das relações de poder que ocorrem na vida das nossas sociedades e que interferem nas dinâmicas organizativas e ações de grupos comunitários, movimentos, instituições e redes sociais.

Os GES, espaços de estudos, debates, ações e, portanto, formação, assumem como objetivos:

- Qualificar o ‘fazer sindical’ de dirigentes e funcionários de associações, cooperativas e de sindicatos, além de estimular novas lideranças de base.
- Fortalecer o MSTTR por meio do estímulo à participação militante, à regularização de sócios/as inadimplentes e sindicalização de novos sócios/as.
- Aprofundar o conhecimento sobre o papel e importância do MSTTR, sua história, lutas, conquistas e símbolos.
- Estimular a cultura do estudo e diálogos reflexivos entre dirigentes, lideranças e funcionários de STTRs, além da pesquisa sobre os temas político-sindicais em diálogo com as especificidades locais.
- Estimular e contribuir com a organização de secretarias e coletivos de formação nos Sindicatos de Trabalhadores/as Rurais e nas Federações que ainda não as tenham.
- Estimular a compreensão acerca da PNF.

Como já esclarecido na apresentação desta publicação, a ENFOC

começa, neste ano comemorativo do cinquentenário da CONTAG, a contar, mediante a sistematização, como está ocorrendo esse encontro com as bases sindicais para a formação político-sindical. Como os GES estão sendo criados e vão tomando forma em harmonia com o jeito de fazer formação da Escola, o modo de ser dos trabalhadores e trabalhadoras que reúne e os traços das culturas locais.

Esta publicação, que trata do processo de criação dos GES nos estados de Alagoas, Maranhão, Sergipe e Pará, enfatiza o funcionamento dos grupos e os desdobramentos decorrentes da formação de base por eles proporcionada. Nos textos que reúne, ficam evidentes algumas “repercussões” do jeito da ENFOC “ser escola” e como a “multiplicação” das ações formativas da ENFOC são, de fato, “criativas”. De um mesmo foco orientador da sistematização, brotou uma diversidade muito grande de formas de fazer formação e narrar o feito, como passamos a informar.

A) Alagoas escolheu o Grupo de Estudos Sindicais *Mãos Amigas*, formado há cerca de um ano, no município de Pão de Açúcar, para socializar as reflexões e aprendizagens que vem desenvolvendo a partir da formação na base sindical. Como eixo temático da sistematização, optou pela seguinte questão: *Até que ponto e como o GES se configura como espaço de diálogo, alimentação e fortalecimento da relação da base com o MSTTR*. Cabe ressaltar a ênfase dada à participação



no processo de sistematização, cujo texto foi construído pelo coletivo do GES *Mãos Amigas*, oportunidade de aprendizagem conjunta, animação e empoderamento de seus integrantes. Não deixou, contudo, de apresentar, caracterizando, outros GES em funcionamento no Estado.

B) No Maranhão, a construção do objeto para sistematizar a criação e atuação dos GES levou educadores e educadoras a deslocarem seus olhares para um momento prévio do processo, que foi a formação de Grupos Regionais de Animadores de GES, para, a seguir, fixá-los em um dos grupos estabelecidos, que foi o da Baixada Maranhense. O eixo temático que orientou a sistematização foi: *Como os Grupos de Animadores de GES atendem à proposta da PNF, que é fazer a formação chegar até à base sindical, e quais as especificidades da estratégia construída pela regional da Baixada Maranhense, para atingir este propósito?* O Estado foi pioneiro no trabalho com animadores de GES em suas regionais sindicais, e é responsabilidade destes animadores multiplicar os GES nas bases.

C) Sergipe optou por fazer a sistematização do trabalho de formação de base em desenvolvimento no âmbito de sua Federação, referenciada às experiências dos GES criados nos municípios de Poço Verde e São Cristóvão. O centro das reflexões se deu sobre o *conjunto de motivações, valores, responsabilidades, concepções metodológicas e caminhos percorridos que levaram à criação dos referidos*

grupos. Aspectos conjunturais das comunidades abordadas deram o pano de fundo para reflexões sobre os desdobramentos das vivências dos GES, evidenciando que promoveram mudanças significativas nas atividades produtivas e organização comunitária e, ainda, sobre a economia familiar.

D) O texto que comunica o processo de sistematização da constituição dos GES, no Pará, abordou um amplo espectro do trabalho desenvolvido com a formação político-sindical de base: as experiências dos primeiros GES no Pará e ainda o modo como aconteceram os seus desdobramentos que resultaram na construção de novos grupos de estudos. O foco assumido pela sistematização recaiu sobre o “jeito de fazer” esta formação de base, ou seja: *como as experiências de GES estão sendo desenvolvidas e como estão impactando e podem impactar a realidade das comunidades e as vidas dos seus participantes?* Houve a preocupação de ressaltar como a criação dos GES resultou em incentivo à ação política dos trabalhadores e trabalhadoras rurais (protagonismo) e chamamento de novas lideranças sindicais para integrarem este movimento (rede) que vem resultando na afirmação de um novo jeito de fazer sindicalismo no campo.

Esta produção, que integra a série Sistematização/Enfoc, é uma das formas de a Escola se fazer presente, comemorando os 50 anos da CONTAG em 2013. Outras deverão segui-la ainda no corrente ano.



ALAGOAS CONTA A HISTÓRIA DO GES MÃOS AMIGAS



Figura 1 – Ilustração representando o GES Mãos Amigas.
Fonte: Criação de José Inácio Pereira.

Ana Cristina Accioly
Educatora Popular, Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia Clínica
e Institucional e assessora da FETAG-AL.

Givaldo Teles
Agricultor, Educador Popular e Secretário de Organização e Formação da FETAG-AL.

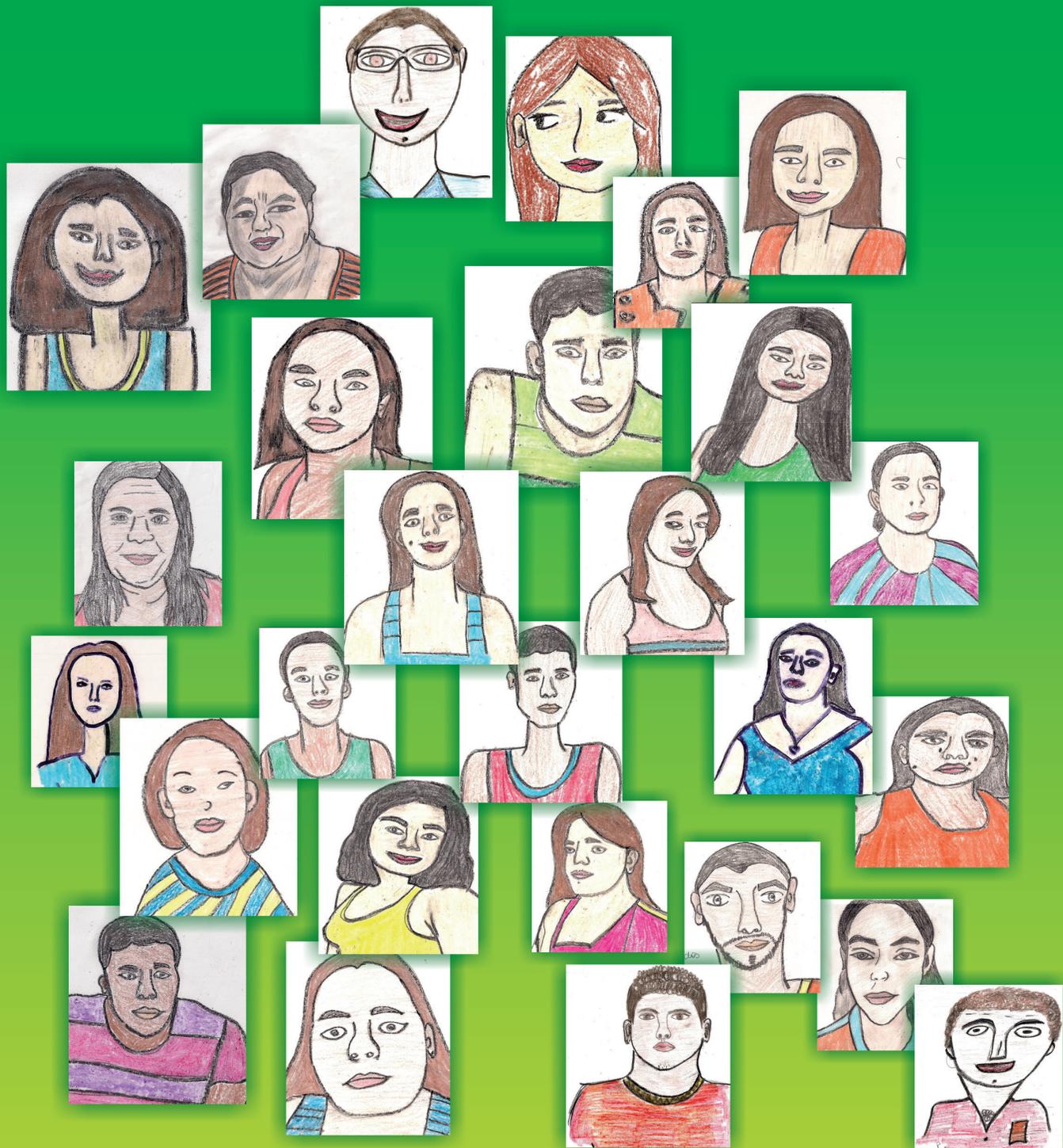


Figura 2 – Desenhos representando os coautores da obra.
Fonte: Os/as próprios/as coautores.

COAUTORES | MariaLúcia | Anísia | Rosilene | OscarAlan | Aurino | Fernanda Pereira | Elza Pereira | Maria Luíza | Maria Inês | José Inácio | Marta | Eliane Pereira | Maria Gorete | Ana Carla | Flávia | Josimária | Jaqueline | Cristiano | Rosângela | Emília | Elis Regina | Elizabeth | Antônio Marcos | Ana Cristina | Adiel Barbosa Lira | Mônica Pereira **FOTOS** | Wagner Gustavo | Claumir Araújo



Foto 1 – Árvore que representa a lenda do Ipê.
Fonte: Arquivo Fetag-AL. Foto: Wagner Gustavo e Claumir Araújo

Há muitos e muitos anos, quando ainda o Brasil não havia sido invadido, conta-se que uma tribo de índios Carajás habitava ao norte do rio Amazonas.

O seu chefe supremo era o cacique Iacan, ainda jovem, bonito, forte e valente. Um guerreiro respeitado pelas suas bravas façanhas na defesa de sua tribo e tradições. Era casado com a bela índia Iaran, e eles ainda não tinham sido agraciados com um filho, apesar de estarem casados há vários anos.

A cada ano que passava, Iaran ficava mais triste por ver seu sonho de ser mãe não se realizar. Iacan não desanimava, procurava animar Iaran e a tratava com todo o carinho, pois ele a amava muito e não queria outra esposa. O cacique sempre lembrava o juramento que haviam feito embaixo da árvore pau-d'arco: que o amor deles seria eterno e ninguém os separaria.

Ele ficava triste também e procurava disfarçar o quanto sofria por ela e, abraçando-a, dizia que o amor deles bastaria e não se importava que não tivessem o filho tão desejado.

A árvore que tantas vezes viu o amor deles crescer e ouviu tantos planos por realizar,

era tida como uma árvore mágica, pois em noites de lua cheia ouvia-se choro e os seus galhos batiam uns contra os outros como se quisessem que alguém ouvisse os seus lamentos. Iaran, quando ouvia essas histórias, ria e não acreditava, pois lembrava das tantas vezes em que ela e Iacan ficavam sentados embaixo da árvore e nunca ouviram nada. Tudo o que diziam era uma grande tolice.

Um dia, passando pela oca onde os membros do conselho se reuniam, Iaran ouviu os índios pressionarem Iacan para que procurasse outra esposa. Ele se recusava e dizia que amava a esposa. Ele preferia perder o posto de chefe e ser simplesmente um guerreiro comum, a se casar novamente.

Iaran viu a situação difícil de seu marido e, com o coração apertado, foi correndo até o rio e, sentando-se embaixo da árvore preferida, em prantos, pensando em tudo que ouvira, sentia que era um empecilho para o marido por não ser mãe.

Levantou-se e ia correr com o firme propósito de se jogar no rio e deixar o seu amado livre, porém antes, virou-se para a árvore, onde tantas vezes fizeram juras de amor eterno, para se despedir. Abraçando



a árvore, suas lágrimas foram escorrendo pelo rosto, caindo pelo tronco e indo até as raízes. Falava baixinho:

– Amiga de tantas alegrias e agora de tristezas profundas, venho me despedir, pois não consigo dar a meu marido a alegria de ser pai e estou atrapalhando-o. Então vou dar-lhe a liberdade que merece, e o libertarei das promessas que você tantas vezes ouviu.

A árvore estremeceu. Iaran afastou-se, assustada, quando viu saindo do tronco um vulto de uma belíssima mulher com um vestido verde como as folhas, ornamentado por arabescos brancos, amarelos, rosas, lilás, roxo em degradê. Iaran queria correr, mas estava petrificada, e seus pés, presos ao chão, não conseguiam se locomover.

A bela mulher pedia para que se acalmasse e, sorrindo, dizia para não se assustar, que não lhe faria mal. Aos poucos, Iaran foi se recuperando do susto e, mais calma, perguntou-lhe:

– Como a senhora saiu de dentro da árvore?

– Sou a fada do Espírito das Árvores, não tenha medo. Eu conheço você e Iacan há muito tempo, ouvi suas juras de amor à minha sombra e me sentia feliz por ver esse amor tão lindo florescendo. Minha amiga, eu fiquei presa por muitos anos aqui nessa árvore. O espírito do mal na figura de uma mulher muito má lá da parte escura da floresta – apontava para os lados daquelas montanhas bem longe onde só apareciam os picos – por despeito e inveja, me aprisionou. Não se conformava com a minha floresta de luz, onde o sol brilhava sempre e as flores espalhavam-se por toda a parte, deixando suas sementes e tornando a floresta bela com seu colorido, onde os pássaros e animais se sentiam felizes. Essa malvada me enganou, transformando-me nessa

árvore sem flores e estéril, deixando esse lugar triste. A maldição dizia que eu só ficaria livre do encanto quando uma mulher estéril como eu me abraçasse e suas lágrimas molhassem minhas raízes. Você desfez o encantamento e lhe devo a minha liberdade.

– É por isso que não há flores por aqui e parece que os pássaros cantam tristes. A alegria vai voltar, só vai depender de você e Iacan. Vocês terão que procurar árvores com flores, colher e trazê-las a cada lua cheia e colocá-las nas raízes desse pau-d’arco. Preste muita atenção às cores do meu vestido, sendo uma cor a cada lua cheia e não voltem aqui senão na próxima lua cheia.

– Mas não existem flores por aqui. Onde vamos achá-las?

– Se você quer realizar o seu sonho, tem que procurar e buscar onde estiver. Agora vá.

Iaran saiu correndo e ainda parou e voltou-se, jogando um beijo com as mãos para a bela mulher que, sorrindo, gritou:

– Eu aceito esse afeto.

Depois, desapareceu.

Chegando toda alvoroçada a tribo, Iaran abraçou o marido, pedindo que viesse até a oca. Ele a seguiu, preocupado: o que será que teria ocorrido?

Sentaram na rede. Ela contou com detalhes o que havia acontecido. Ele ficou surpreso e, abraçando a esposa, perguntou:

– É isso mesmo que você quer? Você acredita ser verdade?

– Eu acredito. É verdade, eu juro. Iacan ficou pensativo, não acreditando



ALAGOAS

*muito, mas, para não contrariá-la, disse:
– Está bem. A lua cheia é amanhã.*

E qual a cor que vamos procurar em primeiro lugar?

Ela batia palmas:

– As amarelas.

Na manhã seguinte, saíram logo cedo, alegres. Caminharam mata adentro horas e horas, olhando para todos os lados e, quando encontravam flores amarelas, lacan subia nas árvores e as colhia nas ramagens. Escolhia as mais belas e as apanhava com todo o cuidado e carinho, fazendo buquês amarrados com cipó.

Como duas crianças felizes e sorridentes, voltaram e depositaram todos os buquês aos pés do pau d'arco. Depois iam e vinham do rio trazendo água para regá-las. E, num momento de muita alegria, abraçaram a árvore e, ao mesmo tempo, disseram:

– Nós te amamos. Realize o nosso desejo. A cor é amarela.

E foram embora sem olhar para trás.

A bela mulher, que a tudo assistia, olhou-os com muito amor. Depois mirou a copa da árvore que imediatamente floriu em buquês de flores amarelas como os que o casal havia trazido.

Na lua cheia seguinte, lá estavam eles com a mesma alegria, levando os buquês de flores, desta vez na cor branca. E, ao abraçar a árvore, fizeram o seu pedido e disseram o nome da cor trazida. Quando olharam para cima, uma surpresa os esperava: a árvore estava toda florida com buquês de flores amarelas. Ficaram encantados. O entusiasmo tomou conta dos dois,

que depositaram as flores, as regaram e saíram sem olhar para trás.

O mesmo aconteceu com as outras cores: rosa, lilás, roxa. A cada cor viam o milagre acontecer: o pau d'arco colorido a cada lua cheia, formando um bosque maravilhoso com seu colorido, dando ao lugar um encanto nunca visto em lugar algum.

Com o passar do tempo, a aldeia ficou toda cercada de flores, indo até à beira do rio.

Então a bela mulher chamou-os à sombra da árvore para a qual eles haviam feito o pedido e disse:

– Agora quem lhes agradece sou eu: por ter dado nova vida e beleza a toda minha floresta e por ter quebrado o meu encanto. Vocês terão o desejo realizado. Juntem suas mãos às minhas. Só lhes peço que a partir de hoje essas flores sejam batizadas de ipês, elas serão sempre um encanto para os olhos, a beleza que simboliza o amor e a vida.

Depois de alguns meses, nasceram os filhos do cacique para completar a sua felicidade. O pai, todo orgulhoso, apertou-os em seus braços, os mais belos do mundo. Anunciou que o filho seria chamado de laacan e a bela e risonha menina de Floripes, que quer dizer “flor de ipê”.

A felicidade foi morar novamente naquela aldeia rodeada de ipês coloridos por todas as partes.

É por isso que os ipês, quando florescem, caem as folhas e só ficam os buquês que cobrem todas as copas dos ipês de pau-d'arco.

Profa. Neuza Razza – Pedagoga e professora do ensino fundamental e médio.





Foto 2 – Caraibeira em flor.
Fonte: Arquivo Fetag-AL (foto tirada em Pão de Açúcar).

1. E com vocês: o contexto dos GES de Pão de Açúcar/AL

Este livro falará ao coração dos jovens. Eles lutam pelo mesmo sonho, o de tornarem-se capacitados para o mercado de trabalho através das suas raízes e suas tradições culturais. Buscam oportunidade de compartilhar suas experiências com outras pessoas, de gerenciar e realizar tarefas dentre os diferentes grupos sociais, bem como de criar parcerias para enriquecer suas relações sociais. Este livro interessa aos jovens, adultos, professores comunitários, crianças, sindicalistas e a todos os que desejam conhecer a força jovem organizada.

O nosso livro tratará da trajetória histórica da comunidade, arte e cultura, artistas da terra e fonte de renda. Tem como enfoque maior a criação do Grupo de Estudos Sindicais Mãos Amigas (Participantes do GES Mãos Amigas, Pão de Açúcar/AL, 2012).

O município de Pão de Açúcar, em Alagoas, foi escolhido para fazer parte do processo de sistematização, porque lá, a partir da ação de uma educadora popular, formada na terceira turma do Curso Regional Nordeste da Enfoc (Anísia Maria Oliveira da Silva), foram criados, em um curto espaço de tempo, sete GES. Todos estes GES são profundamente articulados com o STTR de Pão de Açúcar e vêm participando das ações e eventos deste sindicato

Foto 3 – Cristo Redentor no Morro do Cavalete, em Pão de Açúcar. Monumento símbolo do município.
Foto: Tomatão



como Grito da Terra¹, Marcha das Margaridas², Projeto Jovem Cidadão³, Programa Nacional da Habitação Rural⁴, ENFOC⁵, Dia Internacional da Mulher. Percebe-se que em Pão de Açúcar há uma estratégia clara do STTR de organização de GES.

O GES *Jovem Saber*, atualmente com cinco integrantes, funciona na zona urbana do município. Apesar de estar localizado nesta zona, é importante ressaltar que todos os seus integrantes, embora não vivam mais na zona rural,

¹ O Grito da Terra Brasil (doravante GTB) é a principal ação de massa do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR). É promovido pela CONTAG, Federações dos Trabalhadores na Agricultura (FETAGs) e pelos Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTRs). Reúne, anualmente, milhares de pessoas de todo o país, para lutarem por políticas públicas para o campo (www.contag.org.br).

² A Marcha das Margaridas é uma ação estratégica das mulheres do campo e da floresta que integra a agenda permanente do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR), de movimentos feministas e de mulheres. É a grande ação de capacitação, mobilização e negociação de políticas para as mulheres trabalhadoras rurais que acontece em todos os estados brasileiros (www.contag.org.br).

³ Projeto executado pela FETAG-AL, financiado pelo Programa Petrobrás, *Desenvolvimento e Cidadania*, cujo objetivo é capacitar 600 jovens e mulheres ligados à agricultura familiar no estado de Alagoas, para que estes atuem como agentes de desenvolvimento em suas comunidades, utilizando as Políticas Públicas como oportunidade de trabalho, aumento da renda familiar e melhoria da qualidade de vida (<http://www.fetagal.org.br/jovemcidadao/>).

⁴ É componente do Programa Minha Casa Minha Vida (programa do governo federal) e objetiva reduzir o déficit habitacional rural, incentivando a manutenção da família no campo e oferecendo moradia digna por meio de reforma ou da construção de novas moradias (<http://www.bb.com.br/portalbb/page44,8623,3402,0,0,1,1.bb?codigoMenu=11724&codigoRet=12217&bread=8>).

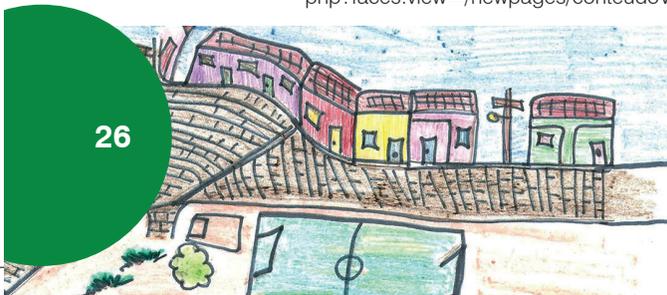
⁵ Escola Sindical com atividades voltadas para formação dos dirigentes e assessores/as, indicando como perspectiva uma formação militante, processual e ampla nas temáticas que desafiam a luta sindical hoje (<http://www.abmti.com.br/enfoc/public/index.php?faces.view=/newpages/conteudoView.xhtml>).

estão ligados à vida no campo, pois são filhos e filhas de agricultores/as familiares. É um GES que atua integrado ao STTR, funcionando como apoiador e animador dos outros GES, tendo, inclusive, participado na formação de muitos dos grupos de estudos que hoje existem em Pão de Açúcar. Este grupo definiu também, como estratégia de ação, ocupar os espaços de controle social. Assim, hoje participam do Conselho Municipal de Meio Ambiente e do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável, bem como atuam em parcerias com grupos jovens da Igreja Católica. Desde a sua criação, há um ano e um mês, vem participando ativamente dos eventos do Movimento Sindical. O GES *Jovem Saber* tem projetos futuros, como o Projeto Canto do Estudo, que pretende colocar, a serviço da comunidade, uma biblioteca com estrutura para estudos e eventos de estímulo à leitura e ao aprendizado.



Figura 3 – Ilustração representando o GES Jovem Saber.

Fonte: Criação dos participantes durante o Encontro dos GES de Pão de Açúcar.



ALAGOAS

No Povoado Quibanzê, foi formado, há sete meses, o GES *Unidos pela Comunidade*. Este GES nasceu de uma divisão do GES *União Faz a Força*, que hoje não mais existe e era localizado em um povoado próximo (Lagoa de Pedra), e que tinha participantes dos dois povoados. Hoje conta com 12 participantes que se reúnem nos segundos domingos de cada mês. O GES *Unidos pela Comunidade* é um grupo bastante atuante e animado, apesar de ser um dos mais novos de Pão de Açúcar. Sua atuação é focada nos estudos sindicais e na participação nas ações e eventos do STTR. Atualmente, os estudos deste GES concluíram que a falta de recursos para a agricultura familiar tem sido a principal dificuldade para o desenvolvimento da comunidade. Este ano, os integrantes deste grupo organizaram a Festa do Dia das Mães na comunidade Quibanzê.



Figura 5 – Ilustração representando o GES União Faz a Força.
Fonte: Criação dos participantes durante o Encontro dos GES de Pão de Açúcar.

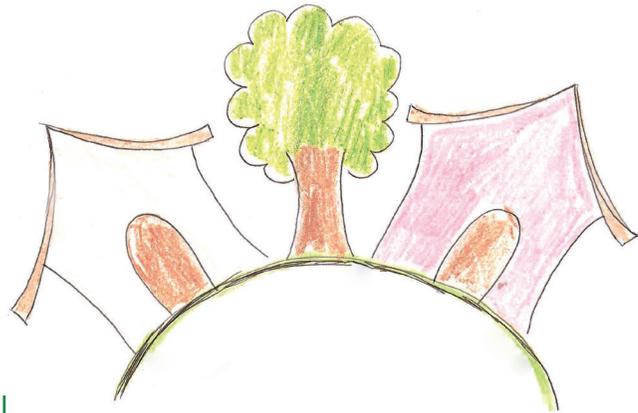


Figura 4 – Desenho de casas representando o GES Reconstruindo o Futuro.
Fonte: Criação dos participantes durante o Encontro dos GES de Pão de Açúcar.

O GES *Reconstruindo o Futuro* funciona no Povoado Meirús. O *Reconstruindo o Futuro* foi fundado há um ano e chegou a ficar inativo. Há dois meses foi reativado, embora ainda enfrente dificuldades de mobilizar a comunidade que demonstra desinteresse e falta de compromisso. No entanto, seus componentes sabem que este é um processo que ocorre com frequência, que precisa de persistência para ganhar a participação de mais pessoas. Reúne quinzenalmente dez participantes que levantam os temas de interesse e aprofundam os estudos destes temas.

No povoado Impueiras, funciona o GES *Flor do Campo* com 13 participantes que se reúnem mensalmente. Apesar de formado há seis meses, é um grupo bastante atuante. Suas ações estão focadas nos estudos de temas escolhidos pela comunidade e na participação em eventos da comunidade e do STTR. O GES tem planos de fazer ações na sua comunidade, porém a falta de recursos é o principal empecilho.



Distante 3 km do Rio São Francisco em Pão de Açúcar, funciona o GES *Nossa Senhora Aparecida*, no Assentamento Além Mar. O nome do grupo foi escolhido para homenagear a padroeira do assentamento. Atualmente o GES *Nossa Senhora Aparecida* tem nove integrantes que se reúnem mensalmente para discutir a importância dos STTRs e as políticas públicas existentes para fortalecer e possibilitar a vida digna no campo. Da sua fundação até hoje, é possível perceber a mudança na percepção e na prática dos integrantes do GES. Apesar de enfrentar alguns desafios para mobilizar as pessoas e manter a animação do grupo, o *Nossa Senhora Aparecida* segue em um movimento crescente de participação e desenvolvimento. Tem conseguido novos parceiros na sua trajetória e espera construir sua autonomia de

atuação para contribuir com a melhoria da vida no assentamento.

O Assentamento Bezerra, onde vivem 19 famílias, fica a 5 km de distância da sede do município. É ali onde funciona o GES *Unidos para Ajudar*, que hoje conta com 20 participantes, a maior parte moradora e morador do Assentamento Bezerra, mas que também envolve pessoas do Assentamento Bom Conselho, povoado vizinho. O grupo reúne-se mensalmente, sempre nos segundos sábados de cada mês. O GES é motivado pela vontade de contribuir e fortalecer o PADRSS⁶, pois entende que

⁶“Para contrapor o atual modelo de desenvolvimento agrícola praticado no país, excludente e concentrador de terra e renda, os delegados e delegadas do 6º Congresso Nacional de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, realizado em 1995, iniciaram o debate e afirmaram a necessidade de formular um Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário. Já o 7º Congresso Nacional de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, realizado em 1998, aprovou os pontos centrais que deveriam nortear a construção e implementação do PADRSS.” (www.contag.org.br)

Foto 4 – Reunião do GES Nossa Senhora Aparecida no Assentamento Alemar com a presença do Seu Pedro Lúcio e da Anísia, dirigentes do STTR de Pão de Açúcar.
Fonte: Arquivo Fetag-AL.



ALAGOAS

somente com a consolidação de um outro modelo de sociedade (alternativo ao modelo capitalista do agronegócio) é possível fortalecer de fato a agricultura familiar. As ações do grupo têm visado aumentar o conhecimento e o acesso às políticas públicas e fortalecer as ações do STTR. A união do grupo, a defesa das bandeiras de luta do assentamento e o esclarecimento das conquistas do MSTTR têm sido as principais aprendizagens.

O GES *Mãos Amigas*, localizado no Sítio Rua Nova, foi escolhido pelo conjunto dos GES de Pão de Açúcar para representar Alagoas no processo de sistematização da ENFOC. Identificou-se o GES *Mãos Amigas* como experiência a ser sistematizada porque é um GES de intensa atividade, no qual várias ações do MSTTR estão sendo articuladas e dinamizadas, a exemplo da ENFOC Estadual, do Projeto Jovem

Cidadão, do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), de Ações de Economia Solidária⁷ e do Programa Território da Cidadania⁸ “Bacia Leiteira de Alagoas”. O GES *Mãos Amigas* ainda tem conseguido articular outras parcerias, como a Visão Mundial (ONG cristã), que tem desenvolvido o Projeto Gold (Grupo de Oportunidade para o Desenvolvimento Local) no âmbito do GES.

⁷ “A Economia Solidária é [...] um jeito diferente de produzir, comprar, vender e trocar o que é necessário para viver, sem que haja vantagem para um ou outro lado da negociação. As atividades da Economia Solidária se opõem à exploração do trabalho e dos recursos naturais e promovem o desenvolvimento sustentável, ou seja, o crescimento econômico em harmonia com a proteção da natureza.” (<http://www.brasil.gov.br/sobre/cidadania/economia-solidaria>)

⁸ Programa do Governo Federal, lançado em 2008. O Territórios da Cidadania tem como objetivos promover o desenvolvimento econômico e universalizar programas básicos de cidadania por meio de uma estratégia de desenvolvimento territorial sustentável, em que sociedade civil e governos se organizam em colegiados. Pão de Açúcar faz parte do Território da Cidadania da Bacia Leiteira do Estado de Alagoas.

Foto 5 – Encontro de Sistematização dos GES de Pão de Açúcar.
Fonte: Arquivo Fetag-AL.



2. Era uma vez a Comunidade Rua Nova

2.1 Dados gerais da comunidade

O Sítio Rua Nova, localizado ao norte do município de Pão de Açúcar, distante 11 km da zona urbana, tem cerca de 130 famílias, totalizando uma população de aproximadamente 600 pessoas. Sua vila é calçada, tem duas praças (uma delas com TV para uso da comunidade), não possui rede de água encanada, mas sua população é abastecida por uma caixa d'água comunitária, alimentada por um chafariz público.

O povoado tem atualmente um grupo escolar com duas salas de aula nas quais funcionam três turmas do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano, e turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). O grupo escolar conta com um pequeno laboratório de informática, atualmente em ampliação. Atende 94 alunos e desde o ano 2000 participa do Programa Dinheiro Direto na Escola (PODE), política pública federal para a autonomia e gestão democrática da educação.

Em Rua Nova há dois templos cristãos, um católico e um evangélico, um campo e dois times organizados de futebol (Juventus e Rua Nova), uma mercearia, um telefone público, uma associação comunitária com sede

própria e uma área de terra reservada para construção de novas casas.

2.2 Sua história

Em 1917, em uma localidade completamente despovoada, distante 11 km do município de Pão de Açúcar, Seu João Antônio dos Santos constrói uma casa de taipa e chama o padre da paróquia, Sr. José do Nascimento, para abençoar e inaugurar sua residência com uma missa. Ao chegar à localidade, praticamente desabitada, com somente a casa do Seu João, pergunta o nome daquele lugar para dizer na missa. Seu João, muito prontamente, responde que ali estava sendo formada uma RUA NOVA. Este fato deu origem ao nome do povoado. A partir desta família, várias outras vieram construir suas casas no povoado.

Em 1952, Seu José Antônio Pereira, conhecido como Seu Zequinha, casado com Dona Pureza Pereira dos Santos, doou uma parte do seu terreno para a construção de um campo de futebol. Iniciava, desta forma, o primeiro equipamento público do povoado. Logo em seguida, surge a primeira escola que funcionava na propriedade do



ALAGOAS

Sr. Antônio Jocelino Pereira, conhecido como Antônio Carijó, falecido em 1967. A primeira professora da escola foi a Maria José Pereira Souza.

No final da década de 70, um grupo de liderança da comunidade reivindicou a construção de um grupo escolar para atender às necessidades locais. O grupo escolar foi construído, com uma sala de aula, e recebeu o nome de Grupo Escolar Vereador Antônio Machado Guimarães, em homenagem a um fazendeiro, proprietário de terras próximas ao Sítio Rua Nova, liderança política de Pão de Açúcar entre os anos de 1950 e 1960 e falecido em 1961.

Em 1987, o líder comunitário Obidourá Pereira, que já foi dirigente do STTR de Pão de Açúcar, sugeriu a criação de uma associação comunitária para promover o desenvolvimento sociopolítico e cultural de Rua Nova. A Associação de Desenvolvimento Comunitário dos Trabalhadores Rurais do Sítio Rua Nova foi então fundada.

O Padre Petrócio Bezerra de Oliveira e a Irmã Redempta, em 1990, construíram uma capela na comunidade. No dia 1º de maio do ano seguinte, uma procissão seguiu para o Sítio Rua Nova levando a imagem de Nossa Senhora de Fátima para a capela recém-construída. Desde então, no mês de maio são comemoradas as festividades do sítio.

A energia elétrica chegou à Rua Nova no ano de 1991, somente no aglomerado de casas; nas regiões mais

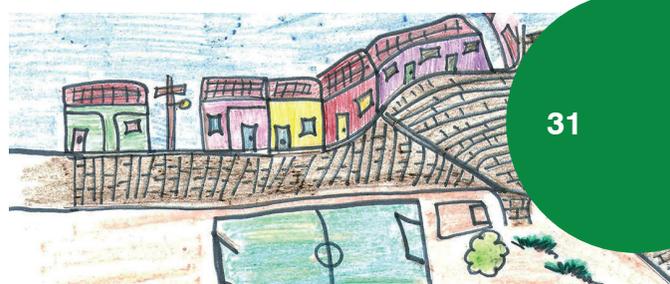
dispersas, chegou bem mais tarde, com o Programa Luz para Todos.

Em 1993, pela liderança do Sr. José Antônio Pereira, a comunidade construiu a sede da associação com recursos próprios e trabalho voluntário. Atualmente o prédio abriga as reuniões da associação e serve à comunidade como espaço para eventos escolares e outras reuniões. Ainda: está sendo construída uma área de lazer na associação.

A associação comunitária, em 1996, reivindicou água encanada para a comunidade. A água chegou à comunidade através de um chafariz público, pois a comunidade naquela época não aceitou o encanamento nas residências, uma vez que isso geraria custos com taxas e impostos que a população não tinha recursos para pagar. A solução foi a instalação de uma caixa d'água pública, como reservatório, mais perto das residências, abastecida por um chafariz.

Após muitas reivindicações e discussões, em 1998, tiveram início os primeiros trechos de calçamento das ruas e a construção de uma praça com aparelho de TV pública. Hoje o calçamento está concluído, há duas praças, uma delas com TV pública, que é gerida por cinco pessoas da comunidade em regime de revezamento mensal.

A partir de 1999, a associação filiou-se ao NUDEC (Núcleo de Desenvolvimento Comunitário), ONG que atua na região.



Passou então a participar de um programa financiado pela Visão Mundial (ONG cristã) que desenvolve ações de saúde, educação, desenvolvimento sustentável, pecuária, habitação e capacitação de lideranças.

As últimas conquistas do Sítio Rua Nova foram a construção de banheiros, dois telefones públicos, canos para uma horta comunitária, compra de terreno para construção de novas casas e parceria com a prefeitura para a ampliação da sede da associação (construção da área de lazer).

2.3 Artesanato, cultura e arte

A comunidade é muito rica culturalmente. Fica localizada no sertão alagoano, em um município às margens do Rio São Francisco e, por estas razões, é fortemente identificada com a cultura

ribeirinha e sertaneja. O jeito sertanejo de ser é a marca do Sítio Rua Nova.

O povoado está situado ao pé de uma serra. A Serra Grande forma um grande paredão ao fundo de Rua Nova. É uma enorme moldura de pedra que acolhe e se impõe sob aquela localidade. A presença da Serra Grande é constante em todos os lugares do sítio e marca fortemente a cultura local, seja como cenário de mitos e lendas, seja pelos recursos disponíveis que são usados como matéria-prima na vida produtiva de Rua Nova.

O artesanato é basicamente oriundo da palha de ouricuri, palmeira típica da região, principalmente nas serras sertanejas: bolsa, cestos, balaios e principalmente a vassoura de palha. Ainda há a confecção de móveis em madeira, o crochê e o bordado.

A Serra Grande é o cenário de um interessante mito local, contado até

Foto 6 – Dona Alice Rosa, moradora de Rua Nova
Fonte: Arquivo Fetag-AL.



ALAGOAS

hoje pela Dona Alice Rosa da Silva de mais de 70 anos que, junto com Dona Madalena Pereira, são as costureiras de Rua Nova. O mito de *Rogério*.

Há muito tempo, quando as mulheres subiam a serra para pegar palha, desapareciam. Era Rogério, homem feio, enorme e mau que morava em uma casa na serra e matava as mulheres. Um dia, uma velha subia a serra para pegar palha para fazer cesto, quando deu vontade de fazer xixi. A velha olhou para um lado, olhou para o outro para ver se tinha alguém e, antes de se abaixar, olhou para o céu e falou com Deus pedindo proteção. A velha pensava que estava só, mas, por trás de uma caraibeira, Rogério observava sua vítima, pronto para atacar. Quando viu a velha olhar para cima e falar, saiu de seu esconderijo e tocou o braço da velha, perguntando com quem ela falava. A velha respondeu que era com Deus, aquele que criou o mundo, criador de tudo e de todos,

das árvores, das pessoas, dos animais, que de tudo sabia e que tudo governava. Rogério não atacou velha, deixou-a ir. Cabisbaixo e calado, Rogério recolheu-se em sua casa e de lá não saiu mais. A partir deste dia, as mulheres podiam ir à serra sem serem mortas. Rogério não mais apareceu, porém, sempre que uma mulher subia a serra, o céu se escurecia, formava aquele tempo que parecia vir chuva forte, mas nada acontecia. Não chovia mais. Muito tempo se passou e nenhuma chuva caiu por aquelas bandas. O povo sabia: *enquanto Rogério na serra, não há chuva na terra*. Foi então que a velha resolveu subir a serra em busca de Rogério. No caminho, começou a sentir cheiro bom de flores. À medida que caminhava, o cheiro crescia e a velha acabou, guiada pelo cheiro das flores, achando a casa de Rogério. Ao abrir a porta, encontrou a casa repleta de flores e Rogério transformado em santo. O cheiro de flor tomou conta da serra e a chuva voltou a cair.

Figura 6 – Ilustração representando o mito de Rogério
Fonte: Criação de Elza Pereira.



ENQUANTO
ROGÉRIO NA
SERRA NÃO HÁ
CHUVA NA TERRA.

Dona Alice Rosa, pessoa muito querida no povoado, conta ainda outros mitos: *O fogo corredor* e *A moça que virou bicho*. O mito do *Fogo corredor* é contado por todo o sertão.

À noite, é comum aparecerem duas bolas de fogo, que correm velozmente, por vezes separadas, por vezes se batendo e faiscando. Quem vê o *Fogo corredor* tem que fugir, não pode pronunciar as palavras *fogo corredor* e deve se esconder entre as vacas para não ser atacado. Diz o povo que uma comadre e um compadre foram transformados em duas bolas de fogo, porque tiveram um caso de amor.



Fogo Corredor Elza Pereira

Figura 7 – Ilustração representando o mito do Fogo Corredor.

Fonte: Criação de Elza Pereira.

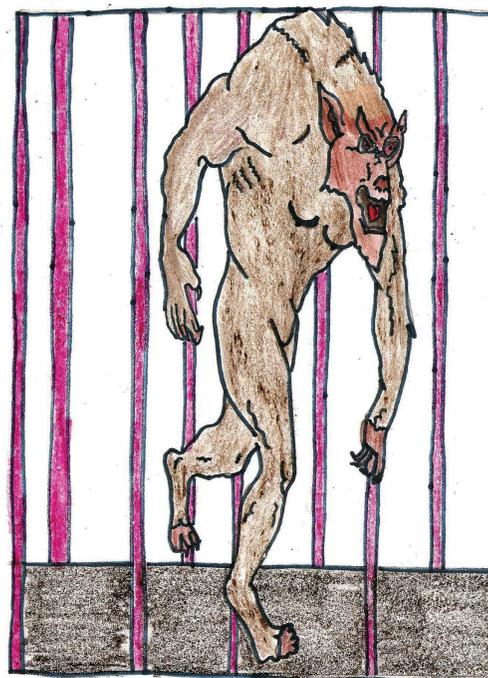
Já a história da *Moça que virou bicho*, é uma história local, contada assim:

Era uma vez uma jovem que vivia com seus pais. Um dia, ela amanheceu triste e isolada. Começou a ter crises estranhas. Ninguém conseguia estar com ela, nem conversar, porque ela agia com agressividade. Não tendo mais opções, a família trancou a jovem em um quarto. A garota se alimentava e fazia todas as suas necessidades naquele quarto fechado, pois estava se tornando um bicho feroz com pelos e força animal. O tempo passou e a moça mudava a cada dia. Tinha uma fome insaciável por carne

e comia tudo o que via pela frente. Não tendo mais jeito a dar para melhorar o comportamento dela, a família se dispôs a mandá-la enjaulada em um navio rio a fora até atingir a costa do mar, no qual a garota enjaulada seria jogada. E assim foi feito.

No Sítio Rua Nova há vários artistas. Seu Aurino Pereira dos Santos é ator teatral. João Jorge, João Luiz, Seu Obidourá e Seu Everaldo Rodrigues de Andrade são músicos. Ainda tem desenhistas talentosos:

Expedito, Carlos José e Carlos Alberto. O processo participativo de sistematização despertou o desejo do GES em constituir um grupo teatral para elaborar uma peça na qual estará retratada a história do povoado, incluindo mitos, lendas, artistas locais e a história do GES *Mãos Amigas*.



Moça que virou Bicho

Figura 8 – Ilustração representando a história da moça que virou bicho.

Fonte: Criação de José Inácio Pereira

O futebol está radicalmente ligado à origem do povoado. Lembremos que o primeiro equipamento público existente na localidade foi um campo de futebol doado pelo Seu Zequinha, primeiro morador de Rua Nova. Hoje o povoado tem dois times: Rua Nova, o mais antigo, e Juventus. Os times contam



ALAGOAS

com torcedores ferrenhos. Os jogos de futebol são acontecimentos que mobilizam a comunidade. O Tico e o Cícero da Rua Nova são dois jogadores de futebol que se destacaram.

A comunidade tem ainda seus “cuidadores” locais. Seu Pedro José Teixeira e Seu José Arlindo são rezadores. Seu Amábílio, já falecido, também rezou muitas crianças do sítio. Dona Luzinete Pereira de Jesus foi parteira por muitos anos e até hoje é rezadeira.

Seu José Vicente, conhecido como Vicente Caritá, foi um dos fundadores do STTR de Pão de Açúcar e é importante liderança de Rua Nova. A população também conseguiu eleger um vereador, Tonho Barbeiro, já falecido. Na presidência da associação passaram outras lideranças locais: Obidourá, José Antônio, José Carlos, João Pereira, Mathia, João Jorge,

Marcos Antônio, José Francisco e Adiel Lira, atual presidente.

2.4 Fontes de renda

A população do Sítio Rua Nova vive basicamente da agricultura familiar e da extração de pedras para fazer paralelepípedo e brita. Outra fonte de renda importante da população ruanovense são os benefícios e programas do governo federal: Bolsa Família, Seguro Safra e PRONAF. Do cultivo da terra e da criação de animais, obtém a sua alimentação e comercializa localmente seus excedentes. Os produtos cultivados na agricultura são: feijão, milho e palma. Na pecuária, cria bovinos, ovinos, suínos e galinhas.

Uma parte pequena da comunidade consegue, da confecção de vassoura de palha, renda complementar.

Foto 7 – Anísia aprendendo a fazer vassouras de palha de ouricuri com Rosilene, participantes do GES Mão Amigas.
Fonte: Fetag-AL.



3. Um dia, surge, em Rua Nova, o GES Mãos Amigas

3.1 História do GES

O GES *Mãos Amigas* foi criado a partir de uma provocação do STTR de Pão de Açúcar, nas pessoas da Anísia Maria Oliveira da Silva, enquanto Secretária Geral do STTR (hoje Presidente), e Oscar Alan Gomes dos Santos, Secretário de Jovens do STTR. Durante uma reunião com a comunidade Rua Nova, a proposta de criação de um GES foi lançada. Falou-se da importância da organização e do aprofundamento de conhecimentos e discussões coletivas para a busca de melhorias para a população daquela localidade.

A comunidade prontamente abraçou a ideia e, no dia 10 de setembro de 2011, o GES *Mãos Amigas* foi fundado inicialmente com nove componentes. Emília Pereira foi escolhida Coordenadora do GES e Elis Regina Pereira assumiu a Secretaria Geral.

Desde a sua fundação, o grupo reúne-se uma vez por mês (aos segundos sábados). Como tema inicial de estudo, escolheu fazer um diagnóstico do povoado para, a partir dele, pensar em temas e ações de aprofundamento. O diagnóstico levou o grupo a descobrir muitas histórias da localidade, aprofundar as relações entre o GES e a comunidade em geral e definir um planejamento de ação a ser realizado com a articulação do grupo: a implantação de uma horta comunitária.

Paralelamente às suas atividades de estudos, o GES *Mãos Amigas* organizou eventos no STTR e no sítio. Em dezembro de 2011, realizou, em conjunto com outros GES de Pão de Açúcar, a confraternização dos GES. Em junho de 2012, o *Mãos Amigas* organizou uma festa junina no sítio. A festa envolveu todos/as os/as ruanovenses. Houve apresentações culturais, como coco de roda e quadrilha, desfile da Rainha do Milho, fogos e comidas típicas.

Foto 8 – Festa Junina (2012) organizada e realizada pelo GES Mãos Amigas.
Fonte: Arquivo Fetag-AL.



ALAGOAS

Participaram ainda da caminhada do Dia Internacional da Mulher, em maio de 2012, organizada pela FETAG-AL, STTRs e Colegiados Territoriais.

3.2 Componentes

Hoje o GES *Mãos Amigas* congrega 23 componentes. A maioria é mulher (75%) e a média de idade é de 20 anos, embora existam participantes de até 70 anos.

Embora haja participantes casados/as, o grupo é, sobretudo, composto de pessoas solteiras que vivem em famílias de sete a oito pessoas por residência. A família Pereira foi a fundadora do povoado, por esta razão, grande parte dos seus moradores e moradoras é ainda hoje da mesma família de origem. São muitos os Pereiras que vivem em Rua Nova. O GES *Mãos Amigas* é um reflexo desta realidade. No grupo, a maioria dos filiados são Pereira: irmãos/ãs, primos/as, cunhados/as, tios/as.

O GES, inicialmente, foi formado com nove compartes, porém, rapidamente, atraiu mais pessoas, sobretudo jovens. Já houve tentativa de dividir o GES em dois ou três outros grupos, mas os participantes não aceitaram de forma alguma. Alegam que já construíram uma identidade coletiva e que a divisão acarretaria disputas e competição que não são interessantes em um povoado tão pequeno.

Os/as jovens são estudantes ou concluintes do Ensino Médio. Há alguns que fazem faculdade de Pedagogia.

Cinco pessoas são contratadas como professores/as pela Prefeitura Municipal. Todos/as os/as participantes são agricultores familiares e trabalham cotidianamente na roça.



Foto 9 – Encontro de Sistematização do GES Mãos Amigas.

Fonte: Arquivo Fetag-AL.

3.3 Parceiros

Apesar de pouco tempo de fundação, o GES *Mãos Amigas* tem uma rede significativa de parceiros. O STTR de Pão de Açúcar é o principal vínculo do GES, pois teve papel fundamental na sua constituição e até hoje mantém estreito vínculo com o grupo. Por meio do STTR, há o vínculo com a Federação dos Trabalhadores e Trabalhadores na Agricultura do Estado de Alagoas⁹ – FETAG-AL e a CONTAG. A partir do projeto de sistematização implementado pela ENFOC, o GES *Mãos Amigas* tem estreitado ainda mais as relações entre a FETAG-AL e a CONTAG.

⁹ Federação dos Trabalhadores e Trabalhadores na Agricultura do Estado de Alagoas – doravante FETAG-AL





Foto 10 – Encontro de Sistematização do GES Mãos Amigas.
Fonte: Arquivo Fetag-AL.

Além do STTR/FETAG/CONTAG, o GES *Mãos Amigas* conta com a parceria constante da Associação de Desenvolvimento Comunitário dos Trabalhadores Rurais do Sítio Rua Nova em cuja sede são realizadas as reuniões e os eventos do grupo.

Outra parceria significativa do *Mãos Amigas* é com o Núcleo de Desenvolvimento Comunitário¹⁰ – NUDEC, Ong que atua na região, na promoção do desenvolvimento sustentável. Antes mesmo da fundação do GES, o NUDEC já atuava no Povoado Rua Nova através da Associação Comunitária. Posteriormente à fundação do *Mãos Amigas*, o NUDEC propôs à comunidade a formação de um Grupo de Oportunidade Local e Desenvolvimento¹¹ – GOLD, projeto financiado para o NUDEC pela Visão Mundial. O GOLD tem como objetivo a poupança comunitária e solidária. O grupo arrecada recursos

¹⁰ Núcleo de Desenvolvimento Comunitário – doravante NUDEC.

¹¹ Doravante GOLD.

financeiros para a sustentação do próprio grupo e para compra de equipamentos e materiais. A proposta foi aceita justamente pelo GES *Mãos Amigas* que preferiu juntar este projeto ao GES já existente, em vez de formar outro grupo específico para GOLD. Assim, o GES *Mãos Amigas* e o GOLD são integrados. Além de suas atividades de estudos sindicais e de ações comunitárias, o *Mãos Amigas* tem preparado alimentos que são comercializados em festas e eventos para arrecadar recursos. Já conseguiu, desta forma, comprar um fogão que serve para o preparo de vários tipos de comidas que são vendidas.

3.4 Relação GES X STTR X FETAG X CONTAG

Todas as ações do STTR chegam aos GES, pois estes fazem parte da estratégia política de atuação daquele sindicato. O STTR de Pão de Açúcar percebeu rapidamente, a partir da participação da Anísia na terceira turma do Curso Regional/Nordeste da ENFOC, que os GES aproximavam os sindicatos das suas bases, aumentavam a capilaridade e o alcance das ações sindicais. Antes, o STTR de Pão de Açúcar, por limitações de recursos e de pessoas, não conseguia estar presente da forma que queria na vida comunitária dos sítios e povoados. Depois dos GES, que funcionam sistematicamente na localidade, a presença sindical é constante.

Dessa forma, o STTR adotou os GES como estratégia política e os envolve em todas as suas atividades. Os



participantes dos GES são envolvidos nas ações dos Colegiados Territoriais, nos projetos e programas do STTR e da FETAG-AL, a exemplo do Projeto Jovem Cidadão, patrocinado pela Petrobras, que forma Agentes de Desenvolvimento em Políticas Públicas.

O GES *Mãos Amigas* tem compartilhado ativamente da vida do STTR de Pão de Açúcar. Participou, assim, com os demais GES do município, das eleições sindicais, elegendo Anísia como Presidente e tendo, inclusive, outra participante como integrante da chapa, Fernanda Pereira.

3.5 Metodologia das atividades

Em funcionamento há um ano e três meses, o GES *Mãos Amigas* foi fundado a partir do trabalho intermódulo da terceira turma do Curso Regional/Nordeste da ENFOC. No STTR de Pão de Açúcar, ainda há outras pessoas que passaram pelos processos de formação da ENFOC, seja em turmas nacionais, estaduais ou regionais. Assim, como o grupo foi acompanhado por educadores/as populares formados/as pela ENFOC, assimilou e reproduziu, mesmo que indiretamente, a base da metodologia desenvolvida pela Escola. As reuniões são mensais e têm, em média, três horas de duração. Elas acontecem no salão da associação comunitária, sempre nas tardes dos terceiros sábados de cada mês.

No início do GES, as reuniões eram mediadas pelas pessoas do STTR ou

pelo GES *Jovem Saber* (que atua em Pão de Açúcar como *Animadores de GES*¹²), mas hoje algumas reuniões já são mediadas pelos próprios participantes.

Usam vários recursos pedagógicos como vídeos, textos (mensagens da internet, caderno de textos da ENFOC, PADRSS), dinâmicas de grupo, músicas, dentre outros. Sempre que possível, envolvem outras pessoas da comunidade e de fora dela nas suas reuniões, como convidados. As reuniões são conduzidas quase sempre por meio de debates.

Quanto aos conteúdos trabalhados na sua trajetória, o GES *Mãos Amigas* iniciou com estudos sobre a história do Sindicato de Pão de Açúcar e do Sindicalismo. A partir da questão problematizadora “O MSTTR dos nossos sonhos X O MSTTR da nossa realidade”, desenvolveu o tema. Decorrente dos estudos sobre Sindicalismo, o *Mãos Amigas* escolheu o seu segundo tema de estudos: O PADRSS.

Em seguida, o grupo sentiu necessidade de passar dos estudos para a ação na comunidade. Motivados pelos estudos acerca do PADRSS, os partícipes desejaram executar ações de desenvolvimento sustentável em seu próprio lugar: o Sítio Rua Nova. Para isso, fizeram um diagnóstico do povoado (terceiro conteúdo trabalhado

¹² Grupos de Estudos Sindicais intermediários entre as instâncias dirigentes do Movimento Sindical e as bases. Tem o objetivo de criar, animar, fortalecer e alimentar os GES de base.



pelo GES) e, a iniciar do conhecimento construído, planejaram ações a serem desenvolvidas. A ação escolhida como prioritária foi a implementação, que já está em processo, de uma horta comunitária.

No decorrer do ano de 2012, duas situações levaram o GES *Mãos Amigas* a desenvolver outros temas, tanto como estudos, quanto como ações: as festividades juninas e as eleições municipais.

A festa junina do Sítio Rua Nova foi organizada pelo GES. O processo de organização da festa desencadeou pesquisas (o que a comunidade desejava), estudos de planejamento e organização e ações práticas, como a busca de parcerias e a organização em si do evento.

O pleito municipal também desdobrou estudos e ações no GES. O grupo promoveu um debate sobre a conjuntura política no município de Pão de Açúcar.

Quanto à metodologia das atividades desse grupo de estudos, é interessante registrar, ainda, que há o desenvolvimento de ações de poupança solidária (GOLD) acontecendo na dinâmica das reuniões. O GES *Mão Amigas* organiza-se para captar recursos iniciando com a venda de alimentos, e todas estas atividades (planejamento, preparo e venda de alimentos, contabilidade) acontecem no âmbito das suas reuniões e encontros, conjuntamente com os estudos e as outras ações desenvolvidas.

O *Mãos Amigas* desenvolveu uma dinâmica própria de funcionamento: é fortemente marcado pelas ações na comunidade. O GES é um grupo de estudos que, em pouco tempo de funcionamento, desdobrou a palavra à ação (palavração), sem que qualquer indução tenha acontecido. Para aquelas pessoas, a ação já era implícita. Para elas, GES é estudo e, sobretudo, ação.

3.6 Principais resultados

Os resultados alcançados pelo GES *Mãos Amigas* devem ser avaliados em uma perspectiva dialética. Ou seja, os seus resultados refletem em rede, de forma complexa, para dentro do próprio GES, para cada um dos participantes, para a comunidade e para os movimentos sociais, mais especificamente para o MSTTR. Se por um lado, os participantes, a comunidade e o próprio GES estão sendo modificados e desenvolvidos a partir das discussões e ações decorrentes do GES, por outro lado, este tem conseguido modificar e desenvolver a dinâmica dos seus “criadores”, o MSTTR.

O primeiro grande resultado apontado pelo GES foi a conquista do reconhecimento social que o grupo e cada um dos/as participantes ganharam no exercício das suas atividades. Na sociedade em geral, os/as jovens são estigmatizados como pessoas irresponsáveis, baderneiras e com pouco conhecimento. No Sítio Rua Nova não é diferente. Portanto, quando o GES *Mãos Amigas* formou-se, muitas



ALAGOAS

As pessoas da comunidade achavam que se tratava de uma “bobagem de jovens”. Um espaço sem importância e desnecessário. Ao longo das suas atividades, sempre envolvendo a comunidade, o GES foi conquistando espaço como grupo significativo, que desenvolvia ações relevantes. E por ser um grupo formado sobretudo por jovens, melhorou o reconhecimento deste segmento social na sociedade. Por outro lado, a comunidade também ganhou com a existência do grupo de estudos. As ações por ele cultivadas animam a população, trazem melhoria na qualidade de vida do povoado (horta comunitária, por exemplo) e contribuem para o seu empoderamento social.

Esse reconhecimento também foi percebido no MSTTR. Alguns dirigentes não acreditam na juventude como agentes sociais relevantes. O GES *Mãos Amigas*, juntamente com os outros GES do município, tem demonstrado, a partir de seu compromisso, empenho de suas ações sociais, que a juventude tem muito a contribuir nas lutas dos movimentos.

A participação da juventude de Rua Nova nos movimentos sociais, em especial no movimento sindical, aumentou muito devido a existência do GES *Mãos Amigas*.

Antes do GES, nenhum dos jovens era filiado ao STTR. Hoje, todos são. E, neste ponto, pode-se perceber claramente a dimensão dialética e complexa dos resultados do *Mãos Amigas*, pois o aumento da filiação dos jovens ao STTR deu-se por duas razões: o despertar do desejo de filiar-se do/a próprio/a jovem, por descobrir a importância da organização nas lutas pela agricultura familiar; e o reconhecimento do STTR de Pão de Açúcar da importância de ter a juventude como agentes estratégicos, expresso na redução de 50% na mensalidade sindical, por um ano, para participantes dos GES e/ou do Projeto Jovem Cidadão.

Como resultado, o MSTTR de Alagoas, em especial o STTR de Pão de Açúcar, ganhou outra dinâmica em virtude da presença da juventude e de pessoas influenciadas pelo “jeito de fazer” da educação popular. As reuniões são mais interessantes, repletas de vivências de grupo, arte, música e brincadeiras. Além disso, a estratégia de GES (espalhados em várias localidades) aumenta a capilaridade da ação do STTR. O GES acontece na base e está vinculado ao sindicato, assim, o sindicato está na base através dos GES. A educadora popular Anísia Maria Oliveira da Silva afirma:

Foto 11 – Momento de descontração no Encontro de Sistematização do GES *Mãos Amigas*.
Fonte: Arquivo Fetag-AL.



Antes o sindicato não tinha pernas para estar em todas as comunidades. Em Pão de Açúcar são muitas. Agora, com os GES, sentimos que a presença do sindicato é sentida em toda comunidade onde eles estão. É como se uma rede tivesse se formado de maneira a multiplicar a nossa atuação.

O aumento da participação social dos integrantes do GES de Rua Nova não se deu apenas no MSTTR. Hoje, muitos integrantes do *Mãos Amigas* estão associando-se à Associação de Desenvolvimento Comunitário dos Trabalhadores Rurais do Sítio Rua Nova e alguns estão envolvidos em cooperativas regionais.

Na dimensão pessoal de seus participantes, a existência de um espaço como o GES, por possibilitar a criação de relações afetivas e dialógicas e por ter conseguido o reconhecimento da comunidade, promoveu a superação da inibição de jovens que antes mal se expressavam, como registrado na fala da Maria Luíza Pereira da Silva, uma das participantes do GES *Mão Amigas*:

Tinha gente aqui que mal falava. A gente nem sabia como era a voz. Hoje, depois do GES, se soltaram, falam, discutem, colocam suas opiniões e interagem com qualquer pessoa. A mudança é incrível.

No geral, os integrantes do *Mãos Amigas* demonstraram grande empoderamento pessoal e social, desenvolvendo a capacidade de participação na sociedade: articulação de parcerias, organização de eventos, análise de conjuntura, registro e análise de dados e exercício da convivência coletiva.

Outro resultado importante alcançado pelo GES *Mãos Amigas* decorreu das ações de captação de recursos e poupança solidária desenvolvidas pelo Projeto GOLD no âmbito do GES. A disponibilidade de recursos é apontada pelo grupo como uma das dificuldades do GES para realizar as ações desejadas. Por intermédio do GOLD, o grupo tem descoberto que é capaz de mobilizar recursos mediante ações simples e autônomas.

O êxodo rural, principalmente de jovens, tem crescido muito no Brasil, em especial no semiárido nordestino. A juventude tem saído do campo para a cidade, não por opção, mas porque está sendo expulsa, visto as poucas oportunidades de trabalho e vida digna lá oferecidas. No sertão alagoano, o êxodo rural é intenso. Uma parte significativa de jovens tem deixado o campo e ido para as cidades em busca de trabalho. Como a sucessão rural está na pauta prioritária do MSTTR, muitas ações são desencadeadas para diminuir este êxodo, a exemplo da conquista e divulgação das políticas públicas para o campo, da participação nos espaços colegiados como os Territórios da Cidadania, da implementação da Educação no e para o Campo, do fortalecimento da participação juvenil (Comissões, Festivais e Fóruns de Juventude), dentre outras. A estratégia de GES, uma vez que engloba toda esta gama de ações estruturantes, contribui para a diminuição do êxodo, uma vez que os jovens têm descoberto formas alternativas de viver com dignidade nas atividades rurais, como afirma Oscar



Allan, Diretor de Juventude do STTR de Pão de Açúcar:

Existe todo um trabalho do movimento sindical para mostrar que é possível viver com qualidade no campo. Quando trabalhamos a Economia Solidária, a Educação no Campo, as ações nos colegiados territoriais e as políticas públicas, estamos contribuindo para a diminuição do êxodo rural.

No GES *Mãos Amigas*, a proposta de implementação da horta comunitária, as ações de divulgação de políticas públicas (PRONAF, PNHR, PNAE, PAA e PNCF)¹³ a partir do Projeto Jovem Cidadão, o exercício da Economia Solidária (GOLD) e o aumento do empoderamento e do reconhecimento da juventude apresentam e ampliam novas perspectivas de vida digna no campo.

Por fim, estratégias como a de GES fortalecem o PADRSS, uma vez que dissemina seus princípios e valores, que o divulga e que chama as bases para contribuir com a sua construção permanente e a sua implementação enquanto modelo de sociedade alternativo ao modelo capitalista.

3.7 Principais dificuldades

As principais dificuldades enfrentadas pelo grupo ao longo da sua trajetória foram as seguintes:

¹³ Programas do governo federal de apoio e fortalecimento da Agricultura Familiar: PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar); PNHR (Programa Nacional de Habitação Rural); PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar); PAA (Programa de Aquisição de Alimentos); PNCF (Programa Nacional de Crédito Fundiário).

A falta de recursos financeiros para a execução das ações planejadas. Mesmo com as atividades de Economia Solidária desenvolvidas a partir do GOLD, a mobilização de recursos de maior volume configura-se como um desafio a ser superado pelo *Mãos Amigas*. O grupo tem pensado e agido no sentido de captar recursos por meio de parcerias para a implementação de uma horta comunitária, para a construção de casas populares e para a ampliação da sede da associação comunitária.

A falta de comunicação, de responsabilidade e de compromisso de alguns componentes do GES. Estas dificuldades começaram a aparecer mais quando o grupo começou a crescer. Inicialmente, como eram poucos participantes, a comunicação e o envolvimento da totalidade dos integrantes eram maiores. À medida que o GES cresceu, alguns componentes faltavam às reuniões, não cumpriam as tarefas com as quais haviam se comprometido ou chegavam atrasados aos encontros, atividades ou reuniões. O grupo entende que estas dificuldades acontecem com frequência nos processos coletivos e as têm encarado com paciência, acolhimento e criatividade. Eles acreditam que as pessoas vão aumentando os laços com o GES à medida que o processo vai caminhando e, natural e paulatinamente, aumentam e qualificam a participação.

O pouco reconhecimento da comunidade em relação à importância da juventude e do GES na construção de uma sociedade melhor. Embora o reconhecimento



do GES por parte da comunidade tenha aumentado bastante, ainda há um caminho a ser conquistado. Historicamente, em um processo de dominação e expropriação de poder, o mundo capitalista arraigou na cultura valores e paradigmas que enfraquecem as relações coletivas. É neste contexto que, na cultura dominante, a juventude é tida como segmento social problemático. Superar esta ideologia é um processo longo, que demanda tempo e ações contínuas.

Pouca formação para a condução plena das atividades com a base pedagógica da Educação Popular e pouca disponibilidade de materiais (textos, vídeos, livros, mapas, dentre outros) adequados à linguagem popular. Apesar de o grupo ter sido formado pela mediação de educadores/as populares formados pela ENFOC e de, até hoje, ainda ter a presença constante destes educadores nas suas atividades, os integrantes do GES *Mãos Amigas* sentem necessidade de aumentar e qualificar a sua formação enquanto educadores/as populares. Para este grupo, a demanda é por uma formação direta de alguns de seus integrantes, ou seja, de que eles e elas façam parte de turmas da ENFOC, seja estadual, regional ou nacional. Lançam, inclusive, a proposta da oferta de cursos territoriais em Alagoas.

3.8 Principais aprendizagens

Foram muitas as aprendizagens construídas ao longo do seu percurso apontadas pelo GES *Mãos Amigas*.

Tantas que o registro delas é uma tarefa difícil. Portanto, longe de ser a memória de todas estas aprendizagens, neste texto foram elencadas aquelas mais significativas e que podem ajudar outros GES a trilharem caminhos mais sólidos.

A primeira grande aprendizagem identificada no Itinerário do GES *Mãos Amigas* foi a percepção da importância da organização social para a construção de um mundo mais justo e sustentável. Esta aprendizagem envolve ainda a compreensão do contexto em que se deu a luta pelas conquistas do que se tem hoje em termos de políticas públicas para a Agricultura Familiar. Ou seja, a descoberta de que se tem uma história pregressa de muita luta coletiva e que as gerações atuais estão, na verdade, continuando uma história que começou há muito tempo. A descoberta de que se recebe um legado das gerações passadas e de que se deixa um legado às gerações futuras, consolidou no GES *Mãos Amigas* um sentimento de pertencimento e de generosidade que foi fundamental para construir um alicerce de princípios capaz de sustentar todas as atividades do grupo.

Desse primeiro aprendizado, decorreu também a descoberta da convivência companheira, que acolhe o/a outro/a, porque reconhece nele/a um ser importante na construção de um outro mundo possível. É o aprendizado da força do coletivo e da diversidade. É o aprendizado do poder de cada um/a e do poder de todos/as juntos/as. É o aprendizado da empatia, do ver a si mesmo/a no/a outro/a. É o aprendizado



ALAGOAS

da escuta, da troca, da construção coletiva e da convivência.

Para registrar outro aprendizado importante do *Mãos Amigas*, convém recorrer à fala da Emília Pereira, integrante do grupo:

Desde o começo, o nosso GES se colocou como “ponte” entre o sindicato e a comunidade. Sempre nos dispusemos a colocar o sindicato em contato com a nossa comunidade e a comunidade em contato com o sindicato. Isso a gente fez sem pensar, sem planejar, mas hoje percebemos a importância de ter feito assim. Poderíamos não ter nos colocado dessa forma e não ter agido como “ponte”, e os resultados seriam outros. Piores, certamente.

A aprendizagem aqui está na atuação do GES enquanto espaço de promover “relações”, neste caso, relação entre o sindicato e a comunidade. A aprendizagem (intuitiva, no caso do *Mãos Amigas*) tornou o grupo útil à comunidade e ao STTR ao mesmo tempo. À medida que trazia para a localidade as ações sindicais, como a execução de políticas públicas, também ampliava a atuação sindical para espaços antes pouco mobilizados. Ou seja, o GES colocou-se a serviço da sua comunidade e a serviço do MSTTR, o que valorizou sobremaneira a ação do grupo tanto na sua região quanto no STTR e, ao mesmo tempo, deu relevância à sua existência.

“Sindicato não é somente coisa de velho”. Esta afirmação, dita várias vezes e por vários/as participantes do grupo, desvela mais uma aprendizagem do GES *Mãos Amigas*, na verdade, uma

quebra de paradigma: a descoberta do MSTTR como um espaço multigeracional. Um espaço onde é importante estarem várias gerações. Um espaço de luta e de conquista de uma classe que tem uma unidade enquanto trabalhadores/as rurais, mas que traz também uma grande diversidade: homens, mulheres, crianças, jovens, velhos, adultos, etnias, orientação sexual, dentre outras. Portanto, é preciso a presença de toda esta diversidade no âmbito do MSTTR. São muitas as necessidades diferentes a serem colocadas na pauta pública. Sindicato é coisa de gente jovem, velha, negra, branca, parda...

O GES *Mãos Amigas*, desde o seu início, juntou outras ações, projetos e atividades no mesmo espaço de atuação do grupo. Quando a comunidade recebeu a proposta da Visão Mundial de formar um GOLD, optou imediatamente em incluir o GOLD no GES *Mãos Amigas* em vez de criar um outro espaço paralelo. Assim também, quando foram convidados a participar do Projeto Jovem Cidadão, as ações do projeto passaram a ser feitas dentro e conjuntamente com as atividades do GES. Desta forma, o GES diversificou e ampliou suas ações e áreas de atuação muito rapidamente. Isso fez com que o grupo passasse de nove para 23 participantes em um curto espaço de tempo. Até hoje, o grupo está aberto à entrada de novos/as participantes. Quando atingiu uma quantidade grande de integrantes, para atender às orientações da ENFOC (ter entre cinco e 15 participantes), foi proposta a divisão do GES em dois grupos menores. E, como já dissemos, o *Mãos Amigas* não



aceitou esta divisão, alegando que o grupo já havia construído uma identidade e uma relação significativa entre seus membros e que a criação de outro GES poderia criar disputas desnecessárias. Portanto, outras aprendizagens que o GES aponta são: unir várias atividades no mesmo espaço e não dividir e/ou formar outros GES em comunidades pequenas. Caso seja possível, integrar mais pessoas no grupo já formado na localidade.

E, finalmente, uma aprendizagem importante que no entender do grupo está sendo fundamental para a sua sustentabilidade é aliar as atividades de estudos sindicais à execução de ações na comunidade. GES é palavração, ou seja, as palavras (estudos) desbordam em ações e as ações dão significado às palavras. É importante ressaltar que, no caso do GES *Mãos Amigas*, estas duas atividades nunca estiveram separadas. Na compreensão do grupo, desde a sua origem, GES significa estudo e ação. As ações do grupo deram-lhe um reconhecimento na comunidade que foi, e continua sendo, muito importante. Por outro lado, os estudos levam à ação, pois despertam desejos de ver em curso (na prática) os conhecimentos construídos ao longo do processo. No entender do *Mãos Amigas*, a metodologia do “aprender

fazendo” é mais dinâmica, mais interativa e mais agregadora.

3.9 Planos futuros

O principal plano futuro do *Mãos Amigas* é continuar contribuindo para a construção de uma sociedade menos excludente, mais solidária e justa. Por isso, o grupo espera estar cada vez mais unido, somando parcerias e buscando conscientizar cada vez mais os jovens sobre a importância de estar organizados, participando dos grupos e dos movimentos sociais com responsabilidade e compromisso e, acima de tudo, com respeito às diferenças. Acreditam que, desta forma, estão contribuindo para a consolidação de formas de convivência mais solidárias e acolhedoras, básicas para a construção de um outro modelo de sociedade.

Como ações futuras, o grupo planeja a implantação de uma horta comunitária no Sítio Rua Nova, a formação de um grupo de teatro de rua e a elaboração de um livro, coordenado pelo GES *Mãos Amigas*, com o registro de todos os GES de Alagoas, ação inspirada a partir do Projeto de Sistematização da ENFOC.

Foto 12 – GES Unidos para Ajudar no Assentamento Bezerra.
Fonte: Arquivo Fetag-AL.



4. E viveram felizes para sempre

A elaboração deste livro está sendo de grande valia para o conhecimento do grupo, desde a origem da comunidade, arte, cultura e movimentos sociais. É um momento muito proveitoso, no qual acontece a troca de ideias, informações, levantamento de dados e sistematização.

Enfim, é uma ocasião muito oportuna para estarmos reunidos, discutindo e contribuindo com as transformações sociais da nossa comunidade

(Texto elaborado coletivamente pelos participantes do GES *Mãos Amigas*, Pão de Açúcar/AL)

Durante a sistematização da experiência do GES *Mãos Amigas*, o exercício de aprender e ensinar, como partes indissociáveis de um mesmo processo, foi constante. Quem ensinava, aprendia e quem aprendia, ensinava. Ora como aprendente, ora como ensinante, os sujeitos relacionavam-se a maioria do tempo sem mesmo saber quando estavam em um papel ou no outro. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 12) . E foi assim que um interessante fato aconteceu:

Rosilene, integrante do grupo, sabia fazer vassouras de palha de ouricuri. Do “fazer e vender vassouras” tirava um dinheiro que complementava a renda da família. E olha que Rosilene dominava a

fabricação de vassoura, desde a coleta da palha, nos ouricurizeiros da Serra Grande, até a amarração trançada com esmero com palha tingida de rosa, verde, azul... Pois bem, já acostumado com o misturado e constante aprender/ ensinar, eis que o grupo quis aprender a fazer vassoura de palha. Combinou-se a “aula de vassouras” para o próximo encontro de sistematização. Rosi traria o material, da palha ao facão, e ensinaria o que sabia. Rosilene saiu “toda toda” do encontro. Orgulhosa e faceira com o interesse do grupo.

Chegado o dia da aula, o grupo aguardava Rosi. E ela veio. Trazendo três vassouras lindas, já prontas. E mais nada. Ahhhhhhhhh!!!!!! Onde está a palha? O facão? Não vai ter aula de vassoura hoje???? Rosilene, meio encabulada, não explicava. O grupo insistiu e Rosi explicou baixinho para uma amiga que, ao sair de casa, carregando a palha, o facão e as vassouras, a sua mãe perguntou onde ela ia com aqueles apetrechos. Quando contou à mãe que ia ensinar a fazer vassoura, a mãe disse que aquilo era uma “bobagem”. Ninguém queria aprender uma coisa assim tão boba. Por isso, Rosi, largou seus “meios de produção” em casa e saiu só levando as vassouras prontas para dar de presente.



A amiga, com a autorização de Rosi, contou ao grupo o motivo de não ter a aula de vassouras. O grupo todo protestou, dizendo que queria aprender, que o que ela sabia era importante. No fim, estava uma conversa generalizada sobre os saberes populares e o quanto as elites tinham minado a autoconfiança das pessoas mais empobrecidas, desvalorizando seus saberes. Refletiram e discutiram sobre o quanto pensamentos como o da mãe da Rosi estavam impregnados no mundo capitalista e como isso funcionava como instrumento de dominação e de reprodução de injustiças.

Aquela conversa, desencadeada por um fato cotidiano, foi a vivência do que Paulo Freire (1987), um dos mais importantes teóricos e educadores brasileiros, chamou de “construção da consciência crítica”: a reflexão e a descoberta de que o “oprimido hospeda em si o opressor”, aprendizagem significativa, pois é decorrente de um processo de “leitura de mundo”. Tal aprendizagem foi construída coletivamente a partir de uma vivência real, ligada à vida e não desconectada dela. Condição essencial, segundo Freire (1987), para que a consciência ingênua desenvolva-se para a consciência crítica, iniciando assim o processo de libertação dos oprimidos.

Pois bem, Rosi voltou em casa, pegou a palha, o facão e, com habilidade, cuidado e sorrisos, ensinou a fazer lindas vassouras de palha de ouricuri.

A partir do “acontecido”, o GES *Mãos Amigas* refletiu sobre as estratégias

de dominação ideológica das elites, que, como no mito de Rogério, “mata” mulheres (simbolismo dos saberes populares, pois elas são as guardiãs e reprodutoras da vida e da família) e faz a chuva cessar (simbolismo também da força natural criativa do saber popular). A identificação desta “força” ideológica que mina a libertação dos oprimidos é um passo fundamental para a sua anulação. É preciso reconhecê-la, isolá-la e eliminá-la, como no mito da “moça que virou bicho”, no qual a moça, devoradora insaciável (como as ideologias de dominação) precisou ser jogada ao mar.

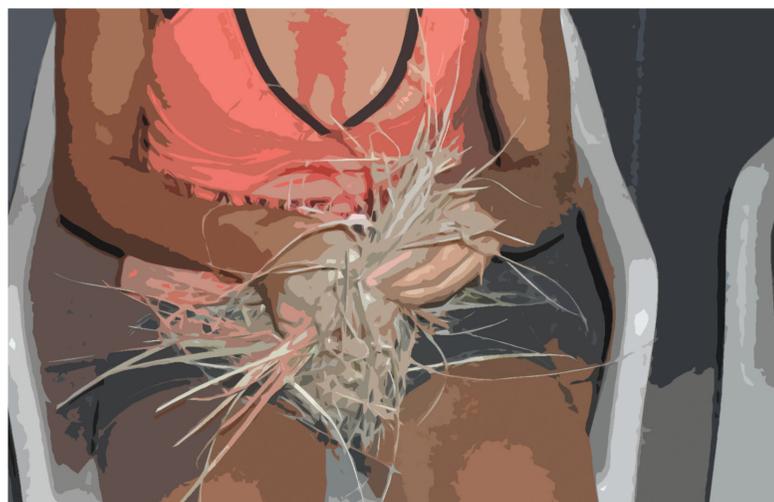


Foto 13 – Mãos habilidosas da Rosilene Oliveira Nascimento, ensinando a fazer vassouras de palha de ouricuri.
Fonte: Arquivo Fetag-AL.

O “caso das vassouras de palha” ilustra muito bem a dinâmica de reflexão desencadeada nas comunidades a partir de GES. O cotidiano, a vida no campo vira conteúdo de reflexão, de compreensão e de transformação (palavração). A formação sindical ganha significado justamente onde ela deve acontecer: nas comunidades. E tomara,



ALAGOAS

essa formação vire um *Fogo corredor*, cruzando os céus, faiscando, clareando a noite e espantando para bem longe as velhas práticas sindicais, distantes das bases, impregnadas de corporativismo, enclausuradas em escritórios.

É bem como diz Seu Pedro Lúcio, sábio educador popular e sindicalista, do alto dos seus 74 anos de vida:

Sindicalismo se faz é na base. Com as pessoas. Com a conversa. Aprendendo e ensinando. Convivendo. Mesmo com várias opiniões diferentes. Tudo é um processo. Formação é isso. Quando a gente menos espera, vê que a mudança está acontecendo e tomando conta das comunidades, num caminho bonito de ver. Se o sindicalismo se afasta da base, não é mais sindicalismo... é outra coisa, mas sindicalismo, não.

Ao longo do caminho trilhado para a sistematização do GES *Mãos Amigas*, estimulou-se que a comunidade buscasse seus “fios míticos”. Bastou puxar a ponta desse novelo, para que

histórias, contos populares, mitos e lendas que de geração em geração foram passadas como ensinamentos ancestrais, chegassem até o grupo com toda a sua força simbólica. O ser humano é um ser simultaneamente biológico e cultural, como afirma Morin (2001, p. 51). Mais ainda, segundo ele, somos marcados pela uniduidade biológica e cultural, ou seja, há a unidade na condição humana e a diversidade humana tanto na dimensão biológica quanto cultural:

Há uma unidade humana; uma diversidade humana. Há unidade na diversidade humana, diversidade na unidade humana. A unidade não está somente nos traços biológicos da espécie *homo sapiens*. A diversidade não está somente nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Há também uma diversidade, propriamente biológica, na unidade humana e uma unidade mental, psíquica, afetiva. Essa unidade/diversidade vai da autonomia ao mito (MORIN, 2012, p. 65).

A linguagem simbólica faz parte da dimensão humana. É ela que fala

Foto 14 – Estandarte feito pelo GES *Mãos Amigas*.
Fonte: Arquivo Fetag-AL.



ao sentimento, é uma linguagem estruturante. A mitologia, linguagem marcada pelo simbólico, como nos ensina Santo (2010), “[...] nos põe em contato com um texto inaudível, já que impronunciável, paralelo ao mundo da realidade e integrador das dimensões opostas [...] por sua qualidade de transcendência [...] é indelevelmente impregnada e impregnante de cultura” (p.18).

Os mitos, as histórias, as lendas que permearam toda a caminhada da sistematização deram ao nosso processo uma marca afetiva, simbólica, lúdica e, portanto, significativa.

A moça que virou bicho deixa de presente a lição de que se deve estar

atento a tudo aquilo que faz mal, devora, consome energias, destrói a essência e nos tira do caminho para a construção de uma sociedade mais justa e mais saudável.

O mito de *Rogério* renovou a Coragem, simbolizada pela velha ao subir a serra para resgatar a chuva. Coragem para enfrentar os problemas, encarar desafios, ir ao encontro de soluções. O GES *Mãos Amigas* descobriu-se ipê. Capaz de florir, de trazer a alegria das cores onde tudo antes era cinza e sem vida. De libertar os aprisionados. De aceitar o afeto da ajuda, do fazer junto, do companheirismo e da ajuda mútua. O GES descobre-se cria do movimento sindical, assim como os filhos de Iacân e Iaran. O movimento sindical está fértil.



ENTRE BATUQUES, CORES E HISTÓRIAS – EXPERIÊNCIAS DE ANIMADORES DE GES NO ESTADO DO MARANHÃO



Figura 1 – Ilustração representando os batuques, tambores e danças do Maranhão
Fonte: Criação de Ana Cristina Accioly, Pedagoga, Educadora Popular da Fetag-AL.

Valdisléia de Oliveira Ribeiro Murbach
Educadora Popular e Assessora Jurídica da FETAEMA.



Foto 1 – Reunião dos Animadores de GES da Baixada Maranhense, realizada na comunidade Agrovila, em Palmeirândia/Maranhão.
Fonte: Arquivo Fetaema. Foto: Raimundo Castro.

COLABORAÇÃO | Raimundo Castro | Francisco Ivaí da Silva Santos |
COAUTORES | Elizabeto | Manoelzinho | Lina | Francinete | Carlos Alberto |
Leidiane | Gonçalves | Cal | Nilvane | Ilvan | Márcio | Izete | Rocha | Paulo | Bela |
Van Dame | Pedro | Simplicio | Nemésio | Faustino | Suzana | Esterlita | Edvaldo

1. Introdução

Afinal, que outro é o desafio da educação popular senão o de traduzir, no mistério do saber coletivo, o sentido da palavra e o seu poder?

É nesse sentido que iremos registrar relatos e experiências dos Animadores de GES, construídos no âmbito do percurso formativo da ENFOC, de forma específica na região da Baixada Maranhense. Por aqui se pretende traduzir o compromisso e as paixões de pessoas que, envolvidas pelo fazer multiplicativo da formação de trabalhadores e trabalhadoras rurais, deram um colorido à luta e reafirmam a história do Movimento Sindical por meio da militância e pelo desejo da transformação das condições de vida do seu povo.

Esse colorido já começa a ser dado pela forma como os GES foram construídos no Maranhão, que implicou em um momento prévio: a formação e atuação dos Grupos de Animadores de GES.

A constituição desses grupos deu-se, a partir de 2009, após o I Curso Estadual de Multiplicação Criativa, no qual foi apontado como estratégia criar GES de base, tendo como referência as

regionais sindicais. Cada participante do GES Regional assumiu o compromisso de criar um novo grupo, desta vez diretamente na base, ou seja, o GES propriamente dito.

A estratégia de criação de GES nas regionais sindicais buscou ampliar o comprometimento dos dirigentes sindicais com a formação de base, mediante o processo de divulgação da Política Nacional de Formação e da proposta política da ENFOC.

Com alegria, apresentamos histórias de saberes, de gente, de vidas, com o desejo de demonstrar caminhos possíveis para que outras histórias venham a surgir.

O texto apresenta, primeiramente, uma breve caracterização do objeto da sistematização, justificando a sua escolha, tarefa que não foi fácil em razão das belas experiências de GES que em todo o estado do Maranhão foram construídas e se encontram em funcionamento, testemunhando a vontade política de gente do campo, organizada em sindicatos, buscando dar sentido às palavras, mantendo-as coerentes com as próprias ações.



2. Caracterização

A FETAEMA, criada em 02 de abril de 1972, é a maior organização sindical do Estado, contando hoje com 212 sindicatos filiados, distribuídos em nove regionais sindicais.

A FETAEMA foi constituída para fins de defesa dos interesses profissionais e coletivos dos trabalhadores/as rurais do Estado, comprometida com uma sociedade justa e igualitária. Desde 1998, tem orientado suas práticas político-sindicais de forma a manter-se coerente com o que propõe o PADRSS.

A FETAEMA compreende que a formação política de seus dirigentes é de fundamental importância, pois desperta a consciência sobre o papel militante, os desafios a serem enfrentados, fortalece a luta e estimula práticas de um sindicalismo mais atuante. Por esta razão, representantes do movimento sindical maranhense sempre estiveram presentes desde a construção da ENFOC, bem como no Itinerário da Escola, como participantes, seja em atividades de nível nacional, regional ou estadual.



Mapa 1– Mapa do Maranhão com as divisões das nove Regionais Sindicais

Fonte: Ideart Criações, 2006



3. Justificativa

A intenção desta sistematização é de registrar a experiência dos Animadores de GES no Maranhão, com um olhar especial para a Regional da Baixada Maranhense. Acreditamos ser possível compreender melhor se a estratégia feita pelo MSTTR do Maranhão tem de fato logrado êxito, já que somos o estado pioneiro a trabalhar com Animadores de GES através das regionais, e somente depois com o GES na base. É um momento importante para refletir se esta estratégia tem conseguido alcançar os principais protagonistas envolvidos, que são os trabalhadores e trabalhadoras da nossa base sindical, e que reflexos e impactos tem causado a eles/elas, para que assim a nossa prática sindical seja potencializada.

Para realizar a sistematização, propusemos o seguinte eixo temático: *Analisar se os Grupos de Animadores de GES atendem à proposta presente na PNF, que é fazer a formação chegar até à base sindical, e avaliar a estratégia adotada pela Regional da Baixada Maranhense e como ela difere dos caminhos traçados pelos demais grupos.* As perguntas geradoras que desdobraram o eixo foram:

- Como e quando surgiu a estratégia da realização da formação dos

GES, e por que começaram pelas regionais, ou seja, por meio dos Grupos de Animadores de GES?

- Como se deu o processo de decisões nas regionais e nos sindicatos para que os GES começassem pelas regionais, por intermédio dos Grupos de Animadores de GES?
- Como começou esta prática de Animadores de GES?
- Como se deu o processo de sensibilização das pessoas que participam dos grupos?
- Quais as dificuldades enfrentadas na constituição dos Grupos de Animadores de GES nas regionais?
- Como foi a multiplicação na base?
- Qual o envolvimento de todo conjunto do MSTTR maranhense com os grupos?
- Quais as mudanças percebidas após a consolidação dos grupos, inclusive no empoderamento político?
- Por que a Regional da Baixada Maranhense, por meio dos Grupos de Animadores de GES, adotou uma estratégia diferenciada dos demais grupos. Qual foi o diferencial? Qual foi o segredo motivador?

O processo da sistematização foi realizado a partir da concepção de que



uma experiência exitosa que chegue à base sindical precisa e deve ser socializada com outros sujeitos e com todo o conjunto do movimento sindical. Neste trabalho coletivo, estão inclusos o percurso, conteúdos, depoimentos, impressões, inquietações, mas, principalmente, os sentimentos dos sujeitos envolvidos.

Nas reuniões realizadas para colher informações, percebemos a alegria de cada participante em contar sua história, em contribuir para o crescimento do movimento sindical e, especialmente, em como vai sucedendo um envolvimento que é também afetivo entre as pessoas.

Durante diversos depoimentos, foi impossível segurar as lágrimas quando muitos disseram: “A educação popular, a ENFOC, o GES transformaram minha vida!”.

É a partir do registro, que a memória de um povo permanece “existindo” para as gerações futuras de uma comunidade, fortalecendo sua “identidade viva e histórica”. Neste sentido, o mestre Paulo Freire descreve: “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 1996, p. 90).

4. Grupos de Animadores de GES no Maranhão

4.1 Metodologia da Estratégia Formativa do Maranhão

A constituição dos grupos de Animadores de GES no Maranhão surgiu de uma ação do MSTTR no Estado, frente à necessidade de criar GES, tendo como referência as Regionais Sindicais.

A discussão desses grupos teve início após a realização do I Curso Estadual

de Multiplicação Criativa da EnfoC realizado em 2009, que teve como encaminhamento uma oficina específica para discutir a criação do GES no Estado. A oficina foi realizada ainda no mesmo ano, e apontou estrategicamente que os GES deveriam iniciar pelas regionais sindicais, e estes grupos seriam criados, acompanhados e animados pelos educadores que concluíram o Curso Estadual,





Foto 2 – Reunião com os educadores/as populares de Animadores de GES da Baixada Maranhense, na Agrovila, município de Palmeirândia/MA.
Fonte: Arquivo Fetaema.

denominados assim Grupos de Animadores de GES.

Portanto, os primeiros Grupos de Animadores de GES surgiram da seguinte forma: foram criados oito grupos regionais, com a participação de um dirigente por sindicato que integrava a regional sindical. Cada grupo se reunia no mínimo três vezes por ano, tendo como eixos de debates a história do MSTTR, PADRSS e um tema livre de acordo com a escolha do grupo. Passando esta etapa, cada participante do GES regional retorna para sua base com o compromisso de criar um novo grupo, ou seja, o GES de base. Atualmente os Grupos de Animadores de GES estão funcionando ativamente em todas as regionais sindicais do

Maranhão. Vale ressaltar que, para participar da ENFOC no Itinerário estadual, obrigatoriamente, a pessoa precisa ser oriunda de grupo de GES. Dessa forma, temos a certeza de que o processo formativo tem chegado à nossa base.

Essa estratégia tem qualificado os participantes da ENFOC, visto que os educandos e educandas provenientes dos GES já vêm participar com um conhecimento prévio do que é a formação e cientes dos compromissos propostos pelo Itinerário Formativo.

Outro fator importante é que os dirigentes sindicais estão de fato se incluindo no GES, pois é desta forma que trilham caminho para participar



do Curso Estadual da ENFOC. Essa experiência tem possibilitado uma consciência política dos dirigentes sindicais acerca da Escola de formação, fortalecendo a proposta e consolidando

assim, tanto a PNF quanto o PADRSS. Estão podendo sair do ativismo para vivenciar momentos de reflexão sobre o fazer sindical pretendido, em companhia de seus pares.

5. Critérios de escolha da Baixada Maranhense

No Maranhão, todas as regionais assumiram a estratégia e, com isto, têm alcançado resultados positivos. Para a equipe de sistematização, foi difícil definir uma regional para ser objeto desta sistematização.

A Regional da Baixada Maranhense foi escolhida pelas seguintes razões:

- Ter respondido à estratégia de GES com empenho e compromisso.
- Ter forte identidade camponesa, pois esta regional é a única em que o agronegócio não ingressou.
- Participar ativamente nos diversos espaços do MSTTR, com construção coletiva nas tomadas de decisões.
- Constituir-se em uma regional com fortes tradições culturais e grande número de comunidades tradicionais/quilombolas.

6. Experiência/prática de Animadores de GES na Baixada Maranhense

Com esse processo de construção e de constante multiplicação, a Regional da Baixada Maranhense se destaca por assumir a estratégia formativa de divulgar a PNF, formando até o

momento duas turmas de Animadores de GES.

O Grupo de Animadores de GES da Baixada Maranhense traz para esta



sistematização as formas de superação das dificuldades enfrentadas, depoimentos e experiências, sentimentos, articulações para a maior participação dos sujeitos e conquistas de espaços políticos.

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2008, p. 9-10).

Percebemos que o GES resgata o compromisso, a dedicação, a militância, e juntos criam as condições para a expressão de um discurso que aproxima pessoas, cria bandeiras de

luta e permite que a educação popular seja assumida pelos educadores/as como uma estratégia de fortalecimento político e de emancipação dos sujeitos.

A Regional da Baixada Maranhense é composta de 29 municípios, com características próprias, uma regional com traços culturais fortíssimos, de construção coletiva nas tomadas de decisões, grupos participativos em todas as reuniões do MSTTR. Nas reuniões de coleta de informações, pode-se constatar a alegria e dedicação das pessoas com o processo formativo. A Baixada Maranhense apresenta e representa a cultura quilombola de um jeito encantador.



Mapa 2 – Municípios que compõem a Regional da Baixada Maranhense
 Fonte: Ideart Criações, 2006



As questões que permeiam a diversidade das dimensões socioculturais da baixada maranhense criam um “acervo” de representações, valores, costumes e objetos que vêm passando de geração a geração. Isto ocorre pelo fato de a região ser um berço miscigenado por linhagem de várias etnias, na qual convivem descendentes de índios, negros além de povos que emigraram de outros países. Isso faz da Baixada Maranhense uma região rica na arte da culinária, no artesanato, música, religião e, principalmente, nas manifestações culturais dos mitos e dos credos religiosos. A partir destas manifestações, é que se extraem os ritmos, as melodias e poesias populares, dentre as quais destacamos:

- Tambor Crioula; Tambor de Mina (culto afro, pajelança; o pajé é a pessoa que recebe a entidade mística – encantados, caboclos); Tamborinho; Farra de Caixa; Festa do Divino; Baile de S. Gonçalo; Quermesse (novenas durante um festejo religioso);
- Festejos juninos: Bumba meu boi; Cacuriá, dança do coco, danças nordestinas (quadrilhas);
- Festejos carnavalescos: blocos de orquestras, blocos de pajelança;
- Outros festejos: baile de orquestras, S. Benedito, S. Sebastião, Santa Bárbara, Nossa Senhora dos Remédios, Santo Antônio, Santo Inácio, dentre outros.
- Reggae: outra manifestação cultural são as festas de reggae,

a partir da instrumentalização das radiolas (conjunto eletrônico, formado de um painel composto por uma mesa dirigida por um DJ que comanda os ritmos a partir de sua locução). Contudo, vale ressaltar que o reggae é uma cultura sul-africana, que o estado do Maranhão recriou.

Em 2009, quando os educandos e educandas da primeira turma do Curso Estadual da Enfoc – Maranhão retornaram para a Regional da Baixada Maranhense, vieram com a responsabilidade e a motivação de formar o GES.

De início, foi realizada uma reunião para debater a estratégia a ser adotada, quando foi deliberado que iniciariam com os Animadores de GES regional, com a participação de uma pessoa por sindicato. As vagas foram disponibilizadas visando a contemplar cotas de mulheres, jovens e terceira idade. Assim, foi realizado sorteio para definir qual a cota que cada sindicato deveria cumprir.

Os educadores/as divulgaram a proposta formativa e os objetivos dos GES e reforçaram a necessidade de se cumprir um perfil para indicação do representante do sindicato, não perdendo de vista a necessidade de oportunizar a todos os sindicatos que estivessem comprometidos com a estratégia.

Outra estratégia usada para atrair a participação no 1º Grupo de



Animadores de GES da Baixada Maranhense foi informar que a participação em GES seria critério para indicação dos participantes do 2º Curso Estadual de Multiplicação Criativa.

Então ele (o camponês) descobre que, tendo sido capaz de transformar a terra, ele é capaz também de transformar a história, de transformar a cultura, [...] ele renasce [...] não mais como objeto dela, mas também como sujeito da história (FREIRE, 2003, p. 21).

Levando em consideração que o povo é a história, se faz na história e pode fazer história, lembramos a satisfação de Freire (1996, p. 58) quando, ao tratar disso, revela em seus escritos: “Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades, não de determinismo”.

Foi assim, com muito ânimo, que a primeira turma do Grupo de Animadores de GES da Baixada Maranhense foi formada, no ano de 2009. O primeiro encontro da formação aconteceu em dezembro do mesmo ano, no município de Bacuri/MA; o segundo foi realizado em janeiro de 2010, no município de Santa Helena/MA, finalizando com o terceiro encontro em março de 2010, no município de Vitória do Mearim/MA. Nesta turma se formaram 21 animadores de GES.

Da mesma forma, a segunda turma do Curso Estadual da ENFOC saiu com a missão de constituir a segunda

turma de Animadores de GES na Regional. No ano de 2011, o processo formativo segue com a turma citada, formando assim 24 novos Animadores de GES.

Diferentemente da primeira turma de educadores/as, a segunda turma buscou uma estratégia distinta para a escolha dos novos participantes. Desta vez, a escolha seria cada sindicato enviar: um dirigente, uma vaga para cumprimento da cota mulher e um representante da base. A nova estratégia se deu como forma de fortalecer a base sindical.

Atualmente, uma parte dos educadores/as motivados pelo segundo Grupo de Animadores da Baixada Maranhense está participando da terceira turma do Curso Estadual da ENFOC.

Ressalta-se que os temas trabalhados nos Grupos de Animadores de GES são os mesmos discutidos na ENFOC, e que há também temas livres, de escolha decorrente do interesse coletivo dos sujeitos envolvidos no grupo.

Seguindo o processo formativo e tendo concluído os trabalhos e estudos previstos para os Grupos de Animadores de GES, os educadores/as se sentiram aptos e preparados a formar o seu próprio GES na base. Conforme alguns depoimentos, foi possível verificar as mudanças ocorridas após a consolidação do processo formativo dos Animadores



de GES, inclusive quanto ao seu empoderamento político e amor à militância.



Foto 3 – Reunião com o grupo de GES em Matinha/MA.

Fonte: Foto produzida por Raimundo Nonato Castro Filho.

Bertolina Célia Ferraz Martins
(Secretária de Mulheres da FETAEMA,
educadora popular, participante do
Grupo de Animadores de GES da
Baixada Maranhense):

Quando era coordenadora da Regional Sindical da Baixada Maranhense, assumi a estratégia formativa, motivando todos/as a participarem dos Grupos de Animadores de GES. Como dirigente, me atualizei e me tornei uma militante. Devo a este trabalho diferenciado na baixada maranhense ter me tornado hoje Secretária de Mulheres da FETAEMA.

Jaldenir Trindade (Sindicato dos
Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais¹ –
STTR de Viana):

¹ Doravante STTR.

Sinto-me emancipado como sujeito transformador, de mudança. O encontro de Animadores de GES me trouxe segurança, coragem. Fez com que eu tivesse conteúdo para discutir na base.

Maria das Graças (STTR de Matinha):

Como Secretária de Políticas Sociais, me sentia excluída de algumas discussões. Com a formação sindical, passei a ler o estatuto do sindicato e ver qual era minha função. O Grupo de Animadores de GES foi fundamental para minha vida pessoal e minha vida de militância.

Marcio Nélio Gomes (STTR de Viana):

Reacendeu minha militância. E aprendi que, para ser militante, não importa onde esteja. Percebi que o mais importante não é ser dirigente, e sim militante. O GES me coloca em choque comigo mesmo, a todo momento, com minhas atitudes.

Manoel das Chagas Coelho (STTR de
Palmeirândia):

O GES me fez perder meu sobrenome, hoje sou o Manoelzinho do sindicato, ou seja, hoje tenho identidade.

Os depoimentos demonstram a entrega desse povo, o qual se veem como verdadeiros/as protagonistas dessa história, e não como meros/as participantes. Através desses momentos de vivência na prática formativa, a forma de pensar a vida e a militância são reiventadas e reconstruídas. A partir dessa experiência, a luta passa a ser mais ousada, consciente, com mais sentido.



7. Grupo de Estudos Sindicais – GES na base

“Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, [...]” (FREIRE, 1987, p. 44).

A multiplicação do GES na base se deu a partir dos sujeitos formados pelos Grupos de Animadores. Dessa forma, o processo formativo tem funcionado ativamente nas comunidades, a aproximação com a base tem acontecido constantemente.

A forma de sensibilização das pessoas para participarem do GES na base tem acontecido das mais diversas formas: Em Bequimão/MA, constituíram grupo formado com os delegados da base, secretário de formação sindical, e um jovem da delegacia sindical. Nos municípios de Penalva, Turilândia e Viana, os grupos foram constituídos primeiramente com os diretores do sindicato e delegados de base.

Dentre os vários GES de base que foram formados a partir da importante e criativa estratégia dos Animadores de GES da Regional da Baixada Maranhense, podemos citar o GES do Ipiranga, no município de Viana/MA, ligado ao STTR. Os dirigentes sindicais Nilvane dos Santos, Márcio Nélio Gomes, Jaldenir Trindade, Ilvan Veloso, Izete, procedentes dos

Grupos de Animadores de GES deste município, tiveram a estratégia de começar o primeiro GES com toda a diretoria do sindicato. Acreditaram que, conquistando primeiramente os diretores/as do sindicato, seria mais eficiente, pois assim todos/as abraçariam fortemente a ideia de reconquistar a base, de fazer formação, chegar aos protagonistas de “nossa história”, os trabalhadores/as rurais.

O GES de base da comunidade de Ipiranga é um grupo que nos encheu de orgulho. Um grupo formado por descendentes de quilombos, com identidade étnica e cultural. Fomos recebidos por uma gente guerreira, alegre, que cantava assim: “Só porque você veio é festa no céu. É festa aqui” (componentes do GES de Ipiranga).

No mesmo momento, nos emocionamos e pudemos ter a convicção de que a formação sindical tem chegado aos lugares mais remotos deste País.

O povoado de Ipiranga, zona rural de Viana/MA, distante 31 quilômetros da sede urbana do município, possui atualmente 74 famílias, uma comunidade reconhecida como quilombola e que preserva seus



costumes, suas tradições, que leva a sério o misticismo, a saúde popular (parteiras leigas, benzedeiras), possui escola, sistema simplificado de abastecimento de água, eletrificação rural, igreja e local de festas.

Iniciamos o trabalho com uma dança, que expressa a força cultural do quilombo. Naturalmente, para se entender a história de um povo, é necessário fazer parte deste povo.

A dança que penetra os olhos, que hipnotiza, que traduz perfeitamente o quilombo é o Tambor de Crioula.

Raimundo Nonato Castro Filho (Assessor Regional da Baixada Maranhense):

Tambor de Crioula é uma manifestação popular na qual são utilizados instrumentos de percussão (três tambores; dois pequenos e um grande, os quais são batidos em ritmo sincronizado) em que dançam as mulheres de saias rodadas, colocando seus versos. No final de cada verso, existe uma reverência chamada de “punga” com a qual a dançante convida a outra pessoa para dançar no seu lugar, fazendo o revezamento.

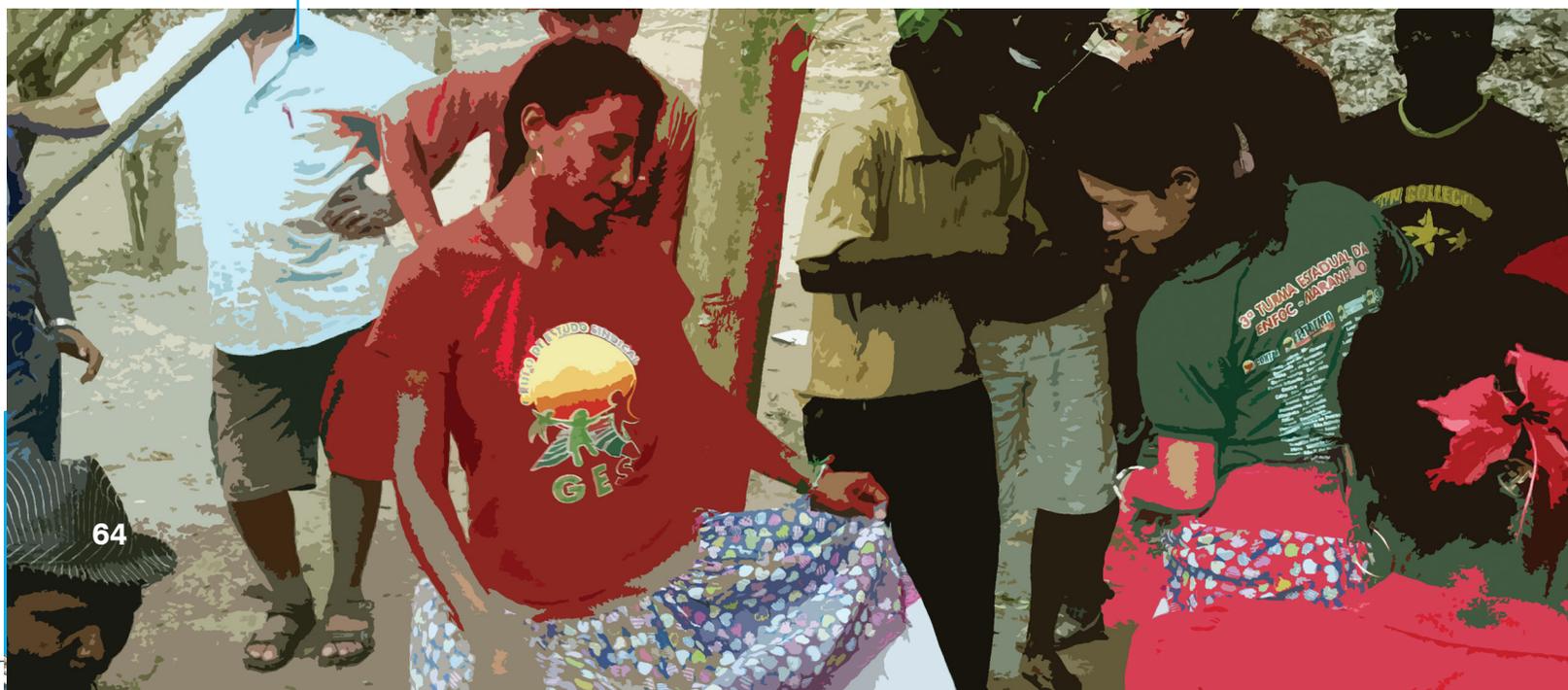
Esse GES local é formado pelos moradores da comunidade de Ipiranga, dentre eles, os senhores Nemésio Faustino Gomes, Simplício Papa Quadro e Domingos Gomes, sócios-fundadores do sindicato e moradores do povoado. Outra figura importante é a presidenta do sindicato, Sra. Martinha Efigênia Gomes Barros, que mora na comunidade. Ressaltamos que este GES envolve outras lideranças de comunidades remanescentes próximas, ou seja, procura empoderar todas as demais comunidades do seu entorno.

Constantemente, há uma reunião mensal no povoado, no segundo domingo de cada mês. Neste momento, discute-se sindicalismo, direitos dos trabalhadores/as e sua cultura.

Maria Helena (moradora e integrante do GES Ipiranga):

Primeiramente se discute os nossos direitos e deveres, através do nosso Estatuto, esperamos também as notícias que vêm do sindicato, como as questões ambientais e previdenciárias, Grito da Terra Brasil – GTB, Marcha das Margaridas, etc.

Foto 4 – Dança cultural da Comunidade Ipiranga - Tambor de Crioula - Cidade de Viana/MA.
Fonte: Foto produzida por Dimas Serra dos Santos.



O contato com novas formas de lutas vem enriquecendo o processo formativo, já que, nessa troca e construção de saberes, novas práticas dentro da comunidade podem ser visualizadas, o que permite aos sujeitos envolvidos se aprofundarem no conhecimento de temas relacionados ao sindicalismo, bem como em formas de manter uma vida saudável em comunidade: “São saberes construídos socialmente, coletivamente, em que se entrecruzam a riqueza dos conhecimentos, saberes, experiências, sentidos das culturas populares, silenciadas, negadas, vividas no cotidiano [...]” (BATISTA, 2005, p. 6)

Nesse sentido, os sujeitos envolvidos vão se entregando a novas descobertas, a novos valores éticos e morais. A formação os ajuda a se relacionarem saudavelmente com outros que vivem na comunidade.

Sendo assim, a comunidade, nesse espaço formativo, decidiu que viveria em mutirão de tarefas, no qual são

formados pequenos grupos de trabalho (troca de dias). Esta atividade é tradicional desde os tempos dos ancestrais e a comunidade a preserva com muito zelo.

Dificuldade ainda é encontrada, como articulação para que toda a comunidade participe do GES, mas isso não é motivo de desânimo para os que já estão participando, pelo contrário, é uma motivação para conquistar cada vez mais adeptos.

Faustino Nonato Madeira (Secretário de Política Agrária do STTR de Viana):

Com a formação do GES, aumentou o número de agricultores e agricultoras associados/as no STTR. Isto é fruto de uma luta sistemática do MSTTR. Apesar de toda dificuldade, ainda é possível fazer uma reunião com as comunidades, mesmo que com poucas pessoas participando, no entanto se consegue levar as informações. O GES de Ipiranga está de parabéns pela responsabilidade que cada liderança e associado tem em ver sua comunidade crescer.

Foto 5 – Dança cultural da Comunidade Ipiranga - Tambor de Crioula - Cidade de Viana/MA.
Fonte: Foto produzida por Dimas Serra dos Santos.



Através do GES nas comunidades, foi constatado:

1. Reaproximação entre o sindicato e os trabalhadores/as da base, conseqüentemente, um fortalecimento na relação de confiança entre o MSTTR x Base;
2. Frequência nas atividades do sindicato (assembleias, conselhos, reuniões);
3. Transformação dos sujeitos;
4. Crescimento dos números de sócios, dentre outros;
5. Apropriação pelos trabalhadores/as do projeto político do MSTTR;
6. Maior conhecimento sobre o papel do sindicato e das bandeiras de luta;
7. Comprometimento de dirigentes e trabalhadores/as com a luta sindical, além de mudanças positivas na qualidade de vida no campo.

8. Considerações finais

Sistematizar esta experiência é uma forma de reafirmar que a estratégia formativa da Enfoc vem alcançando o objetivo proposto, que é chegar à base. E assim, reanimando todos a continuar na militância, na educação popular, na transformação dos sujeitos, acreditando que um novo mundo justo e igualitário é possível.

Podemos perceber que a estratégia do MSTTR do Maranhão de criar espaços intermediários toma uma dimensão que transcende a proposta inicial da PNF e que, ao longo de suas experiências e compromissos com os que se envolvem com essa proposta, afirma ser eficiente, porque consegue chegar à base sindical, fortalecendo a luta, afirmando identidades, (re) significando histórias e,

acima de tudo, mantendo viva a memória e a luta pelo direito à vida e pelo respeito à dignidade humana. É como diz o grande educador Paulo Freire (1996, p. 94): “Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente”.

Essa estratégia tem permitido reafirmar o “primeiro amor” de tantos trabalhadores e trabalhadoras que sonharam o sonho de transformação: a “terra prometida”. Também contribui para a transformação e emancipação dessas pessoas, o que possibilita a dignidade, preservação da vida e respeito à diversidade de manifestação.

Tem permitido também dizer com firmeza que estamos no caminho da educação popular, assegurando, como



afirma Torres (2008, p. 22), que fazer esta modalidade de educação/formação

[...] é reconhecer o caráter político da educação e seu papel na busca de uma sociedade mais justa e democrática; é assumir uma opção explícita pelo fortalecimento das organizações e movimentos gestados pelos setores populares; é trabalhar para a criação ou desenvolvimento das condições subjetivas que possibilitem ações emancipatórias e de transformação social por parte desses sujeitos populares; é gerar alternativas pedagógicas, metodológicas e didáticas coerentes com os postulados anteriores.

Dessa forma, o MSTTR maranhense tem cumprido uma espécie de ciclo, todo tempo se inovando e renovando. Ocorre uma ampliação do processo formativo, uma multiplicação de saberes e aprendizagens. Todas as regionais sindicais continuam trabalhando com os Grupos de Animadores, tendo como objetivo principal fazer GES de base. O assunto é levado tão a sério no Estado que, durante o planejamento das ações do movimento, já saem datas definindo os encontros em todas as regionais.

Percebemos o compromisso com a formação sindical.

E o que falar da experiência para nós educadores/as populares? Quando fomos convidados a sistematizar o GES do Maranhão, nunca imaginamos que esta experiência pudesse impactar tão fortemente nossas vidas profissional e pessoal.

No início, nos questionávamos: “Será mesmo que o processo formativo tem chegado à nossa base sindical, ao povo do campo?”. Nos “jogamos” e fomos descobrir. O que mais nos motivou foi o compromisso junto à luta destes trabalhadores/as rurais que, assim como nós, acreditam num mundo justo e igualitário.

Nesse desafio, aprendemos e escutamos este povo contando sua história. História esta que, de coadjuvantes, passaram a ser protagonistas. O GES é um espaço para olhar a comunidade como essência do movimento sindical. É a Memória que nos move enquanto militantes.

Foto 6 – Grupo de Animadores de GES da Baixada Maranhense. Reunião na Comunidade Ipiranga, em Viana/MA.
Fonte: Arquivo Fetaema.





GES EM SERGIPE – UMA HISTÓRIA ENTRE OUTRAS HISTÓRIAS



Figura 1 – Ilustração representando a cultura da pesca em Sergipe.
Fonte: Criação de Ana Cristina Accioly, Pedagoga, Educadora Popular da Fetag-AL.

Sanadia Gama dos Santos

Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Tiradentes (2008), Educadora Popular, professora substituta do Departamento de Letras de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe e Assessora da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Sergipe.



Foto 1 – Símbolos utilizados no Ges de Cumbe.
Fonte: Arquivo Fetase. Foto: Maria José (Fetase).

COLABORAÇÃO | Maria José Moura Santos. Trabalhadora Rural e Secretária de Formação e Organização Sindical/FETASE |
COAUTORES | Maria do Carmo | Ivaneide | Maria Catarina | Edslei | Rita | Aires | Cristiane

Cantiga de Estória

*Um dia ouvi uma estória
De um velho sabido
Que se pôs a dizer
Que vamos chegar à vitória
Que a divina glória
Vai resplandecer.*

*A estória ainda dizia
Que a gente devia era se unir
Com garra
Combater a morte
A lei do mais forte
Que manda aqui...*

(LIRA, 2001, faixa 8).

1. Introdução

Vimos aqui para contar histórias. Histórias estas de gente, de povo, de motivações, de desejos e sonhos, relatos de experiências dos GES nos municípios que compreendem as regiões Cotinguiba, Centro-Sul, Sul e Sertão do estado de Sergipe. A constituição desses grupos deu-se, desde 2008, durante vivência nos cursos nacionais e Curso Regional Nordeste da ENFOC, interpelada pela provocação das atividades intermódulos¹ que ocorreram durante a realização dos referidos cursos.

¹ Atividade formativa que ocorre no intervalo entre um módulo e outro do curso. Momento esse em que os/as educandos/as assumem compromissos e vivenciam a atividade em sua comunidade local (tempo-comunidade).

Isso partiu de um compromisso pessoal de indivíduos envolvidos na vivência do Itinerário proposto pela Escola mediante os cursos. Com a proposta política da ENFOC, os envolvidos e envolvidas foram desafiados/as e imbuídos/as a darem o primeiro passo nas suas bases de origem.

Assim, como afirma Freire (1996), aprendemos bastante no dia a dia, vivendo, trabalhando, no lazer, enfim, fazendo coisas e interagindo com o outro. Aprendemos não somente por meio da educação formal², mas também pela informalidade das vivências e da

² Sistema educativo altamente institucionalizado que se estende do ensino fundamental à universidade.



educação não formal³. Esta tem também contribuído para a transmissão do conhecimento que, ao longo do tempo, as sociedades vêm acumulando.

O texto quer revelar o que está presente na poeira das estradas, interior afora do estado de Sergipe, através das manifestações de anseios e desejos de um povo que sabe fazer deste presente a produção de um viver

³ Atividade organizada e fora do sistema formal de educação que desenvolve vários tipos de aprendizagens.

sustentável, para manter a memória e a chama acesa deste espaço social que é o campo e do Movimento sindical, tecido pela diversidade sobre ele, e que exala sabores, gostos e vontades à espera do “dia de graça”. Quer mostrar também como é importante o encontro de companheiros e companheiras em grupos de estudos, para pensar o que têm feito, hoje, ao caminhar sobre a trilha deixada pelos seus antepassados.

2. Justificativa

Com esta sistematização, acreditamos ser possível contribuir para uma aproximação entre os sujeitos envolvidos na criação e funcionamento destes GES; para dar visibilidade e maior vivacidade a estes sujeitos e comunicar o dia a dia destas experiências que aproximam o simbólico (recursos didáticos e pedagógicos) e o real (vivência) como elementos importantes para a transformação da prática sindical e da realidade onde atuam.

O interesse em escolher estas experiências transcende a necessidade de dar a conhecer fatos isolados e acontecimentos ocorridos nas comunidades onde os sujeitos atuam.

É parte de um desejo de dar visibilidade a pessoas, lugares e experiências vivas, criando oportunidade para a manifestação das próprias vozes dos envolvidos nestas experiências e constituem um coletivo em busca de maior conhecimento dos espaços onde vivem e atuam no enfrentamento de problemas. Sistematizar estas histórias é tornar viva a memória de trabalhadores e trabalhadoras rurais, de experiências que iniciaram a partir de uma motivação e de uma chama que estava começando a acender, por volta dos anos 1960. É também fazer uma coletânea de imagens, de depoimentos. É tornar visível aquilo que o povo sente e faz no seu cotidiano, por meio da formação e auto-organização



dos grupos mencionados; é também trazer para o presente a história dos 50 anos de tantas lutas e conquistas alcançadas na história do MSTTR, com sua diversidade e forma de multiplicar os saberes através das experiências de grupos de base; é “rememorar” fatos e acontecimentos por meio de instrumentos pedagógicos que vêm resgatando as significações de tantas histórias que puxam “tantas outras histórias”... É, antes de tudo, mostrar

o “antídoto” que fez tantos homens e mulheres começarem esta empreitada, de modo a suscitar nos leitores/as o desejo de fazer valer a luta de um Movimento que reconhece as marcas do passado; os legados daqueles e daquelas que contribuíram para a construção de um movimento unificado, capaz de romper as marcas da opressão e injustiça vigentes ao longo da história. É fazer desse momento uma canção!

3. Contando histórias, produzindo vidas...

3.1 Minha gente, por favor, atenção! Eu vou contar...

Nestas linhas, vamos situar o estado de Sergipe que compreende, na estrutura do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, além da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Sergipe⁴ – FETASE, cinco polos sindicais, agregados por sindicatos que se aproximam geograficamente. Para este projeto, o nosso foco compreende quatro dos cinco polos nos quais se situam as experiências de GES. São também quatro municípios – São Cristóvão (Vale do Cotinguiba), Indiaroba (Sul), Cumbe

⁴ Doravante FETASE.



Foto 2 – Momento inicial de reunião do Ges em Indiaroba.

Fonte: Arquivo Fetase. Foto: Ivaneide (STTR de Indiaroba).





Foto 3 – Momento de Reunião do GES de Poço Verde.
Fonte: Arquivo Fetase. Foto: Edslei Nascimento (STTR Poço Verde).

(Sertão) e Poço Verde (Centro-Sul) – e quatro os GES que foram constituídos em objeto de nossa sistematização.

*Veja como o sol brilhou
Manhã chegou
Campo floriu
É a estação primavera
Que esta vida espera
Pra desabrochar.*
(LIRA, 2001, faixa 10).

A experiência dos GES em São Cristóvão, município que fica situado na região do Vale do Cotinguiba, a 26 km da capital, Aracaju, é a primeira a ser situada. São Cristóvão é a quarta cidade mais antiga do Brasil e foi a primeira capital de Sergipe. Fundada por Cristóvão de Barros, no dia 1º de janeiro de 1590, é marcada como patrimônio histórico da humanidade.

Embora tenha recebido esse título, por seu rico acervo cultural e pelos

monumentos e aspectos históricos, caracteriza-se por áreas de cultivo da cana, da agricultura e da pesca do camarão. Ali atua um Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e, no município, estão constituídos dois GES que envolvem grupos que trabalham com o camarão – aqüicultores/as⁵ –, e outro que são eminentemente de trabalhadores e trabalhadoras rurais, sócios/as do STTR. Esta experiência será relatada de modo mais específico, a seguir.

Os GES em Indiaroba, município que fica na região Sul do estado de Sergipe, em divisa com o estado da Bahia, foram criados no dia 4 de junho de 2011, após a apresentação da importância “deste acontecer” pelas companheiras Ivaneide (STTR de Indiaroba) e Marlene (STTR de Cristinápolis). Naquele

⁵ Pequenos criadores de camarão que usam recursos alternativos para a criação nos viveiros de forma sustentável, agroecológica, sem causar danos ou impactos à natureza.



SERGIPE

momento estavam acontecendo as tarefas de um dos módulos do Curso Regional Nordeste da Enfoc. No mesmo dia, foram criados dois GES e escolhidas suas líderes: o *Renascer da Militância* – líder Maria Catarina dos Santos e o *Militância na Renovação* – líder Ivaneide Souza Santos.

O *Renascer da Militância* é composto por nove participantes, sendo quatro mulheres e cinco homens, e dois destes são jovens. *Militância na Renovação* é composto por dez integrantes, sendo seis mulheres e quatro homens, e três deles são jovens. Estes participantes, além de associados/as ou diretores/as do sindicato, são representantes de diversas comunidades que se reúnem ora na sede do sindicato, ora nas comunidades.

O município de Cumbe está situado na região do Médio Sertão Sergipano e possui cerca de 3.144 habitantes. O município vive predominantemente da agricultura familiar, da pecuária e do serviço público local. O grupo de estudos foi criado neste município, em julho de 2011, com a participação da presidente do STTR, Cristiane Santana, durante o Curso Regional Nordeste da Enfoc. A partir da atividade intermódulo, Cristiane sentiu-se no compromisso de iniciar um novo grupo no seu município, em conformidade com a estratégia que a ENFOC propunha. No início, o GES de Cumbe continha 11 integrantes. Atualmente, o primeiro grupo, criado em 2011, é composto por nove pessoas e o segundo, formado em 2012, por seis membros, coordenados por Edla e Edilma, educadoras da quarta turma do

Curso Estadual ENFOC/SE. Os grupos são constituídos em parte pela diretoria do sindicato, entre outras pessoas associadas.

Poço Verde está situado na região Centro-Sul do estado de Sergipe. No município, existem quatro GES criados. Em cada grupo, existe a preocupação de trabalhar com no mínimo cinco e no máximo dez integrantes. Seus associados são constituídos por agricultores/as familiares, jovens e mulheres. As discussões nos grupos são planejadas e organizadas com cuidado: antes do início das atividades, o grupo sempre indica uma pessoa para coordenar os trabalhos, mas geralmente o/a facilitador/a é sempre alguém que passou pelo Itinerário estadual, nacional ou regional da ENFOC.

No dia 8 de outubro de 2008, foi criado o primeiro GES de Poço Verde, com a coordenação de Maria Aires, presidente do STTR e educanda da ENFOC estadual. O grupo discute o estudo do Movimento sindical desde sua criação aos dias de hoje. Participou da criação o Sr. Pedro Marques, primeiro presidente e sócio do STTR de Poço Verde.

No ano de 2010, foi criado mais um GES, sob a coordenação de Rita e Edslei, diretores do Sindicato e educandos da quarta turma do Curso Estadual Enfoc em Sergipe. Este grupo foi constituído com jovens do povoado São José, e suas primeiras atividades foram a busca pelo conhecimento do histórico do Movimento sindical e do STTR de Poço Verde, refletindo também sobre a importância do Movimento, direitos e deveres do



sindicato no município, e ainda realizando estudos sobre o PADRSS.

No ano de 2011, foram criados mais dois GES, um no povoado Tabuleirinho, com jovens da comunidade e outro no Projeto de Assentamento Santa Maria das Lages. A criação dos grupos deu-se numa reunião com as representantes das duas comunidades, quando escolheram os jovens mais participativos destas para integrarem os grupos. A metodologia de atividades teve por base o modelo do grupo criado no povoado São José, com a coordenação de Maria Aires e Evanildo, este, educando da terceira turma do Curso Estadual da Enfoc.

Um ato concreto advindo da discussão no GES do município de Poço Verde foi a realização de um seminário sobre os impactos que o uso desordenado de agrotóxicos causam à saúde do trabalhador e degradam o meio ambiente.

Dessa forma, os GES começaram a se constituir no estado de Sergipe em 2008, no município de Poço Verde, a partir da participação de uma educadora nos Itinerários que compreendiam a primeira turma do Curso Estadual da Enfoc (2008/2009) e Curso Regional Nordeste da Enfoc (2009); de um educador da segunda turma do Curso Estadual da Enfoc (2010) e dois educadores da terceira turma do Curso Estadual da Enfoc (2010). Em seguida, passaram a funcionar os GES de São Cristóvão (2010), Indiaroba e Cumbe (2011), a partir da terceira turma do Curso Nacional da Enfoc. O grupo de Cumbe (2011) teve como cenário o terceiro Curso Regional Nordeste da Enfoc.

Todos os grupos constituídos surgem a partir dos compromissos propostos pela atividade intermódulo, ou seja, compreendida entre um módulo e outro e pela provocação dos sujeitos envolvidos nesta vivência dos cursos, os quais sentem a necessidade de dar continuidade à multiplicação criativa da formação político-sindical e ao jeito de fazer diferente o sindicalismo rural.

*Uma canção me faz pensar
É a canção comprometida
Com a vida, com esta vida
Uma canção que nasce assim
Tem toda força, enfim
Do nosso grito
Do infinito amor que agita
E nos incita, e nos incita
E nos convida a continuar.*
(LIRA, 2001, faixa 1).

Com esse caminho percorrido, compreendemos que as quatro experiências apresentadas têm uma motivação em comum no seu jeito de dar o primeiro passo. Elas surgem da dinâmica e dos desdobramentos que aparecem nos cursos em que sujeitos se envolvem e seguem para a base de origem de cada um/a. Agregam sonhos e desejo de transformação que está refletido em novas formas de pensar a luta sindical, de adquirir maturidade sobre o seu papel enquanto militante e de se relacionar com as pessoas de uma forma mais ampla, garantindo assim novas práticas no interior do Movimento sindical do Estado. No processo de conhecimento, ao participar do Itinerário formativo da ENFOC, foi surgindo entre esses sujeitos o compromisso



de propiciar aos integrantes das suas comunidades de origem – as bases do Movimento – a oportunidade de também fazerem a experiência do diálogo, que favorece a expressão dos seus saberes, o acesso a informações, o desenvolvimento da curiosidade, da capacidade de crítica e da vontade de construção de projetos conjuntos para melhorar as próprias vidas e a da comunidade. Este diálogo pode também levar à conscientização, ou seja, incentivar os sujeitos para que assumam o “compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, fazendo e refazendo também a si mesmos” (FREITAS, 2008, p. 100)

A partir dessas experiências, outros grupos foram recriando a dinâmica dos já criados e, sem saber direito, estavam experimentando um *novo fazer formativo*, autêntico, com o jeito do grupo então formado... Alguns adotaram, inclusive, nomes próprios...

A discussão no GES me fez repensar algumas atividades, que tomei sem refletir (Naiara, 16 anos, Poço Verde)

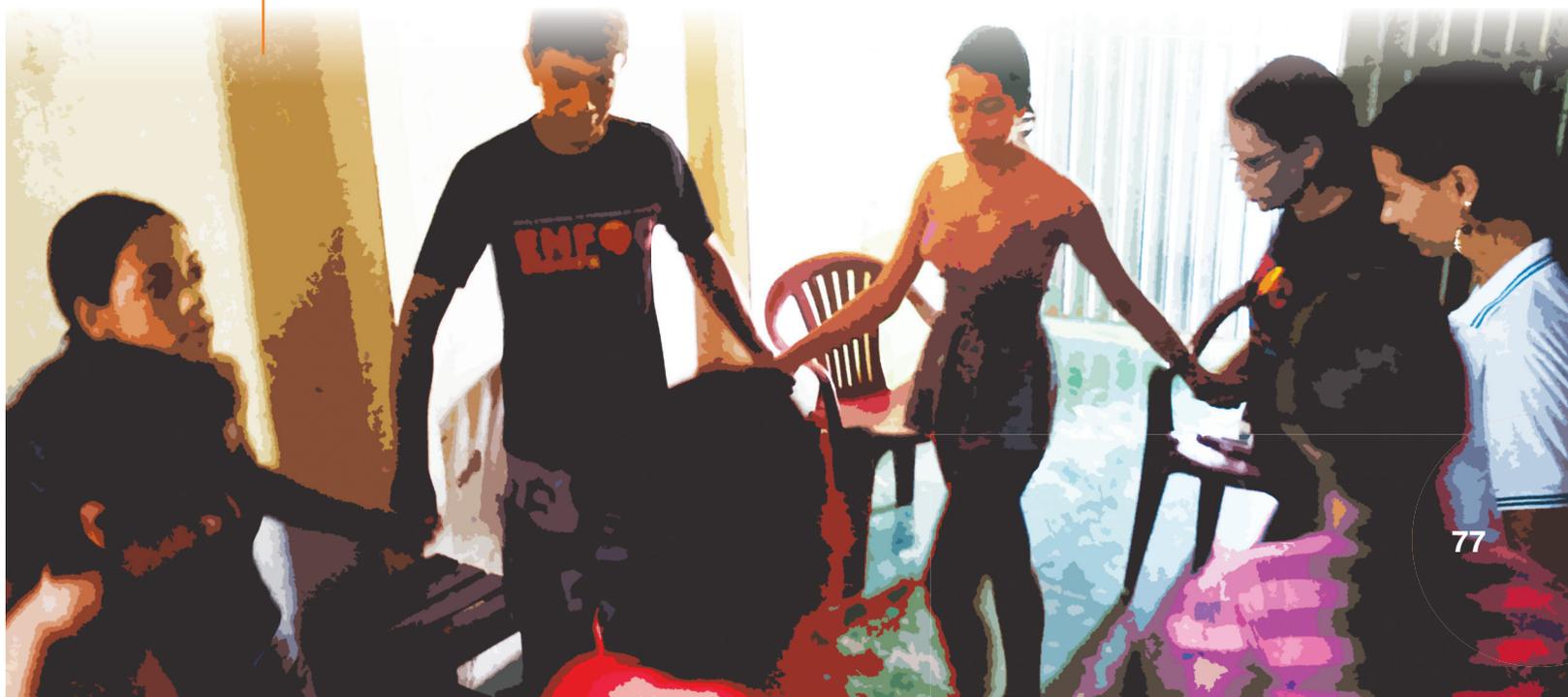
Como é bom conhecer a história do surgimento do Sindicalismo! (Esdras Rodrigues Fontes, 23 anos).

O sindicato foi uma escola de aprendizado que eu não precisei pagar. (Josefa Daiane Santana Nascimento, 16 anos).

Freire (1983, p. 29) afirma que “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. Por isso, a forma de fazer criativo e os esforços de cada animador e animadora de GES nesse fazer do chão sindical é um exercício diário que rompe as velhas formas, recriando um universo lúdico, de novas linguagens e de transformação dos sujeitos. É como diz Freire: “É verdade também que a sua forma de atuar, sendo esta ou aquela, é função, em grande parte, de como se percebiam no mundo” (FREIRE, 1983, p. 83).

É nessa condição que os sujeitos envolvidos vão se descobrindo, a partir de novas linguagens incorporadas nas reuniões dos grupos, nos

Foto 4 – Momento de descontração do GES de Poço Verde - ciranda.
Fonte: Arquivo Fetase. Foto: Edslei Nascimento (STTR Poço Verde).



aprofundamentos dos temas e na inter-relação entre teoria e prática.

Para mim está sendo muito marcante o grupo, pois faz lembrar-me da luta da criação deste sindicato e os companheiros que contribuíram e não estão mais aqui conosco, e será muito importante que todos/as deem o valor que merece a este momento de diálogo que o GES vem realizando. (Cecílio, aposentado rural e um dos fundadores do STTR de Indiaroba).

Nessa relação de saberes e linguagens, os grupos de estudos sindicais vêm desenvolvendo metodologias a partir de músicas, tarjetas, linguagens corporais que se relacionam com as temáticas trabalhadas nos encontros de estudos e agindo de forma pedagógica no agir concreto dos/as envolvidos/as no processo.

Esse agir concreto caracteriza-se na mudança de vida dos que se envolvem neste espaço, pois, no momento em que eles e elas vivenciam e participam dos momentos de formação, modificam sua forma de pensar a vida, passam a lutar com intencionalidade, doam seus corpos a fim de fortalecerem suas lutas. Assumem-se como seres de práxis, ou seja, vigilantes, para manterem *estreita relação* “entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a consequente prática que decorre desta compreensão, levando a uma ação transformadora” (ROSSATO 2008, p. 331).

A necessidade de formar o GES tem a importância de dar continuidade a todas as informações que tive na ENFOC e vi também que o MSTTR precisa de pessoas. A ENFOC mudou muitas coisas e a forma de administrar minha vida. (Cristiane Santos, Educadora Popular, presidente do STTR de Cumbe).

Foto 5 – Encerramento de reunião no Ges de Cumbe.
Fonte: Arquivo Fetase. Foto: Maria José (Fetase).



4. O que se estuda? O que se conversa? O que se aprende nos GES?

A metodologia se desenvolve em círculo. Existe um baú que foi feito pela animadora do GES desde a primeira reunião. Antes de iniciar a reunião, todos os materiais didáticos são colocados neste baú como bandeiras de tecidos. No início, o assunto a ser abordado não é trazido de imediato. Há sempre uma dinâmica de sensibilização para o grupo entrar no clima. Esta dinâmica pode ser de integração, contendo músicas, mensagens ou até reflexões feitas pela facilitadora.

O *Almanaque ENFOC* é usado frequentemente, bem como o livro *Multiplicação Criativa* que está sempre presente nas reuniões, pelo fato de já haver um pequeno relato do surgimento deste grupo. Os temas abordados são: história do STTR, PADRSS, preservação do meio ambiente, organização das mulheres, estatuto do sindicato, política partidária, entre outros. Os depoimentos das pessoas mais velhas dão-se pela presença ativa destes durante as reuniões, principalmente, quando a temática central da discussão é a história do STTR. Neste momento, é convidado algum fundador ou pessoa que participou do processo de sua fundação e este vem relatar, mediante depoimento das experiências vividas nesse período.

A ciranda pedagógica é o recurso pedagógico mais frequente nos grupos. Esse tipo de ciranda se dá no formato da horizontalidade, desde a organização das cadeiras em círculo, conforme metodologia da Educação Popular, como também por intermédio das canções que são trazidas nas reuniões, na forma democrática de as pessoas terem a liberdade de expressão para intervirem no debate, tornando os envolvidos parte integrante dessa construção. Esta forma acaba horizontalizando o jeito de conduzir os processos e favorece a participação dos/as envolvidos nas ações que se relacionam com os temas e suscitam no povo novas formas de enxergar o mundo, a vida e fortalece seu agir cotidiano, (re)significando sua atuação, transportando-os a novas práticas.

Através dessas discussões nos GES, melhorei a forma de ver e de pensar o Movimento sindical e sua luta com mais empoderamento e conhecimento para a minha militância.

(Maria do Carmo Batista – Educadora da Enfoc, Presidenta do STTR de São Cristóvão).

O empoderamento pode ser compreendido, em perspectiva freiriana, como:



Um processo que emerge das interações sociais em que nós, seres humanos, somos construídos e, à medida que, criticamente, problematizamos a realidade, vamos nos “conscientizando”,

descobrimo brechas e ideologias; tal conscientização nos dá “poder” para transformar as relações sociais de dominação, poder esse que leva à liberdade e à libertação (Guareschi, 2008, p.166, grifos do autor).

5. Um GES que transforma vidas de forma sustentável – a experiência auto-organizativa de aquicultores/as de São Cristóvão/SE

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho se não viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos. (FREIRE, 2000, p. 67).

Neste espaço, apresentaremos um recorte específico da experiência de um dos GES do município de São Cristóvão.

Tudo começou desde o momento em que alguns filhos de pescadores trabalhavam numa empresa do ramo de grandes criações de camarões. Ao serem demitidos desta empresa, e com a experiência na criação de camarões, se juntaram a um grupo que criava

Foto 6 – Aquicultores/as do STTR de São Cristóvão em reunião.
Fonte: Arquivo do STTR de São Cristóvão. Foto: Lucivânio Aragão/Fetase.



SERGIPE

ostras no estuário do Rio Vaza Barris (que tinha fundado uma associação) e começaram, de forma coletiva, a pensar em formas para o manejo da criação.

Com essa junção, o grupo se fortaleceu e, com isso, a associação, que estava desativada, foi reativada em 28 de junho de 2008, com o nome de *Associação dos Aquicultores/as*. Esta denominação foi escolhida em razão do modo como o grupo passou a organizar o trabalho, da criação que passou a ser feita de maneira alternativa, com as próprias espécies nativas, hoje também tendo acrescida a espécie exótica *Volnamey*. Esta espécie se desenvolve sem uso de agrotóxicos, utilizando os tanques – pequenos lagos usados como viveiros de criação dos camarões – causando o mínimo de danos ou impactos à natureza. Tampouco agride a vegetação local e, pela forma de a produção ser feita coletivamente, desde a organização, coleta, produção e seu manejo sustentável, leva as famílias vinculadas à associação e à comunidade local a consumirem desta produção.

Esses aquicultores são pessoas diversas como trabalhadores/as rurais, pescadores, professores/as, entre outros. Alguns destes são filhos de pescadores que antes usavam esse espaço para a criação de peixes. Os viveiros são antigas salinas.

Somos pessoas diversas: pescadores/as, marisqueiros/as, professores/as, trabalhadores/as rurais. Aqui as pessoas são pessoas!

(Maria do Carmo Batista dos Santos, Presidente do STTR de São Cristóvão).

Com a criação da associação, muitos problemas de ordem organizativa surgiram e muitas intrigas nas relações de trabalho e na produção começaram a acontecer, causando desunião. Daí surge no grupo a necessidade de realizar formação. Foi a partir desse momento, que Maria do Carmo, educadora da Enfoc (fruto da primeira turma estadual e da terceira turma nacional), presidente do STTR de São Cristóvão e membro da associação, começou o Grupo de Estudos Sindicais

Foto 7 – Aquicultores/as do STTR de São Cristóvão.
Fonte: Arquivo do STTR de São Cristóvão. Foto: Lucivânio Aragão/Fetase.



com os membros desta associação. Era o ano de 2010, período em que ela realizava o Curso Regional Nordeste da ENFOC. E as reuniões do grupo se tornaram regulares, conforme depoimento de um dos integrantes:

Essas reuniões ajudam a ter informações do que se passa no cenário em nível de estado. Isso ajuda a manter o nosso grupo fortalecido.
(Alexandro Monteiro, aqüicultor).

As reuniões são feitas no próprio viveiro, popularmente conhecido como tanque. Durante esses momentos, fazemos abertura e o tema é escolhido pelas lideranças, relata Maria do Carmo. Atualmente são 15 participantes. Reúnem-se também alguns alunos da Universidade Federal de Sergipe, que fazem de alguns temas tratados no grupo fontes de pesquisa. Há uma parceria com o GEAS – Grupo de Pesquisas da Universidade Federal de Sergipe – que contribui com o grupo no acompanhamento do processo de criação dos camarões e de espécies nativas, para que possam fortalecer a sua produtividade.

Além disso, são discutidos temas diversos como gênero, por intermédio do caderno da Marcha das Margaridas, folheando os textos de forma coletiva, com perguntas norteadoras e respostas que são realizadas e debatidas de modo participativo.

A experiência é feita numa relação dialógica entre teoria e prática, quando se discutem temas como meio ambiente, a história do movimento sindical, habitação rural e crédito fundiário, entre outros.

Um dos temas mais debatidos é o da preservação ambiental – as pessoas ouvem, olham ao redor da sua realidade e, com isso, o grupo tem realizado ações que causam menor impacto para a natureza. Pessoas que viviam na maré pescando ou só na agricultura, hoje, além de serem agricultores/as, também são aqüicultores/as. Esses viveiros enchem pela ação da maré e os membros utilizam filtro para não entrar espécies predadoras.

Segundo orientações do grupo de pesquisa da UFS, colocamos oito camarões por metro quadrado. Entendemos que, dessa forma, a qualidade de vida melhora, cuidamos mais do meio ambiente e a produção se desenvolve melhor.
(Presidente do STTR de São Cristóvão e membro da associação).

*Leva de volta pro meu povo
A alegria de viver
E deixa o sol nascer de novo,
Deixa o dia amanhecer!*
(LIRA, 2001, faixa 4)

Esses momentos de reuniões dos GES na associação melhoraram a qualidade de vida dos envolvidos/as. Antes eles pescavam como antigamente, de forma artesanal, somente com a produção da pesca de peixes nativos de forma isolada. Hoje eles produzem para sua própria subsistência e de suas famílias. Atualmente, existem em média 30 pessoas no cultivo da pesca do camarão e, após participação na organização, ampliaram suas próprias áreas. Com o agir coletivo, o dinheiro arrecadado é dividido entre eles. Isto agrega valor, há respeito uns com os outros, união e fortalecimento do grupo.



SERGIPE

Com a vinda do GES, renovamos as forças e outras pessoas também estão criando viveiros desta forma mais sustentável com este trabalho” (Maria do Carmo).

Esse fazer diferente contribui para a auto-organização, para o esclarecimento e a politização dos/as aquicultores/as. Normalmente não temos o hábito de ser politizados. A parceria com a Universidade Federal de Sergipe e com o STTR contribuiu bastante para a sustentabilidade do grupo, afirma Alexandro Monteiro, membro da associação.

Outro fator resultante desse processo foi o reconhecimento do promotor de justiça ao afirmar que, no estado de Sergipe, esse grupo de aquicultores/as é o mais organizado. Isto se deve à forma de organização que o grupo conseguiu alcançar a partir da relação organização/formação. A formalização do GES demonstra que há uma conquista de maior autonomia para o grupo e demais criadores da pesca do camarão que se articulam no Estado. Isto deu mecanismos para buscar outras articulações além da parceria do GEAS.

Este parceiro, sensibilizado com a situação dos criadores, provocou um fórum com o grupo de aquicultores/as, envolvendo vários criadores de municípios do estado com o Ministério Público, para que esses grupos conseguissem a regularização da liberação da pesca. Os frutos deste fórum resultaram em várias audiências com o judiciário. Com isso, o GEAS fez um relatório sobre o trabalho dos criadores e o entregou ao Ministério Público, como forma de tentar conseguir a licença dos criadores para a pesca. O processo está em andamento e os grupos continuam se organizando, participando de várias audiências, na esperança de obter resultados satisfatórios. Com essa parceria junto ao grupo de pesquisa, o grupo de aquicultores/as de São Cristóvão passa a ser modelo para outros grupos de pequenos produtores/as da região. O camarão é vendido no mesmo valor, tanto para o público em geral, quanto para grandes proprietários. Isto reflete em autonomia e superação da exploração da força de trabalho, como antes acontecia, por meio dos atravessadores/as.

Foto 8 – Aquicultores/as colhendo peixes com a rede.
Fonte: Arquivo do STTR de São Cristóvão. Foto: Lucivânio Aragão/Fetase.



6. Considerações finais

Escrever sobre estas experiências demonstra que é possível comunicar o que está sendo feito de forma criativa. É tornar viva a memória de tantos antepassados que contribuíram para que o hoje aconteça. Podemos dizer que os relatos descritos neste texto, bem como todo o percurso relatado, demonstram que a vida pulsa motivada por vontades e desejos, dentre eles, a sede de transformação. Transformação esta na maneira de produzir e na organização do grupo, que é autossustentável e fortalece a luta sindical.

É assim que o GES se constitui: por teares, tecendo sonhos, compromissos e pela provocação que o dinamismo da educação popular se propõe a construir, de modo a possibilitar a transformação da vida contra o projeto das forças da morte sinalizadas pelo capitalismo.

Com as experiências descritas, podemos afirmar que a luta dos/as trabalhadores/as é possível acontecer onde quer que estejam, e que a estratégia de base a partir da proposta da ENFOC, associada à PNF, vem se realizando no fazer cotidiano de tantas práticas realizadas por diversas mãos que se deixaram seduzir pelo sonho da transformação e da vontade de fazer a multiplicação criativa acontecer. Multiplicação que é tecida pela canção:

*Uma canção que nasce assim [...]
É a canção toda emoção
Do coração que quer cantar
A longa vida curta,
A dura lida,
A luta dessa gente
Que não para de sonhar!
(LIRA, 2001, faixa 1).*



TRABALHADORES/AS RURAIS E A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA VIVIDA NOS GRUPOS DE ESTUDOS SINDICAIS NO ESTADO DO PARÁ

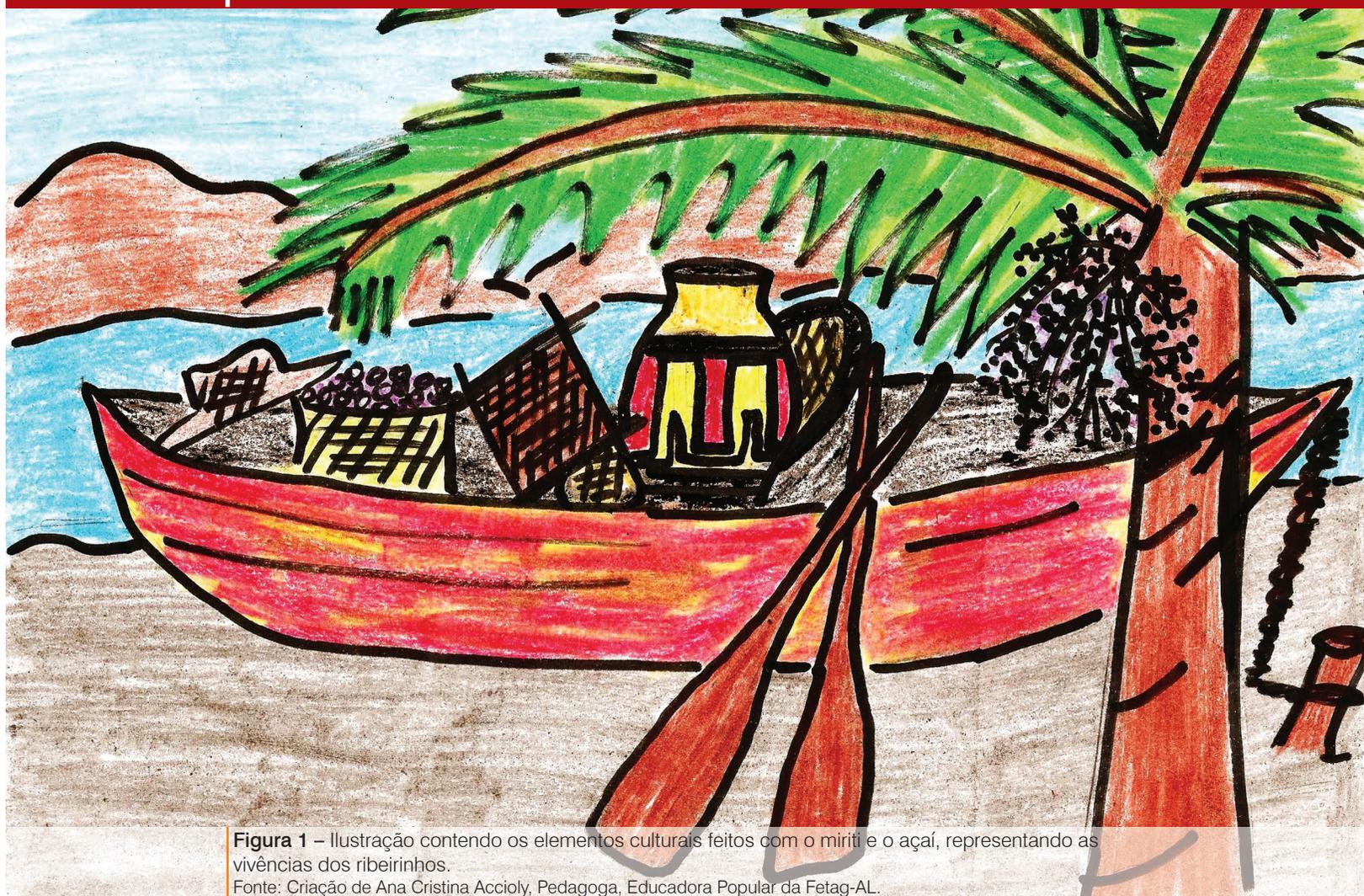


Figura 1 – Ilustração contendo os elementos culturais feitos com o mirim e o açaí, representando as vivências dos ribeirinhos.

Fonte: Criação de Ana Cristina Accioly, Pedagoga, Educadora Popular da Fetag-AL.

Maria Mirian F. Gomes

Agricultora, Educadora Popular da ENFOC

Francisco de Assis Solidade da Costa

Sec. de Formação e Org. Sindical da FETAGRI-PA

Helena Ferreira Cruz

Educadora Popular, Assessora da Secretaria de Formação da FETAGRI-PA



Foto 1 – Encontro do GES em Uruará, região da Transamazônica.
Fonte: Arquivo Fetagri-PA. Foto: Simone Pilonetto.

Foto 2 – Encontro do GES em Uruará, região da Transamazônica.
Fonte: Arquivo Fetagri-PA. Foto: Francisco de Assis Solidade.



Foto 3 – Encontro do GES da comunidade Borba do Gato em Tailândia, Regional Guajarina.
Fonte: Arquivo Fetagri-PA. Foto: Dulcilene Gaspar.

Foto 4 – Encontro do GES da comunidade Perpétuo Socorro - Projeto Seringa, em Tailândia, Regional Guajarina.
Fonte: Arquivo Fetagri-PA. Foto: Mirian Gomes.



COLABORADORES | Alexandre | Cristina | Rafael | Maria José | Izabel | Irisnalda | Zequinha | Simone | Adriano | Antônio Pedro | Joselito | Deuzivania | Vilma | Leda | Joyce | Antônio Jorge | Dulci | Rosandra.

1. Introdução

O conto que produzimos com esta sistematização não é uma simples história. É algo incomum a muitas produções que nos acostumamos a ler em nosso cotidiano. Distingue-se primeiro pela própria forma de construção do texto, que parte de uma concepção diferente de escrita, ou seja, vê a escrita como resultado de um esforço coletivo que combina momentos de reflexão e produção individuais, com momentos coletivos. Nestes últimos, ocorre o diálogo entre vozes que provêm dos diversos sujeitos que vivem a prática que está sendo sistematizada. No presente caso, a prática corresponde à formação político-sindical de um coletivo que vai se constituindo ao integrá-la e também ao relatá-la e contar a própria história. Sem dúvida, este é um processo desafiador e também muito rico pelas aprendizagens geradas, socializadas e pela forma como o coletivo se manifesta, construindo um texto que traz sentimentos, percepções, jeitos diferentes de pensar uma mesma coisa, isto é, a formação de trabalhadores e trabalhadoras rurais.

Nesta sistematização, o que foi vivido é contado por sujeitos “desconhecidos” pelos rostos, mas “conhecidos e reconhecidos” pela sua história de

luta e resistência a um processo de desenvolvimento capitalista excludente. Neste contexto, iremos situar, especificamente, o processo formativo de trabalhadores e trabalhadoras rurais do Pará a partir da dinâmica formativa dos GES, frutos da estratégia formativa do MSTTR, criada pela ENFOC.

O Norte do país, em específico o estado do Pará, quando se trata do processo de luta oriundo das organizações do campo, ganha destaque. A memória dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais, colocada à margem da história, seja pelos veículos de comunicação, seja muitas vezes pela própria escola formal, tem nas suas organizações a atuação expressiva de uma forma de educação própria que move mulheres e homens a não se calarem e a se indignarem frente às injustiças e aos desafios proporcionados pelo atual modelo de sociedade que temos.

Contrapondo esse contexto e primando por um MSTTR forte e atuante, em que os sujeitos saibam cada vez mais qual o seu papel, seja nos espaços de atuação do MSTTR, seja na sociedade mais ampla, a Federação dos Trabalhadores/as na Agricultura do Estado do Pará¹ –

¹ Doravante FETAGRI-PA.



FETAGRI-PA por meio da Secretaria de Formação e Organização Sindical, tem se desafiado a investir cada vez mais em um processo de formação de base que possibilite a esses atores se qualificarem politicamente para o enfrentamento da luta em defesa de seus direitos, no fortalecimento da Agricultura Familiar e das organizações sindicais.

Nessa trajetória, a atuação da ENFOC tem sido um espaço que tem favorecido essas discussões, problematizando, animando os processos e, ao mesmo tempo, revitalizando a luta, principalmente, no que diz respeito ao [re] pensar a atuação do sindicalismo rural na atualidade, uma vez que as mudanças sociais são constantes e na luta do MSTTR não pode ser diferente.

Contudo, temos que buscar novas formas e ferramentas para o enfrentamento do atual projeto hegemônico, em constante renovação, que visa cada vez mais fragilizar a luta e o projeto da classe trabalhadora. Como escreve Semeraro (1999, p. 81), em estudos sobre o pensamento de Gramsci, a classe dominante

[...] para não alterar as relações de desigualdade social e de exploração econômica, estabelece uma hegemonia que, ocultando as contradições estruturais e conciliando interesses opostos, se apoia sobre um consenso manipulado e uma articulação forçada.

A hegemonia das classes trabalhadoras, ao contrário, “não é o instrumento de governo de grupos dominantes que

procuram o consenso e impõem a hegemonia sobre as classes subalternas” (GRAMSCI, Q. 10, § 41, p. 1320 apud SEMERARO, 1999, p. 81), mas é uma relação pedagógica entre grupos que “querem educar a si próprios para a arte do governo e têm interesse em conhecer todas as verdades, inclusive as desagradáveis” (GRAMSCI, Q 8, § 191, p. 1056 apud SEMERARO, 1999, p. 81).

Ao mesmo tempo, é importante reafirmar o processo histórico de luta e resistência no âmbito das políticas públicas, para que fortaleçam e considerem o campo, sua diversidade e seus sujeitos. Para isso, a formação se apresenta como um espaço privilegiado, e não há como dar continuidade à luta descolada de um processo de educação que favoreça as pessoas a pensarem criticamente sobre suas condições de vida e, principalmente, suas formas de superação dos desafios que lhes são apresentados.

Para a superação desses desafios, é fundamental o conhecimento tanto dos processos de dominação, como também dos instrumentos que são criados para mantê-los. Pronko e Fontes (2012) esclarecem como Gramsci compreendeu os “aparelhos privados de hegemonia” para o controle do processo de dominação, mediante o consentimento dos dominados:

[...] organizações nas quais se elaboram e moldam as vontades e com base nas quais as formas de dominação se difundem, generalizando modalidades de convencimento adequadas ao grupo ou fração dominante – convencimento que passa a ser, a partir de então, tarefa permanente e fundamental da burguesia



para fortalecer a sua capacidade de organizar o consentimento dos dominados, interiorizando as relações e práticas sociais vigentes como necessárias e legítimas (PRONKO E FONTES, 2012, p. 390).

No âmbito da formação da ENFOC/PA, os GES constituídos no Estado, como estratégia da “multiplicação criativa”, ou seja, extensão do processo formativo, não como cópia, mas como recriação, têm um papel fundamental na proposta educativa do MSTTR, junto às comunidades rurais. Com o propósito de realizarmos uma reflexão aprofundada sobre esse fazer, temos como objeto de estudo a ser problematizado *As experiências dos primeiros GES no Pará, seus desdobramentos na construção dos novos grupos de estudos, com ênfase no jeito de fazer.*

A necessidade da sistematização da prática apoia-se na compreensão de que, uma vez em contato com o processo de luta dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais no país, será cada vez mais importante, para aprofundá-lo e ampliá-lo, que as práticas sejam narradas e analisadas. A sistematização, ao possibilitar que isto aconteça, estará contribuindo para afirmar um processo histórico de luta desses sujeitos e, ao mesmo tempo, demonstrar como eles criam estratégias para sua própria formação.

Nesse sentido, dentre as várias formas de fazer, de resistir aos processos impostos pelo poder dominante, na prática dos agricultores familiares, hoje, o que se manifesta são ações em

que a passividade e o consentimento cedem lugar a um fazer de resistência, respaldado pela formação político-ideológica nos diversos espaços da vida.

Mediante esse pressuposto e dialogando com o Itinerário Formativo vivido por meio da ENFOC no estado do Pará, é que se reafirma a necessidade de dar visibilidade à estratégia de integração entre o processo de lutas, formas de organização, fazer pedagógico e educativo próprio dos camponeses, fundamentado na Educação Popular.

Assim, levando em conta a estratégia formativa dos GES –, e sendo esta uma finalidade que assume destaque no fazer da ENFOC, é que temos a intencionalidade política de conhecer como esses grupos de estudos no estado do Pará ressignificam o processo de formação e luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais na base. A iniciativa de sistematizar tem como propósito não apenas registrar a experiência vivida na prática pedagógica do cotidiano desses grupos, mas também verificar como eles se constituem, como vêm contribuindo para a transformação das vidas dos sujeitos e das formas de ser e organizar as comunidades e como são geradas aprendizagens no decorrer da atuação dos GES.

Ainda cabe ressaltar que, refletir sobre esses fazeres nos possibilita visualizar caminhos de superação para os principais desafios do sindicalismo rural na atualidade, como: identificação



dos principais problemas e desafios enfrentados pela classe trabalhadora; enfrentamento político dos problemas com clareza do posicionamento político a ser tomado; contribuição para que os trabalhadores/as se tornem mais conscientes; desvelamento e superação das práticas autoritárias em nossas organizações; reivindicação de políticas públicas que dialoguem com as reais necessidades do campo e ainda a compreensão do PADRSS² pelo conjunto de trabalhadores/as rurais.

Outro fator que nos leva a refletir sobre essa prática é também acreditar que esses locais de formação se constituem como novos espaços de sociabilidade, possibilitando às comunidades cultivar o diálogo, novas relações e interações sociais, que se convertem em espaços de discussão sobre os principais problemas e limites das comunidades, o que contribui na tomada de decisão e na reflexão sobre direitos que regulam a vida no campo e sobre um projeto de sociedade que dialogue com os anseios dos trabalhadores/as.

Nesse sentido, reafirmamos o PADRSS como estratégia fundamental para protagonizar a luta. Os grupos de estudos se configuram como um fazer que é parte desta estratégia de atuação sobre o processo histórico, alimentam o

fio condutor de manutenção do MSTTR presente na base, haja vista que as origens do sindicalismo se fizeram, fundamentalmente, num contexto de mobilização de base. Para tanto, sistematizar estas experiências é afirmar e reafirmar um fazer pedagógico e educativo construído coletivamente com e junto aos trabalhadores e trabalhadoras rurais.

A sistematização poderá, ainda, gerar atividades, instrumentos e produtos muito importantes como a elaboração de materiais didáticos (voltados a dirigentes sindicais, militantes e simpatizantes da luta do MSTTR) que, ora questionam, ora reafirmam a prática. Este conjunto de elementos poderá contribuir nos momentos de discussões, favorecendo o desvelamento de concepções e *jeitos de fazer* das comunidades camponesas.

Definimos, portanto, grandes objetivos com a sistematização, tais como: a) *refletir sobre a construção dos GES como estratégia de mobilização, organização e animação das comunidades de base sindical visando ao fortalecimento do MSTTR;* b) *analisar como os GES contribuem para o protagonismo dos trabalhadores/as, no chamamento de novas lideranças sindicais e na afirmação de um novo jeito de fazer sindicalismo no campo;* c) *e refletir como o GES tem se constituído como espaço de discussão e problematização da realidade, contribuindo para a construção de aprendizagens individuais e coletivas, para o repensar da luta sindical.*

² Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário - projeto defendido pelo Movimento Sindical de Trabalhadores/as Rurais que “afirma para a sociedade a importância social, econômica do meio rural para o desenvolvimento sustentável e solidário, o que só é possível com gente no campo em condições de produzir, comercializar e viver com dignidade [...]” (ver mais em anais do 10º Congresso Nacional dos Trabalhadores/as Rurais, 2009).



Temos como eixo temático *Como as experiências de GES estão sendo desenvolvidas e como elas estão impactando e podem impactar a realidade das comunidades rurais e a vida dos seus participantes*. Ainda construímos algumas perguntas que orientarão o trabalho, sendo elas: a) Que estratégias da formação favorecem a construção dos GES? b) Como os GES têm se constituído? c) Quais os principais elementos que potencializam a construção dos GES? d) Quais os principais desafios na prática de GES e quais as principais formas de superação das dificuldades? e) Como a prática dos GES impacta, contribuindo para a qualidade de vida dos sujeitos? f) Como os GES favorecem a transformação da realidade tendo em vista os aspectos socioeconômicos e ambientais? g) De que forma a estratégia formativa dos GES contribui na afirmação da cultura local e regional? h) Como o GES se constitui como elemento de presença do MSTTR na base? i) Como a experiência dos GES em funcionamento se reflete na construção dos novos GES, tendo em vista sua organização pedagógica, tempos, espaços e metodologias?

Como parte da metodologia utilizada para a coleta das informações necessárias à elaboração das narrativas, recorreremos aos principais registros, resultantes dos encontros dos GES, como: relatórios, diários de campo, falas e depoimentos, fotos, anotações de observação de atividades, listas de presença e formulários.

A opção por esses instrumentos se deu por acreditarmos que os relatórios e diários de campo terão muitos elementos que ajudarão nessa construção. Também faremos uso das falas dos sujeitos participantes dos GES – educandos/as e animadores/as –, pois consideramos que seus depoimentos darão vida às narrativas e possibilitarão aos participantes exporem suas compreensões a respeito do processo vivido, aprendizados individuais e coletivos, saberes partilhados etc.

Ainda consideramos as imagens (fotos, especialmente) como instrumento de grande relevância na afirmação e visualização das atividades realizadas, principalmente por retratar os momentos assim como foram realizados, e também por fomentar a decodificação dos mesmos.

Realizamos também momentos de observações e, principalmente, de contatos mais próximos da coordenação com os sujeitos da sistematização, integrantes dos GES, uma vez que o diálogo pode trazer novos elementos que, possivelmente, os registros escritos não darão conta de demonstrar. Neste sentido, nos reportaremos à prática de diálogo com as pessoas que animam os grupos, por compreendermos que elas poderão contribuir com profundidade nas reflexões sobre a prática realizada nas suas dimensões organizativas e pedagógicas.

As reflexões estarão organizadas em tópicos, com destaque para a temática GES e sua intencionalidade



política e pedagógica. Posteriormente, falaremos de como a prática dos GES está sendo realizada no estado do Pará, trazendo, em destaque, seus desdobramentos, formas de ser, como se manifestam num jeito de educação de base. Estaremos agrupando as perguntas orientadoras para esta reflexão.

Ainda poderão ser realizadas algumas reflexões, tais como: Como os grupos de estudos podem ser instrumento de empoderamento e protagonismo dos sujeitos na afirmação de novas formas de enfrentamento do projeto capitalista para pensar o sindicalismo?

Falaremos dos GES como espaço de aprendizagens individuais e coletivas, mas, principalmente, de proposição e fortalecimento das lutas. Podemos também perguntar se chegam a desempenhar um papel contra-hegemônico na formação dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, em suas comunidades

Por último, apresentaremos alguns desafios a serem superados na prática dos GES e, em “para não concluir”, vamos sugerir questões para continuarmos pensando, refletindo e praticando.

2. Os GES em processo: vivências da formação

Quando tratamos de formação, seja ela escolarizada ou proveniente de um processo de educação não escolarizada, sabemos que é uma tarefa desafiadora, visto que sua eficácia está condicionada ao entendimento dos sujeitos sobre a proposta pedagógica que a orienta e a intencionalidade política que ela se propõe.

Em razão disso, no movimento sindical, podemos muitas vezes nos deparar com situações desconfortáveis tais como a má interpretação do processo formativo por

algumas lideranças e dirigentes que, muitas vezes, não compreendem a proposta; outros, por não acreditarem no potencial formativo, promovendo esta prática a uma ação de forma rotineira. Isto pode gerar um conjunto de divergências políticas decorrentes das concepções dos dirigentes que estão nas coordenações das organizações sindicais.

Ao falarmos dos GES, embora estes se configurem como espaços que primam por realizar momentos de estudos e



debates a partir de temas sobre os principais desafios da realidade dos trabalhadores/as, sabemos que não se resumem a isso. A materialização destes traz entre suas potencialidades a capacidade de consolidar um processo de mobilização das comunidades que, ao refletirem sobre suas reais condições de vida no contexto do campo, podem elaborar estratégias de como lidar com as situações postas e como promover a organização para a ação. Nesse sentido, recorrendo às reflexões de Freire (1979), ele nos alerta que “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim pode transformá-la” (p. 16).

Quando falamos de GES, é necessário nos reportar e refletir sobre a educação da qual estamos falando e propondo. Para tanto, deixamos claro que os GES trazem, na sua prática pedagógica e educativa, uma formação política que se propõe a contribuir com os sujeitos *da* e *em* formação, para que desenvolvam clareza de orientação em suas ações, de forma a conseguirem superar os desafios postos pela realidade social, primando pela tomada de decisão de forma autônoma e consciente.

Diferente de um “fazer frio”, desenvolvem atividades ou processos como um “fazer vivo” com pessoas, sujeitos que têm nome, identidade individual e coletiva, que têm um jeito específico de ser, fazer, organizar, de produzir, elaborar coisas, ideias. Orientados por isso, os participantes dos GES trazem para seus encontros as histórias de vida e

lutas, conquistas e, principalmente, de resistência e os seus diversos jeitos de ser, fazer e agir que os levam à construção de uma identidade coletiva de trabalhadores e trabalhadoras rurais.

Assim, os GES, como espaço construído para a reflexão e proposição, tendo a formação como centro, reúnem elementos para pensar os demais processos do MSTTR. É um espaço de problematização sobre a ação praticada, e também local de mobilização de base, de estudo sobre a comunidade, sobre os desafios da luta por direitos fundamentais dos trabalhadores/as rurais.

O aprendizado dos direitos pode ser destacado como uma dimensão educativa fundante para os movimentos sociais que colocaram a escola como um dos direitos dos povos do campo. A luta pela terra, pela água, pela floresta, pela soberania alimentar vem articulada ao direito à saúde, à moradia, à segurança, à proteção da infância, ao meio ambiente, à vida. Revelam à teoria e ao fazer pedagógico a centralidade que tem a luta pela humanização das condições de vida nos processos de formação do ser humano (SILVA, 2006, p.85).

Não é um processo educativo qualquer, pois se trata de espaço de orientação para a continuidade da luta, fortalecimento da organização, afirmação da história de vidas, de identidades individuais e coletivas no MSTTR. Neste sentido, identidade compreendida como elemento simbólico em que sujeitos se reconhecem enquanto pessoa ou grupo, conseqüentemente negando um outro grupo social, “aquilo que é e aquilo que não é” (SILVA et al, 2000, p.74).



3. As experiências dos primeiros GES no Pará e a construção dos novos grupos de estudos, com ênfase no jeito de fazer

O primeiro contato dos dirigentes sindicais do Pará com os fazeres da ENFOC acontece em 2006. Desde então, a escola tem ampliada a sua atuação no estado. Os GES, como uma das principais preocupações da Escola nos estados, no Pará não foi diferente. Até a construção dos primeiros GES, muitas foram as reflexões no sentido de tentar compreender o desenrolar que esta prática poderia ter nas comunidades e no interior das organizações sindicais nos níveis da federação, STTRs, delegacias sindicais, associações, cooperativas etc.

Diversas ações foram também realizadas, uma das quais consideramos central: a reinvenção

do Itinerário Formativo³. Primeiro, pela realidade geográfica e política do nosso Estado, tendo em vista suas diversas particularidades territoriais e de sujeitos. Segundo, por uma singular compreensão político-organizativa do processo.

Os primeiros GES no Pará iniciam suas atividades em 2010, no município de Tailândia, na regional da Guajarina. Faremos sempre referência a esta iniciativa por ser uma das pioneiras e, sobretudo, por considerarmos sua

³ Ver sobre isso em O Itinerário Formativo reinventado: a atuação da ENFOC, a experiência do Pará. In: **Multiplicação Criativa, um entrelaçar de práticas e saberes**. Organizadoras Iara Lins, Elza Falkembach, Raimunda Oliveira. - Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura - Contag/ Escola Nacional de Formação da Contag - ENFOC, 2012.

Foto 5 – Encontro do GES da comunidade Perpétuo Socorro - Projeto Seringa, em Tailândia, Regional Guajarina.
Fonte: Arquivo Fetagri-PA. Foto: Mirian Gomes.

Foto 6 – Encontro do GES da comunidade Perpétuo Socorro - Projeto Seringa, em Tailândia, Regional Guajarina.
Fonte: Arquivo Fetagri-PA. Foto: Rosa Catarina.





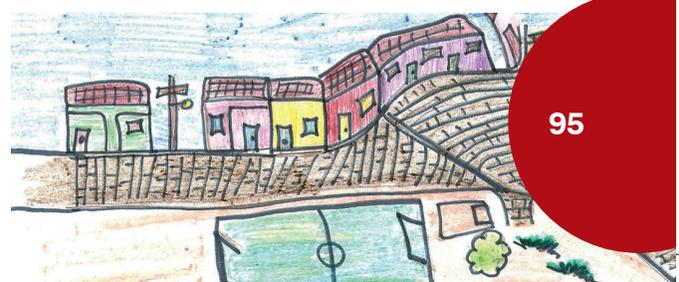
Foto 7 – Encontro do GES da comunidade Borba do Gato em Tailândia, Regional Guajarina/2012.
Fonte: Arquivo Fetagri-PA. Foto: Dulcilene Gaspar.

grande importância na consolidação de outros grupos de formação de base no Estado, em períodos subsequentes. É também necessário lembrar que o avanço dos GES nessa região se deve ao fato de ser ela uma das regionais onde foram realizadas as primeiras vivências, em âmbito municipal, da ENFOC – o Itinerário municipal do estado do Pará.

As atividades se realizam a partir da participação de lideranças sindicais da regional que, ao passarem pelos Itinerários da ENFOC no estado – turma estadual, regional e municipal – foram, durante os processos, estudando e amadurecendo a ideia da construção dos grupos de estudos nas suas comunidades. “Encerrados” esses primeiros momentos dos cursos, cada participante teve como compromisso “assumido” construir os GES nas comunidades.

O primeiro passo foi conversar com as comunidades que representavam sobre a existência de uma escola de formação política do MSTTR – a ENFOC –, falando de seus objetivos políticos e pedagógicos (breve apresentação da Escola) e qual a sua importância no contexto da luta e organização do MSTTR. Este passo aconteceu, portanto, na criação dos GES no Estado, como o depoimento a seguir informa:

No início foi uma reunião com umas 20 pessoas. Debates sobre o sindicalismo, sobre a juventude, teve um diálogo bem esclarecido sobre a Escola, a ENFOC e, no final, a diretora do sindicato fez uma pergunta: quem gostaria de participar? Daquela reunião de 20, apenas cinco pessoas se disponibilizaram a participar. Aí, dos cinco anotei o nome deles, depois fiz uma visita a eles para conversar sobre os próximos passos; aí a gente marcou os primeiros encontros sempre aos sábados



de 15 em 15 dias. No início da atividade, sempre variava o número de participantes; os que participavam diretamente sempre iam convidando outras pessoas; às vezes vinha muita gente, outras apenas os cinco. Algumas vezes, eu ia e não aparecia ninguém. É um processo que a gente sempre senta pra ver o que tem que ser melhorado e ver se nessa parte a gente se deu bem. Nisso, algo que deu certo e é interessante é o intercâmbio dos jovens dos GES com outras comunidades que ainda não têm grupos. Eles vão e falam da nossa experiência, eles são sempre convidados para fazerem isso, as pessoas querem saber o que é mesmo GES, como está o grupo. Essa dinâmica de fazer a primeira visita, na vicinal 14 a gente foi, também, para conhecer. A gente deu o jeito de ir. Nos outros momentos, o sindicato já apoiava também a iniciativa (Irisnalda – Animadora do GES da comunidade Bom Jesus/Tailândia).

Os estudos se iniciaram no município de Tailândia, portanto, com dois GES em 2010, tendo como participantes 20 pessoas, reunindo homens, mulheres e jovens. Destes, alguns eram e ainda são da direção do sindicato, lideranças das comunidades e sócios do STTR de Tailândia. Havia também os não sócios, entre os participantes dos GES que, no decorrer do processo, alguns vieram a tornar-se sócios do sindicato. Mesmo começando como uma tímida iniciativa, esses primeiros momentos de construção dos GES representaram o reinício de uma história no processo de organização de base e mobilização dos trabalhadores/as rurais.

Nesse contexto, quando falamos da construção dos GES como instrumento do processo de multiplicação criativa

da ação da ENFOC nos estados, nos referimos principalmente a um momento e a um processo que se configuram como nova atuação do Movimento sindical, tendo a ação cotidiana sindical como aproximação do contexto dos trabalhadores/as e superação das lacunas que, de alguma forma, causam o distanciamento entre os trabalhadores/as na base, os dirigentes e lideranças e suas organizações representativas da classe.

Com essa finalidade, temos que refletir sobre os elementos que motivam as pessoas a quererem fazer parte desta proposta pedagógica e educativa da ENFOC. Sobre isso, a luta por melhores condições e qualidade de vida no campo, mesmo não sendo a única, ainda é uma forte bandeira que se destaca. Por sua vez, a força organizativa dos movimentos sociais, em específico do MSTTR, nos confirmam que não há como fazer luta a não ser de forma coletiva.

Nesse sentido, as demandas variam de contexto para contexto, e o que não se pode perder de vista é que as “realidades” estão em constante transformação. No sindicalismo, não é diferente, o que requer de dirigentes e lideranças sindicais estarem atentos e sensíveis para buscarem novas ferramentas para a resistência e continuidade das lutas. Neste caso, o processo formativo da ENFOC no Pará tem sido um importante instrumento, visto ter possibilitado aos dirigentes irem para além do fazer prático, teorizarem aquilo que fazem de modo a replanejar como fazem.



PARÁ

Sobre isso, fazer luta significa conhecer a realidade, saber quais as principais necessidades dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, que elementos unem e mobilizam o coletivo. Assim, os GES ganham vida e concretude quando se estabelecem como um canal de diálogo e aproximação da base com as organizações representativas e trazem, para o centro do debate, a realidade onde as pessoas vivem, criam necessidades e demandas e isso, necessariamente, motiva as pessoas a participarem, construir e se sentirem parte do processo.

Antes de criarmos os GES, vinha batendo nesta tecla: qual a forma melhor de se organizar? Era criar o grupo de estudo e, pelo pouco de tempo que criamos o GES, na minha opinião, o GES foi uma forma de contribuir sim com as nossas organizações, principalmente, das nossas bases. Depois que criamos o nosso grupo, tivemos várias ideias diferentes mediante o que o grupo fala, também ajuda nas cobranças dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, e o melhor, cria-se uma dinâmica de integração e conhecimento das realidades vividas em nossas bases (Simone Pilonetto – educanda e Animadora de GES em Uruará/Transamazônica).

Para que possamos ter um sindicato autônomo, forte e combativo, precisamos investir em formação. Isso se dá, particularmente, na criação dos GES, nas comunidades rurais, possibilitando a interação e reflexão dos jovens e lideranças sindicais sobre as práticas e vivências dos MSTTRs e, a partir disso, também, construir metodologias que permitam a valorização da identidade camponesa, afirmar as lutas e conquistas do Movimento sindical, os resgates

dos valores éticos e socioculturais, a autoestima das lideranças e coordenações sindicais, construindo, coletivamente, nos grupos de estudos, elementos que possam subsidiar os sujeitos a repensar o presente e projetar o futuro das nossas organizações, contribuindo no fortalecimento da luta sindical, partindo da comunidade. Acredito também que, para que possamos mudar as nossas práticas de atuação frente às organizações do Movimento sindical, precisamos ver e conhecer a realidade que estamos vivenciando hoje nos municípios, estados e, por que não, no Brasil. Isto requer também estudar e, a partir daí, mudar as nossas táticas que não estão contribuindo para o crescimento da organização sindical. Isto se dá discutindo e analisando, juntos com as comunidades, os métodos, as melhores propostas pedagógicas que venham a favorecer elementos que possibilitem a multiplicação e construção de novas práticas de valorização e fortalecimento do STTR. O Grupo de Estudos Sindicais pode impulsionar o entrosamento entre comunidade e lideranças sindicais, porque ele nasce dentro de comunidades rurais, onde estão os trabalhadores/as que precisam de mais atenção dos Movimentos sindicais para que, juntos, possam lutar por uma melhor qualidade de vida (André Luiz Miranda – Sec. de Formação do STTR de Itupiranga, participante de GES).

O GES possibilita uma formação política para os trabalhadores/as rurais, formando lideranças que se compreendam enquanto sujeitos e que também venham a contribuir para o Movimento. Assim, o GES é uma maneira de fortalecer o movimento sindical, uma vez que estudar os problemas da comunidade, juntamente com o sindicato, a federação, a associação, dentro do próprio espaço, possibilita o empoderamento dos



sujeitos. Para tanto, debater e refletir contribui com a comunidade a lutar com firmeza para conquistar seus ideais e não se permitir serem alienados. Através dos GES, podemos formar novas lideranças que contribuam com o processo de base e das nossas organizações, visando, principalmente, à melhoria da comunidade (Deuzivânia Laurinda de Almeida – participante e Animadora de GES no Projeto de Assentamento Alegria/Marabá).

Diante do que se observa, principalmente, nas narrativas dos educandos/as, a atividade do GES tem propiciado outra dinâmica organizativa nas comunidades, assentamentos e acampamentos, dando novos significados às ações nas comunidades de modo que estes espaços educativos estimulam as pessoas a se reunirem para estudar, conversar, falar dos problemas que vivenciam e construir estratégias para superação dos desafios, diferente da realidade organizativa estabelecida na comunidade antes dos GES, como nos lembra o educando:

Antes a gente ia, como se diz, aos *trancos e barrancos*. A gente ia meio que sem rumo. Vamos dizer: o pessoal se reunia mais ou menos antes pra festa, o pessoal vinha mais para essas coisas por causa da festa, de um torneio de futebol... Hoje, não, o pessoal já se reúne sabendo da importância da gente se reunir como grupo (Joilson – educando do GES e coordenador da comunidade Projeto Seringa/Tailândia).

[...] então a ENFOC nos abriu novos leques para a gente saber que direção tomar. O GES mudou a nossa vida e a da comunidade, porque a nossa comunidade é pequena, não tem muitas

famílias, são apenas 15 famílias, porque os fazendeiros foram comprando, mas esse grupo se fortaleceu através do mutirão por isso que é MAP – Mutirão dos Agricultores do Projeto Seringa. E, através da ENFOC, agora nós estamos lutando pela melhoria de estrada e, pelas várias parcerias que a gente encontrou, a gente já vai ganhar nossa estrada, nos já temos a terra arada nesses três anos, tudo é parceria através do sindicato, da prefeitura a partir das discussões a partir da ENFOC (Ana Lucia – Animadora de GES, Projeto Seringa/Tailândia).

A partir dos GES, o que mudou na vida dos jovens? Quando iniciaram as atividades, os jovens tinham outro comportamento [rebeldes/desrespeitosos]. Aí, na primeira vez, quando convidei eles a participar dos encontros, me perguntavam o que era mesmo o GES. Aí eu falava que era um espaço de estudar, onde a gente brincava, mas também falava de coisa séria. Hoje a realidade é outra, os meninos que participam são pessoas excelentes, respeitadoras [...] hoje fazem parte da direção da associação, pessoas que a comunidade não dava nada por elas hoje são respeitadas. Dentro do GES, quem acredita, a gente vê que demos passos grandes. Temos trabalhado no GES a questão de valorizar as habilidades e capacidade que os jovens têm: se é jogar, fazer músicas, poesias, passar informação, ser um dirigente[...] E dar oportunidade, porque, se a gente não der isso pra eles [...] pois muitas vezes estão trancados pra si. Dentro do grupo a gente trabalha. Também isso é mostrar que eles são capazes (Irisnalda – Animadora do GES de jovens da comunidade Bom Jesus/Tailândia).

Também a vivência dos grupos constrói novas relações de comunidade, de vizinhança e de solidariedade coletiva.



[...] então toda quarta-feira nós estamos reunidos. Aí, quando termina o culto, pois somos da Igreja Católica, aí as pessoas vão lá pra casa e a gente faz assim: um traz o café, outro traz um bolinho, um biscoito de goma, então nossa reunião fica tão prazerosa, todo mundo ali conversando como uma grande família que nós somos. Nesta amizade é que a gente se fortalece (Ana Lúcia – Animadora de GES, Projeto Seringa/Tailândia).

Além dos pontos destacados pelos participantes dos GES nas narrativas, novos elementos surgem, os quais consideramos tão relevantes quanto os já citados, porque eles são interligados. Ao ouvir os sujeitos que fazem do GES um espaço de saberes e aprendizagens, percebemos que eles confirmam a importância que esses grupos têm, seja na aprendizagem individual e coletiva, no auto(re)conhecimento de si e do potencial das comunidades em lutar, coletivamente, para que suas demandas e necessidades possam ser conquistadas.

Também nesses espaços, os momentos de discussão têm culminado em muitas conquistas, particularmente, nas comunidades que, de alguma forma, as pessoas já não se mobilizavam numa organização e que, a partir dos grupos, elas colocam as divergências pessoais, de credo e opinião de lado, e conversam sobre as necessidades coletivas, pois, segundo elas, mesmo tendo o Sindicato, muitos só o procuravam à medida que necessitavam de acessar benefícios sociais como salário-maternidade e, em sua maioria, aposentadoria por idade.

Com esse “novo” jeito de se organizar nas comunidades, os grupos têm contribuído também para que as pessoas possam compreender o significado, o porquê de se reunir, reconhecendo o valor da organização, a importância de estarem constituídos. Discutem também sobre seus direitos, o papel do Sindicato e demais instâncias organizativas na reivindicação dos direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais.

A partir dos encontros, dos estudos, fomos criando novas ideias e fomos desenvolvendo e diminuindo o pouco das dificuldades que a gente tinha aqui na comunidade com os ensinamentos e o apoio do sindicato com a força que a gente tinha deles, aí, e socializando com a comunidade. Com o grupo de jovens podemos também fazer intercâmbios de experiências com outros jovens da cidade. A partir dos GES, debatemos a questão de cursos comunitários, já realizamos curso de pintura, horticultura, piscicultura, estamos buscando construir um diálogo sobre a questão de lazer e também a gente está vendo a questão de times de futebol, estamos trabalhando para três times (Irisnalda – Animadora do GES da comunidade Bom Jesus/Tailândia).

Ainda nas construções dos GES, algo a se destacar está relacionado às contribuições que favorecem a consolidação de novas experiências. Neste sentido, essas primeiras ações têm sido um laboratório constante de pesquisa, à medida que a forma como têm sido desenvolvidas traz importantes contribuições para repensar a proposta pedagógica e metodológica dos GES a serem construídos posteriormente.



Nesse fazer, o próprio processo de sistematização das atividades dos GES nas comunidades tem sido uma das inúmeras inquietações na realização da prática. Tem nos possibilitado, contudo, refletir não apenas sobre limites e desafios, mas, sobretudo, repensar as metodologias que possam reorientar a prática.

Sobre isso se destaca a organização mais sistemática dos dados quantitativos e qualitativos sobre os participantes dos GES e as comunidades nas quais eles acontecem. O material proporcionará um diagnóstico sobre a realidade da comunidade na qual os grupos estão se instituindo e ainda nos possibilita conhecer quem realmente são os sujeitos participantes das ações formativas, uma vez que o material traz informações sobre o perfil dos educandos e educandas dos grupos de estudos.

Também uma estratégia ainda em processo inicial está relacionada à formação de equipes de sistematização nas regionais que terão um importante papel na compilação das experiências nessas localidades e na construção de novas estratégias que possam contribuir para a superação dos desafios de sistematização, principalmente, dos aspectos vinculados aos GES, sendo

esta uma forma de garantir os registros e reflexão dos acontecimentos.

Outra lição aprendida é que, na criação dos GES, temos que selecionar os grupos por temática de interesse e até mesmo por faixa etária, uma vez que, mesmo considerando a troca de experiência como aspecto importante das relações sociais, no contexto dos GES isso tem gerado algumas dificuldades, principalmente, com relação à participação da juventude e das mulheres. Isto foi observado nos GES que agrupavam pessoas de diferentes idades, onde se privilegiavam os temas vinculados a determinados segmentos. A exemplo disso, lembramos: quando se debatia sobre financiamentos, quando era discutida a estrutura da associação, tanto a temática quanto a forma como a tratavam, não conseguia a participação de todos.

Nesse sentido, reforçamos: dentre os princípios de construção dos GES, é importante considerar que os grupos, mesmo com uma base comum, trazem suas especificidades. Daí a relevância de refletir sobre as particularidades e necessidades de cada contexto e grupo trabalhado, pois isso influenciará em toda a dinâmica da atividade e, sobretudo, da continuidade da ação na comunidade.



4. O GES como espaço de empoderamento dos sujeitos e das comunidades, afirmando um jeito de fazer sindicalismo no campo

Quando falamos de empoderamento, embebidos pelos ensinamentos de Freire, e referenciando o termo à prática educativa que ocorre nos GES, estamos dando conta da capacidade de mediação desses espaços formativos, no sentido do desenvolvimento do potencial criativo e conscientização dos sujeitos que reúne. Neste sentido, mais do que um espaço que dinamiza, anima, reúne e mobiliza as pessoas a participarem em reflexões e debates, uma das intencionalidades políticas dos grupos, sem dúvida, é a problematização e compreensão dos desafios postos pelas comunidades, tais como: afirmação da luta e do projeto da classe trabalhadora, tendo como referência a agricultura familiar; acesso às políticas públicas que garantam vida digna no campo.

Tais reflexões, debates e tomada de consciência das questões que assumem importância para as comunidades resultam no “empoderamento” das pessoas que vivenciam os GES, uma vez que, em contato com esse jeito de olhar e estudar a sua realidade, lhes possibilitam elementos que embasam a construção de novos aprendizados, sejam individuais, mas, principalmente, coletivos, no entendimento sobre a

luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais na busca por direitos, na medida em que dela participam.

O empoderamento está associado à consciência – à medida que as pessoas vão tomando consciência de si e do seu redor, vão ficando mais fortes para falar e agir sobre ambos e aí entra o que vem: novas relações de comunidade, vizinhança e solidariedade. Passam a ter mais segurança para criar relações sociais e pessoais (GUARESCHI, 2008, p. 165-166).

Uma vez integrando os grupos de estudos, os participantes, durante a formação, através dos materiais discutidos, têm acesso a um conjunto de informações que lhes proporcionam o conhecimento sobre seus direitos, quando, onde e como acessarem, que caminhos seguir, o que os impulsiona a se organizarem para atingir o propósito coletivo.

[...] a importância desse estudo pra nós não dá nem pra explicar, porque a gente não sabia quase nada sobre o Sindicato, sobre a luta do trabalhador, sobre nossos direitos, e hoje a gente já tem uma concepção diferente, um pensamento diferente. Através dos GES, a gente conseguiu mobilizar o pessoal da comunidade sobre o que era mais necessário pra nós aqui, hoje, no momento: estradas, escolas e sobre os



direitos de cada cidadão como escolher bem os candidatos para representar a gente aqui (Joilson/Zequinha – educando do GES e coordenador da comunidade do Projeto Seringa/Tailândia).

As histórias narradas evidenciam como esses espaços estão permeados de intencionalidade de intervir na vida das comunidades, resultando em várias conquistas, e que não tem um único jeito de ser parte dos GES, pois cada educando tem uma forma de ver e estar em um mesmo processo. Também os espaços de estudos cultivam nas comunidades uma maior organicidade interna e clareza política, mormente no que diz respeito à compreensão das estratégias de mobilização, nas conquistas das demandas debatidas em grupo, nos momentos de estudos.

Através do GES, conseguimos fazer uma política mais adequada, acentuada para a comunidade. Pela reivindicação, conseguimos as metas de mutirão, de produção. Hoje nós temos já uma qualidade política da nossa comunidade através do sindicato e esse estudo que nós fizemos, nós planejamos algumas demandas hoje aqui, nós já temos uma pequena indústria para a produção de farinha; isso faz com que a gente prospere e a escola continue acontecendo. O GES é o carro-chefe da comunidade. Atualmente, isso é um fato real e nós só temos de fazer agora mais planejamento, atuar mais nas políticas públicas. Também há o debate para construir estradas, escolas, posto de saúde. Isso já está no nosso planejamento e estamos correndo atrás. O GES foi criado ali por uma necessidade de aglutinar companheiros e de formar companheiros para discutir o que é política sindical, políticas públicas e a produção de lideranças (Zelito – Animador de GES, Projeto Seringa/ Tailândia).

A participação nos GES, impactando práticas individuais e coletivas dos participantes, tem proporcionado maior compreensão do movimento sindical, além de contribuir para a construção das identidades coletivas. Neste sentido, o que impele os integrantes dos GES não decorre, necessariamente, apenas de passarem a conhecer o papel das instituições, suas intencionalidades políticas e organizativas, mas também de conhecer e reconhecerem a importância de se estabelecerem como categoria na reivindicação de políticas essenciais para uma melhor qualidade de vida no campo.

Para tanto, esse entendimento surgido pelo acúmulo de vivências conjuntas, refletidas, coletivamente, nos momentos de estudos, tem propiciado à “base sindical⁴” e às suas organizações maior clareza do processo local de desenvolvimento, das próprias necessidades, o que favorece ter um diagnóstico concreto da realidade e dos desafios enfrentados no campo, colaborando para a problematização das políticas públicas para o conjunto de trabalhadores/as rurais (e das próprias organizações), ou seja, no questionamento e reflexão aprofundada sobre o que é indispensável e o que mais contempla as demandas dos trabalhadores/as.

Contudo, diante do que vivenciamos nos GES, entre os demais resultados

⁴ A denominação **base** não tem conotação pejorativa, é uma forma de nomear **as pessoas que vivem nas comunidades**. Não há homogeneidade de relação delas com o Movimento sindical (incluindo sócios/as e não sócios/as dos sindicatos – participantes ou ainda não participantes das lutas).



que os grupos de estudos têm propiciado à sua base destaca-se o próprio conhecimento destes sujeitos sobre a instituição da qual eles fazem parte, o que torna esses grupos, como já afirmamos, um instrumento de empoderamento. Uma vez conhecendo a estrutura e papel desta organização, estes sujeitos podem cobrar e propor com clareza política, pois, à medida que questionam a própria prática da entidade, forçam esta a redirecionar seus posicionamentos.

Um dos maiores impactos foi que nossos agricultores passaram a conhecer mais o que é o sindicato, pra que ele serve e porque foi criado. E hoje eles sabem chegar até nós e dizer assim: “Olha, vocês estão aí na frente do STTR para administrar isso e pra poder buscar isso pra nós e por esse motivo a gente vem até vocês trazer a nossa reivindicação para que possa ser passada pra frente”. Antigamente eles não sabiam realmente qual era o papel do sindicato, eles achavam que o sindicato era só pra auxílio-doença, aposentadoria, salário-maternidade. Eles achavam que o sindicato era lugar para a terceira idade, não se viam como jovens dentro do sindicato. Hoje eles têm outra visão. Hoje a gente tem o conhecimento que para se comercializar a gente tem que debater em grupo. Para se criar uma cooperativa, a gente tem que se unir e debater por que e para que aquela cooperativa deve ser criada (Dulce – Animadora de GES e Secretária de Jovens STTR de Tailândia).

Mais do que a clareza política sobre os papéis desempenhados pelas organizações do MSTTR, os processos educativos por intermédio dos GES também favorecem o entendimento e afirmação das entidades sindicais

como espaços propositivos de lutas e, principalmente, de iniciativas que têm se desdobrado em ações como geração de renda para as famílias, sendo isto resultado dos grupos. Sobre isto, algumas comunidades já realizam trabalhos coletivos envolvendo homens, mulheres e juventude. Isso se dá a partir da decisão dos grupos em discutirem a organização da produção na agricultura familiar, resultando em atividades voltadas para o cultivo de hortaliças, produção de farinha, atividade com piscicultura, enfim, promovendo sustentabilidade para as famílias, o que reflete também no empoderamento das pessoas ao viabilizar a agricultura familiar camponesa.

Como espaços de reflexão sobre os fazeres práticos do cotidiano no movimento sindical, os GES também têm colaborado nas mudanças de práticas de muitos dirigentes sindicais:

[...] tem muita coisa dentro do sindicato que, quando a gente assumiu, a gente achava que era certo, mas, através da ENFOC, viu que não era certo. Que o sindicato foi criado para reivindicar os direitos e não para defender a questão de previdência apenas, porque a gente tem que reivindicar, a gente não tem autonomia pra fazer e que isso é um dever nosso, mas o nosso dever é de reivindicar melhorias para o agricultor e de reivindicar a Reforma Agrária, a regularização (das terras) e de desenvolver uma Agricultura Sustentável no nosso município. Então isso a formação vem trazendo pra nós, como por exemplo: estamos num apagão e, de repente, as luzes se acendem todas, trazendo esse conhecimento (Dulce – Animadora de GES e Secretária de Jovens STTR de Tailândia).



5. O GES como espaço de aprendizagens e de proposição das lutas

5.1 Um encontro de GES: diário do processo formativo, relatos [...]

Os encontros acontecem geralmente no período da manhã. O espaço é bem variado: abaixo das árvores, na sede da associação e também na escola da comunidade. Os animadores/as são os primeiros a chegar. Trazem consigo o planejamento como os temas, objetivos das atividades, abordagens, material pedagógico e também de estudo e ainda pelo menos um item para a alimentação. Ao chegar, organizam o espaço - cadeiras em círculo, materiais como livros, objetos, produtos expostos como parte da ornamentação do ambiente. Os primeiros educandos/as iniciam a

chegar. Estes também trazem um produto ou para a ornamentação e/ou para alimentação. Antes que todos cheguem, os que já estão no espaço também contribuem na organização dos preparativos.

Organizado o espaço, tendo chegado a maioria dos participantes e no horário estabelecido pelo coletivo, iniciam as atividades. A princípio, o animador/a faz a fala inicial de boas-vindas, propicia um momento de mística, interação, reflexão com poesias, textos reflexivos entre outros recursos (relativo de lugar para lugar).

Foto 8 – Organizando o espaço para a reunião do GES do Projeto de Assentamento Alegria/ Marabá, 2012.

Fonte: Arquivo Fetagri-PA. Foto: Mirian Gomes

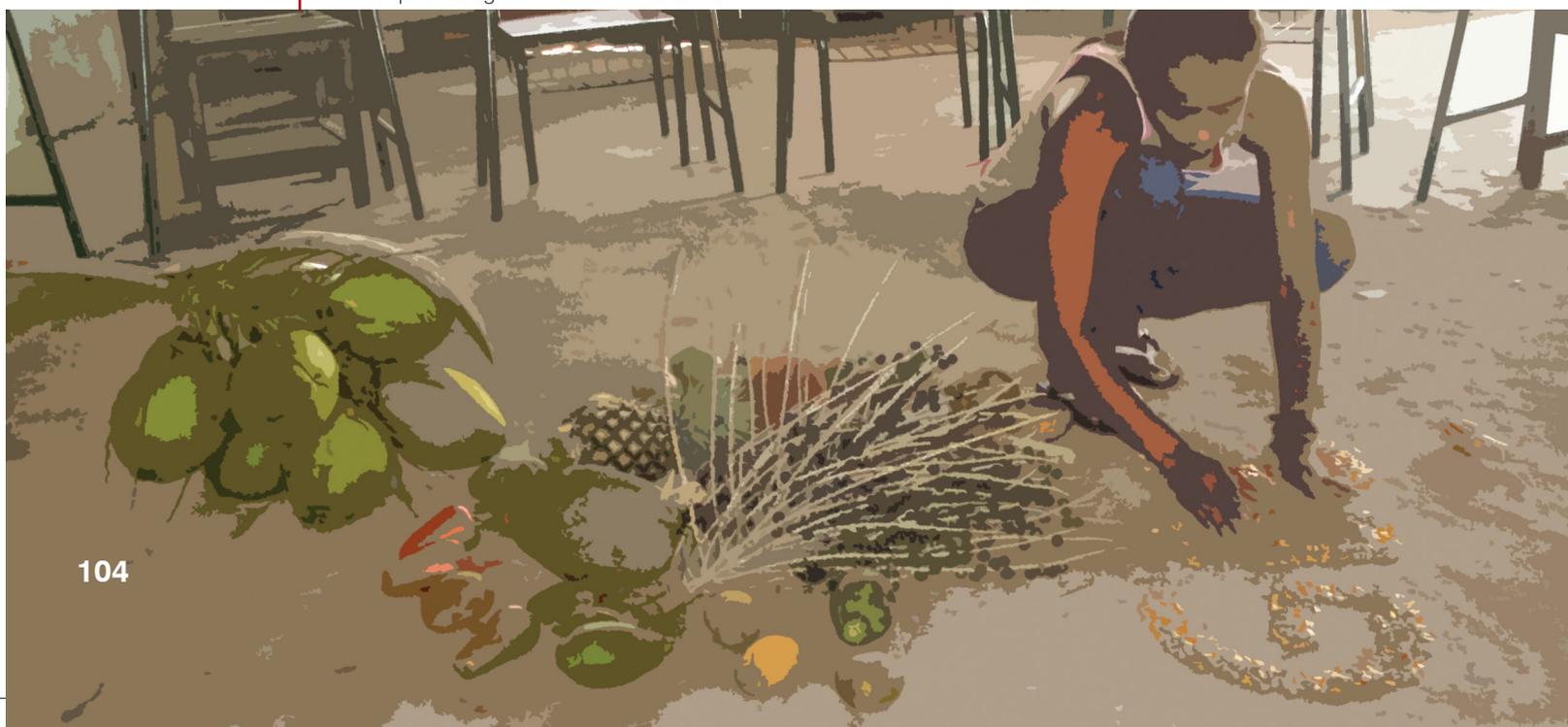




Foto 9 – Reunião do GES do Projeto de Assentamento Alegria/Marabá/2012.
Fonte: Arquivo Fetagri-PA. Foto: Mirian Gomes.

Posteriormente, apresenta a programação e os informes em geral. Os participantes também falam sobre suas expectativas e outras novidades da comunidade. Para início de conversa, se estabelece um diálogo e atividade contínua.

Partem para uma leitura compartilhada do texto sobre o tema trabalhado - tema escolhido

no encontro anterior - para ser debatido. Um lê uma parte, para. Todos debatem e continuam. Uma conversa, o animador entra na conversa e voltam novamente para a leitura [...].

Em meio às atividades, surge uma poesia, uma música, uma brincadeira - na maioria das vezes, elaboradas pelos próprios participantes dos GES.

Foto 10 – Encontro do GES do município de Uruará, região da Transamazônica/2012.
Fonte: Arquivo Fetagri-PA. Foto: Simone Pilonetto.



Ao final da atividade, é reorganizado o calendário do novo encontro - isso considerando uma agenda que pelo menos atenda à necessidade da maioria do grupo.

Para finalizar, é construído um momento de encerramento que envolva os participantes e, posteriormente, sempre tem um lanche coletivo. Mesmo terminada a atividade, durante o lanche, as conversas continuam, durante o período que se alimentam [...].

[Na atividade, há também uma preocupação com os registros: um faz o relato, outro tira uma foto. Ao final, é passada uma lista de presença].

Diante das experiências que se desenrolam nos GES, em contato com limites e desafios políticos e pedagógicos que se constroem na vivência da prática educativa, é inegável que estes espaços são permeados por muitas aprendizagens individuais, mas também coletivas.

O simples ato de reunir e conversar dá a este espaço possibilidade de muitas trocas de saberes, sobretudo, pela diversidade de experiências que se afirma de sujeito para sujeito. Estes momentos, ao longo da caminhada, vão criando diferentes significados de amizade, de luta e construção coletiva, enfim, de novas relações, de

Foto 11 – Encontro do GES da Comunidade Borba do Gato, Tailândia, Regional Guajarina.
Fonte: Arquivo Fetagri-PA. Foto: Dulcilene Gaspar.



sociabilidades, aprendendo a aprender com os mais experientes, como a jovem Áurea nos ensina em seu depoimento:

Minha experiência nesse grupo foi muito boa, porque nele nós aprendemos muitas coisas, tipo o que é uma comunidade, como trabalhar em numa comunidade unida e, principalmente, viver em sociedade. No grupo, debatemos temas que nunca pensamos em debater, tipo inclusão social, políticas sociais no meio rural. Com a escola ENFOC, através desse grupo, eu pude participar do Curso Municipal da ENFOC, mais uma rica experiência estudando junto com os representantes do sindicato. Eles nos ajudaram com seus ensinamentos, nos falaram sobre os tipos de sociedade, cidadania, o que era, debatemos vários temas como reforma agrária e gestão no meio rural. A partir da participação nos grupos, mudei minha forma de pensar. Antes aconteciam as reuniões e eu não ia porque achava que eram coisas para as pessoas mais velhas. Hoje, todas as vezes que tem uma reunião, eu vou, participo, procuro saber o que é. O que é favorável a nós e o que não é. Então hoje eu já tenho aquela curiosidade; além de ir, eu já induzo outros jovens a irem participar também. Hoje a forma de pensar e de agir mudou completamente, eu fico feliz por isso e quero aprender mais (Áurea – participante do GES com jovens na comunidade Bom Jesus/ Tailândia).

Desse modo, a construção no coletivo é, sem dúvida, uma das principais aprendizagens entre as pessoas. O contato com diferentes jeitos de ser, pensar e agir é fundamental no pensar sobre a prática que se desenvolve em diferentes espaços sociais. Desenvolve o que Freire (1997) denominou “curiosidade epistêmica”, ou seja, “[...]

curiosidade metódica, exigente, que, tomando distância do objeto, dele se ‘aproxima’ com o gosto e o ímpeto de desvendá-lo” (p. 42, grifo do autor).

Esses processos também possibilitam as pessoas a buscarem novas alternativas para a superação dos limites que interferem no cotidiano sindical. Assim, colocados diante dos desafios e na busca de estratégias, aprendem na e pela prática, discutindo, posicionando-se, criando metodologias, organizando os momentos formativos. Abrem mão de posicionamentos próprios, ao perceberem que o companheiro propõe algo mais adequado para o momento e situação; negociam, assumem outros posicionamentos, constroem com os outros. Criam uma pedagogia própria que, mesmo tendo elementos comuns a outras experiências, trazem em si particularidades.

Isso é demonstrado na prática de planejamento das atividades formativas em que, mesmo não tendo uma formação específica para tal ação, criam metodologias, buscam alternativas que facilitam o desenvolvimento da atividade, nos momentos que educandos/as – trabalhadores/as rurais – assumem o papel de educador, no sentido de dar continuidade ao processo, entre outros aspectos.

Esses fazeres não trazem aprendizagens pedagógicas apenas, mas principalmente políticas, sabendo que os participantes são instigados a



analisar a diversidade de situações, como acontecem os benefícios e desvantagens às situações da realidade e a se posicionarem frente ao processo vivido. Nessa atividade de reflexão sobre o fazer, estes são impulsionados a recorrerem a processos anteriores vividos, suas experiências de vida e até mesmo a buscarem novos elementos externos que os ajudem a pensar na tomada de decisão.

As aprendizagens nos GES se articulam em dois campos distintos que ao mesmo tempo são complementares: individuais e coletivos. A formação considera os sujeitos naquilo que são, de modo que cada um, a partir de suas experiências, ensina e aprende, na relação com o coletivo, de modo a superar seus próprios problemas e desafios e aqueles que são comuns aos outros.

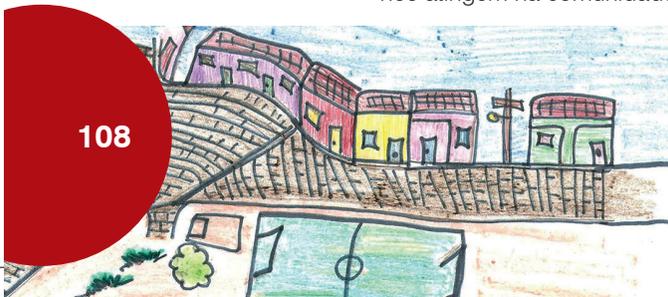
Isso se evidencia à medida que os participantes afirmam que, depois da participação nos GES, passam não apenas a compreender o lado sindical e político, mas que os espaços possibilitam crescerem como pessoas, perderem o medo de se posicionarem frente a uma situação, falarem aquilo que pensam sem medo do julgamento, mas certos de que, coletivamente, vão aprender cada vez mais.

Mudei muito, porque eu era tímida, pra eu falar era uma dificuldade, então, através da ENFOC, comecei a estar conversando com as pessoas. E vi que não é um bicho de sete cabeças a gente sentar e falar da nossa realidade que está acontecendo, quais são os problemas maiores que nos atingem na comunidade. Então,

foi sentando com o próprio povo da comunidade, cada um dando uma ideia, cada um dizendo o que ia fazer. Então, direcionando essa reunião, é que eu me tornei liderança de lá (Ana Lúcia – Animadora de GES, Projeto Seringa/Tailândia).

Em se tratando das aprendizagens coletivas, estas se fazem principalmente no conhecimento do processo de luta e de sua importância na construção de uma identidade individual por meio da ação coletiva; no autorreconhecimento como parte integrante da história de um processo coletivo que afeta fortemente o indivíduo. A exemplo disso, e, ao mesmo tempo, resultando da ação dos GES nas comunidades, os educandos não sócios que participam dos grupos passam a querer se associar ao sindicato, uma vez que compreendem o papel da organização na mobilização dos trabalhadores/as rurais, categoria da qual fazem parte, e percebem que somente organizados podem realizar seus objetivos.

Ainda a esse respeito, o contato com a história das lutas, muitas vezes até então desconhecidas, ao conhecerem as pessoas, passam a ter maior clareza política sobre suas próprias raízes, histórias de resistências e conquistas dos direitos dos trabalhadores/as rurais. Quando compreendemos nossa história, sabemos de onde viemos e isto dá sentido à nossa existência, nos dá um “chão”. Isto se materializa na relação que se estabelece entre os trabalhadores/as rurais e suas organizações: por exemplo, por que se sentir representado em um local e não



em outro? Esta estreita relação entre sujeito e história propicia um jeito de pensar sobre si, sobre a organização e sobre a realidade que o cerca. Neste sentido, o refletir sobre os processos constrói laços de pertencimento à organização, e estes se autoconstróem como sujeitos políticos.

O GES, espaço de valorização dos recursos e dos saberes que as comunidades concentram, é um espaço de estudo que considera as raízes que estabelecem os princípios da educação do campo⁵ e os princípios ou elementos-base trabalhados pela PNF⁶. Ambos discutem a formação numa mesma perspectiva, visto que nascem das concepções da educação popular.

Não há como discutir a realidade camponesa descolada de uma realidade local e do contexto global. Em razão disso, os estudos nos GES levam também ao debate os

⁵ a) formação contextualizada; b) realidade como fonte de conhecimento; c) trabalho como princípio educativo; d) construção coletiva do conhecimento; e) indissociabilidade entre teoria e prática; f) interdisciplinaridade; g) respeito e valorização dos diferentes saberes; h) escola como estratégia para o desenvolvimento sustentável; i) formação para a emancipação humana; j) educandos como sujeitos de conhecimento (RAMOS et al., 2004, p. 37-39).

⁶ a) compreensão do ser humano em sua totalidade; b) permanente abertura aos diversos saberes; c) reconstrução da mística de mudança social; d) permanente articulação entre prática e teoria; e) interdisciplinaridade na abordagem dos conhecimentos; f) formação pluralista, classista, crítica e criativa; g) postura avaliativa e crítica permanente da ação e da prática formativa; h) construção coletiva do conhecimento; i) vivência de relações horizontais entre educador/a e educandos/as; j) fortalecimento das identidades: respeito às diferenças de raça/etnia, geração, gênero e religião; l) memória enquanto um potencial crítico-transformador; m) pesquisa como princípio educativo; n) formação numa perspectiva da ação transformadora (PNF, 2008, p. 32-33).

aspectos condicionantes responsáveis pela construção dos componentes de identidades camponesas, tanto individuais, quanto coletivas. Dão lugar à expressão das culturas e saberes das comunidades expressas de diferentes formas e linguagens. Cultivam identidades. Dão lugar às singularidades.

Nesse sentido, as definições de Freire (1979) cabem ao que se expressa nos GES, como espaços de cultura: “A cultura consiste em recriar e não em repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo” (p. 16). Na mesma perspectiva, Tardin (2012) contribui ao afirmar que

Cultura é toda criação humana resultante das relações entre os seres humanos e deles com a natureza que leva ao estabelecimento de modos de vida. Trata-se da criação e da recriação que emergem daquelas relações em que os humanos, ao transformarem o mundo, simultaneamente transformam a si próprios (p. 180).

Tais elementos se expressam no cotidiano dos trabalhadores/as rurais em diferentes tempos, espaços e ritmos. Isso é evidenciado nas formas como os trabalhadores/as se organizam, nas relações que estabelecem em comunidade a partir de processos de solidariedade, que se opõem ao individualismo e competição capitalistas. Esta solidariedade se expressa nos momentos de dificuldade, mas também nas festividades, quando os trabalhadores/as se reúnem para comemorar datas importantes, na forma e respeito como lidam com a terra e



bens que dela dependem, nos vínculos de vizinhança. Os GES favorecem o fortalecimento desses vínculos, e nos remetem ao diálogo para que isto seja possível.

Assim, reconhecer essa forma de ver e viver a realidade, a forma

como ela se manifesta é também afirmar os sujeitos, suas identidades historicamente forjadas como pessoas que trazem saberes diversos que são ressignificados à medida que se relacionam como sujeitos e com outros sujeitos. Estas são características dos GES.

6. Desafios da prática dos GES e lições aprendidas

Nesta reflexão, buscamos dialogar sobre as experiências de GES no estado do Pará, evidenciando as vivências, os desdobramentos da prática, como esses grupos se tornam espaços de aprendizagens individuais e coletivas e, principalmente, como instrumentos para o fortalecimento da luta na afirmação de um projeto dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais.

Dialogando com os sujeitos que participam dos GES e que contribuíram na costura dessas narrativas, o que podemos dizer é que nesses espaços muitas são as lições aprendidas. Nisso ficou evidente que os primeiros GES foram e continuam sendo experiências,

referências para a construção dos demais grupos, mesmo que cada um posteriormente assumia uma dinâmica própria, tendo em vista suas particularidades e necessidades. Assim, mesmo tendo orientações comuns, eles se manifestam de forma diferenciada, o que torna o processo mais rico.

Os espaços, uma vez construídos, têm se tornado ambientes não apenas de estudo sobre os aspectos condicionantes da realidade dos sujeitos, mas também lócus de interação, trocas de experiências entre fazeres e saberes, de valorização e aprimoramento de habilidades, vivências, espaços de respeito às diferenças, de memórias, locais de



manifestações de solidariedade, afirmação de luta do movimento sindical. Isto se manifesta no conhecer a história, nas campanhas de sindicalização realizadas a partir do contexto de realização dos GES. São aprendizagens individuais e coletivas.

Espaços esses que ultrapassam o simples ato de se reunir, que cultiva a animação, a valorização do trabalho em comunidade, desdobrando em ações que primam pelo coletivo. Espaço onde lideranças e dirigentes das instâncias e entidades do MSTTR podem e devem praticar e rever suas opiniões e posicionamentos desde um processo de escuta sobre o que pensa a base, sobre o que pensa e faz o dirigente sindical.

A sistematização da prática também nos mostrou que as dinâmicas dos GES acontecem de diferentes formas. O que unifica as experiências são os princípios pelos quais estas surgem, que são os pautados pelo PADRSS e pela educação popular. Isto é manifestado nas metodologias, nos conteúdos trabalhados, no jeito de fazer, que difere de uma reunião, pois é discutindo, teorizando e refletindo sobre os fatos que resulta numa ação prática em benefício do coletivo, da comunidade.

Também a sistematização da prática nos proporcionou acompanhar o processo de desenvolvimento dos GES mais de perto. Foram nessas idas e vindas antes e durante os momentos de escuta que percebemos de fato a dinâmica que cada localidade vem

realizando. Este contato nos possibilitou ver os desafios mais presentes na prática, tais como: a sistematização dos encontros e o conhecimento do perfil dos participantes, o que nos levou à decisão de algumas especificidades a realizar, ou seja, organização dos grupos por áreas de interesse e ou faixa etária.

As vivências nos GES, entre os demais resultados, têm propiciado à sua base conhecimento dos trabalhadores/as sobre a organização da qual participam, sua estrutura, seu papel. Em decorrência desse conhecer, cobram mais dos dirigentes e lideranças sindicais; questionam suas práticas. Tais vivências têm possibilitado a chegada de novos sócios aos STTRs com um diferencial: após participar dos GES, estes já se associam compreendendo a estrutura sindical, o papel de cada instância e seus deveres enquanto sócios, visto que, entre os materiais trabalhados nos grupos, também são discutidos os estatutos dos sindicatos.

Ficam evidentes, também, alguns desafios a respeito do diálogo e articulação na criação dos grupos, pois, mesmo havendo um grande número de pessoas que passaram pelo processo formativo visando à construção dos GES, ainda temos resultados incipientes, tendo em vista a necessidade do trabalho de base.

Ainda temos desafios relacionados à sistematização. Há pouco registro, seja escrito ou visual, do que é realizado



durante esses encontros. Também nos deparamos com o desafio de acompanhamento pedagógico por parte das lideranças sindicais.

Embora muitos dirigentes e lideranças estejam na condição de representantes (diretores/as) nas estruturas sindicais do MSTTR, ainda têm dificuldade de reunir a base – realizar os grupos de estudos nas comunidades.

Contudo, feitas as reflexões da prática educativa, a consolidação dos GES no estado do Pará tem nos mostrado que não é uma realidade diferente de muitos outros processos formativos realizados, com acertos, erros, algumas contradições e, sobretudo, a manifestação de uma vontade e capacidade dos trabalhadores/as de superarem barreiras, se libertarem das amarras de quem não se conforma mais em ser objeto, mas sujeito da história, como bem nos lembra Freire (1996, p. 23, grifo do autor): “Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História.

É certo que nesse fazer dos GES temos avanços, no entanto, muito a ser feito também para que possamos consolidar um trabalho de base sólido. Dado à situação e não sendo isto um motivo para desânimo, consideramos ser este um ponto fundamental para uma reflexão honesta sobre a atual situação organizativa do Movimento Sindical de

Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais no estado do Pará, e na região Norte do Brasil.

Sobre isso, diferente de colocar um ponto final nestas reflexões que a sistematização oportunizou, deixamos uma interrogação para que possamos continuar construindo outras narrativas. Como jovem, mulher e militante que muito tem aprendido nesta caminhada, nas vivências contínuas e descontínuas, nas inquietações presenciadas por muitos dirigentes, deixamos às lideranças sindicais uma questão que ainda não conseguimos resposta satisfatória: se a base são os próprios trabalhadores/as rurais, se o movimento são estes sujeitos, como fica a continuidade do MSTTR nos próximos anos, se ainda não conseguimos realizar, na prática, um trabalho de base que dê conta de diminuir as distâncias entre trabalhadores/as e instâncias de representação?

Essas reflexões não são para concluir o que foi dito, mas para continuarmos pensando no sentido de reforçar o compromisso com a PNF, o PPP e o PADRSS. Vivemos, neste início de século, processos sociais que dificultam às pessoas encontrarem elementos de referência para a orientação de suas vidas. Como é o mercado que dita a maior parte das normas e estabelece regras para os comportamentos dos indivíduos, estas normas e regras de um dia para o outro mudam e as pessoas ficam sem ter onde se ancorar. Isto leva ao que os pensadores do social, como Stuart Hall (1998),



denominam “crise de identidades”. No movimento sindical, não estamos livres disto. E o trabalho educativo, como está organizado na ENFOC, pode ajudar-nos a fazer frente a esta crise ou enfraquecimento de identidades, pois estamos criando um jeito de educar – jeito de ser Escola – que vem

gerando uma PNF e um PPP. Estamos criando um jeito de nos contrapormos a esse desenvolvimento, que tem o mercado como centro, acentua e afeta os processos de opressão e exclusão, enfraquecendo as identidades das pessoas e coletivos sociais. Este jeito está delineado no PADRSS.

Foto 12 – Encontro do GES com jovens na comunidade Bom Jesus, Tailândia, Regional Guajarina/2012.

Fonte: Arquivo Fetagri-PA. Foto: Mirian Gomes.





DESAFIOS E PERSPECTIVAS

O sonho de criar condições para a produção e reprodução da vida dos trabalhadores e trabalhadoras rurais que estão presentes no campo brasileiro foi o motor propulsor da caminhada de 50 anos do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais. A Contag, as Federações e os Sindicatos, entidades representativas da classe trabalhadora do campo, assumiram o compromisso de tornar esse “*sonho possível*”. Para isso, tem sido necessário enfrentar problemas, agressões e antagonismos e manter a disposição para a luta, ao caminhar na direção do desejado. Igualmente, tem se tornado indispensável a essas entidades olharem o caminho percorrido de forma crítica, para manterem na memória “uma história”, a “sua história”, dando visibilidade às conquistas e mostrando que o MSTTR é de fato e de direito um fiel defensor de homens e mulheres que vivem no campo e do campo brasileiro. E atestarem, ainda, sua disposição de luta por mais 50 anos...

Quando falamos em “*sonho possível*”, dialogamos com Paulo Freire. O “*sonho possível*” freiriano diz respeito à atitude crítica orientada pela convicção de que as *situações-limites*¹ podem ser modificadas, bem como de que esta mudança se constrói constante e coletivamente” (Freitas, 2010, p. 380).

Esta publicação vem dar visibilidade a algumas conquistas do Movimento, conseguidas por meio da Enfoc, que é chegar às comunidades rurais pela criação dos GES. Apresenta formas de colocar o *pé no chão do campo*, como observamos nas narrativas que a compõem. É também sentir a força da mãe terra, entrar em contato com homens e mulheres que estão na lida do dia a dia, se emocionar, se solidarizar, ao ouvir suas histórias e poder contar partes da história

¹ Situações-limites são obstáculos que se antepõem à caminhada/ação humana, dirigida à mudança (no caso, na direção do sonho possível).



do Movimento, fortalecendo sua credibilidade e levando uma perspectiva de futuro aos seus representados.

Vale ressaltar que esse processo investigativo, que aborda a construção, funcionamento e desdobramento da ação de GES em quatro estados do país, reafirma mais uma vez a importância de continuarmos com a sistematização enquanto prática educativa e em processo. Em cada construção coletiva, tem sido possível olhar de forma crítica para a caminhada de alguma iniciativa da Enfoc/Contag, acolher as conquistas e traçar novos caminhos para que o Movimento se fortaleça e realmente seus sonhos.

São muitos os desafios a serem perseguidos pela Escola e,

consequentemente, pelo MSTTR (Confederação, Federações e Sindicatos). É preciso que o MSTTR assuma a PNF como uma estratégia que favoreça a consolidação do PADRSS e não se apresente apenas como um assunto específico das Secretarias de Formação e Organização Sindical da Contag, das Federações e dos Sindicatos.

Que se mantenha um Movimento Sindical que cria espaços para que sua militância adquira conhecimentos, analise suas práticas sindicais, promova mudanças na vida do campo e se empodere com esse engajamento. Que pode ter à frente novos problemas e desafios, traçar novas rotas, mudar estratégias, a cor e o sabor do seu fazer político-sindical, mas jamais morrer.



REFERÊNCIAS

ALAGOAS

Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

MORIN, Edgar. **O método 5**. A humanidade da humanidade – a identidade humana. Trad. Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SANTO, Maria Inez do Espírito. **Vasos Sagrados: mitologia indígena brasileira e o encontro com o feminino**. Rio: Rocco, 2010.

MARANHÃO

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. Educação em movimentos sociais: construção coletiva de concepções e práticas educativas emancipatórias. In: Reunião Anual da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 28, 2005, Caxambu/MG. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/gt06.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2012

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio: Paz e Terra, 1987.



_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

TORRES, Alfonso C. **Educación popular:** trayectoria y actualidad. Bogotá: El Buho, 2008.

SERGIPE

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Porto Alegre: Artmed, 1996.

_____. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Conscientização. In: STRECK, Danilo; REDIM, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 99-100.

GUARESCHI, Pedrinho. Empoderamento. In: STRECK, Danilo; REDIM, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 165-166.

LIRA, Socorro. Tema d'um brinquedo chamado viver. In: LIRA, Socorro. **Cantigas.** São Paulo: Tratore, 2001. 1 CD. Faixa 1.

_____. Cantiga de História. In: LIRA, Socorro. **Cantigas.** São Paulo: Tratore, 2001. 1 CD. Faixa 8.

_____. Pra minha aldeia (boi-de-reis). In: LIRA, Socorro. **Cantigas.** São Paulo: Tratore, 2001. 1 CD. Faixa 4.

ROSSATO, Ricardo. Práxis. In: STRECK, Danilo; REDIM, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 331-332.

PARÁ

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS NA AGRICULTURA. **Política Nacional de Formação – PNF.** Brasília: CONTAG, 2008.



_____. **Anais do 10º Congresso Nacional de Trabalhadores/as Rurais**. Brasília: CONTAG, 2009.

_____. **Multiplicação Criativa, um entrelaçar de práticas e saberes**. Iara Lins, Elza Falkembach, Raimunda Oliveira (Orgs.). Brasília: CONTAG/ ENFOC, 2012.

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES /AS NA AGRICULTURA DO ESTADO DO PARÁ. FETAGRI-PA. **Relatórios e documentos**, 2010/2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12. ed. Rio: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio: Paz e Terra, 2003.

GUARESCHI, Pedrinho. Empoderamento. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 165-166.

PRONKO, Marcela; FONTES, Virgínia. Hegemonia. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Orgs.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

RAMOS, Marise Nogueira, MOREIRA, Telma Maria, SANTOS, Clarice Aparecida. **Referenciais para uma política de educação do campo**: caderno de subsídios. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2004.

SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e a sociedade civil**: cultura e educação para a democracia. Petrópolis: Vozes, 1999.

SILVA, Maria do Socorro. Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo. In: CASTAGNA, Molina, Mônica (Org.). **Educação do Campo e pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. (p. 60-93).



SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart e WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

TARDIN, José Maria. Cultura camponesa. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Orgs.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

